

femme fatale
CISME FERIDO

FRANCINE
CÂNDIDO



CISNE FERIDO

FRANCINE
CÂNDIDO

Copyright © 2020 Francine Cândido

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Capa **Lola Salgado**

Edição **Guta Bauer** | **Increasy Consultoria Literária**

Revisão **Clara Alves**

Diagramação **Clara Alves**

Francine Cândido é autora agenciada pela Increasy Consultoria Literária. Para mais informações sobre seus trabalhos entrar em contato no contato@increasy.com.br.



Este livro pode conter gatilhos de suicídio.

Prólogo

Envelhecido. O meu rosto encara o espelho. Vestido preto batido, esquecido havia anos no fundo do guarda-roupa. Um ano de merda. E ali estava o tecido preto. Servindo em um corpo definhando. Inspiro. Expiro. A psiquiatra sugeriu que eu fizesse isso, para conseguir me lembrar de respirar. Toco a escova, vejo os fios louros que permanecem ali. Muitos caíram. Sucumbiram. Uma previsão de como estarei amanhã. Após a minha irmã ser enterrada.

— Imaginei que te encontraria aqui. — O homem alto entra. Distintivo preso ao cinto. Ele tenta se aproximar, me envolver em seu abraço. Me afasto. Claudio cruza os braços.

Qualquer tentativa de interação é um ato asqueroso.

Me causa repulsa.

— Como você está se sentindo? — Ele meneia a cabeça, e seu cabelo castanho balança. Não está preso como das outras vezes.

— Como se minha irmã tivesse morrido. — Passo a escova nos fios. Meus olhos azuis estão obscurecidos depois de tanto chorar.

Ele suspira. Faz isso para não revidar as frases ríspidas que solto. Não consigo disfarçar. Tratá-lo assim é o mais perto da verdade que chego. E a verdade é que já não o amo mais. Quem diria que mudaríamos. Que nos afastaríamos. *Ele não merece ódio, fui eu quem me afastei*, penso comigo mesma quando a escova engata em um nó nas madeixas longas. *E agora, sou covarde demais para acabar com isso.*

— Trouxe as coisas que estavam com a sua irmã. — Usa aquele tom prático de falar. É a profissão. Deixa as pessoas insensíveis. Viro. Observo a barbicha no queixo furado dele. Daria tudo para arrancar aquilo. — Acho que você vai saber o que fazer com tudo.

— Claro. — A palavra é um nó na garganta. O colar em formato de coração reluz quando me mexo. Um relicário de ouro branco. Desgastado. Com um cisne desenhado na superfície. — Obrigada.

Ela tinha um negro. Nosso presente uma para a outra.

Que porra, Odete, penso. E me arrependo. Não podia falar palavrão por causa das crianças. Lembro que antes de visitá-los eu repetia no carro: Porra não. Porra não. Porra não. Fui uma péssima tia. Tarde demais para porra não.

— Me preocupo com você e sua família, sabe disso. — Odeio quando meu marido tenta ser generoso. Está longe do que de fato é. — Eu te amo, Odila.

— Eu quero ficar sozinha, Claudio. — Minhas pernas tremem. Nervos tensionados. Acontece quando estou nervosa ou me esforço demais. O médico disse para focar na minha melhora, mas é difícil quando tudo o que se sente é incapacidade. Bato com a escova no mármore do balcão. — Por favor?

Ele concorda com um aceno bruto. Carranca. Faz menção de sair, mas então para. A mão firme na porta. Eu sei que foi um ano difícil para ele também.

— Acha que foi por causa dos... — tentou. *Não. Por favor. Agora não!* Meu olhar basta para encerrar o assunto. — Está tudo nos pés da cama.

Ouço a porta bater. A fechadura cospe a chave para fora. Quero dizer que ele não é o culpado. Não da minha amargura. Penso nisto quando vou para a nossa cama. *Amanhã. Amanhã acabarei com tudo.* Isso nunca acontece.

Pego a bengala apoiada no azulejo do banheiro. Manco. Já não sinto tanta dor. Passo para o quarto, perfume de produto de limpeza toma cada parte daquele ambiente. Remédios na mesa de cabeceira, todos enfileirados. Um bloco de anotações na outra, em branco. É um lugar que grita a falta de presença humana. Lençol limpo. Sem perfume. A empregada vem diariamente, o que não faz diferença. O lugar é um mostruário. Loja de decoração combinada com farmácia. Nem eu e menos ainda Claudio ficamos muito tempo ali. Ele trabalhando. Eu na minha mãe. Constantemente longe um do outro.

Vejo a sacola aos pés da cama. Cheia.

Quem diria que as mudas de roupa carregavam o peso de um suicídio.

Sento na frente da sacola. Minhas mãos estão suando. Limpo-as no tecido do vestido até que a sensação úmida desapareça.

— Que merda, Odete. — As coisas estavam ruins. Eu sabia. Minha irmã sofreu para criar os meninos. Uma mãe solteira. Lutou diariamente para conquistar seu espaço no meio científico. *Aves. Odete sempre amou aves.*

Pego a sacola na mão. Tremo. Retiro as roupas de dentro. Uma a uma.
As chaves do apartamento também estão ali, presas a cisnes de papel.

Ela os fazia quando criança, o quarto sempre cheio deles. Eu os destruía e Odete chorava. *Manteiga derretida.* No último ano, cheguei a sentir falta disso. Quem sabe, se tivesse continuado assim, eu teria entendido. E impedido.

Camisa cinza. Calça.

Fecho os olhos. As mãos apertam com força a roupa.

— Devia ter me dito algo. Devia ter me falado que estava tão ruim, porra! — grito. Olhos ardem. Lágrimas se formam. A dor pressiona dentro da minha cabeça. Olho novamente para o papel. A voz fria e calculista sussurrando no meu ouvido. Rastejando para dentro da cavidade, passando pelo meu tímpano. Tudo para deixar aquela mensagem ainda mais impactante. Ainda mais fodida.

Meu queixo treme involuntariamente quando as lágrimas caem. Era foda admitir. Minha irmã tinha se matado porque a vida estava uma merda. E como eu poderia contestar isso? Observo os remédios fechados. Eu sou um péssimo exemplo.

Esfrego os olhos com raiva. Uma gota cai na camisa. Tento limpar para que saía. *Desapareça!* A amargura queimando feito gastrite em mim.

Respiro. *Que porra, Odete.*

Olho para o tecido, uma pequena mancha marrom está próxima à lágrima. Aquele nó se forma na minha garganta. Passo os dedos pela mancha e foi como se eu pensasse naquilo e um choque percorresse o corpo inteiro.

Lodo.

— O quê?

Viro a sacola para que tudo caia no chão. Me ajoelho na frente de um par de botas sujas de terra. Algo que não deveria estar ali, do qual ela jurou nunca mais se aproximar. Viro para ver a sola. Em meio ao lodo, a ponta de algo se sobressai.

— Não é possível. — Puxo aquele negócio sujo. Uma pena. — Não, não pode ser. Odete parou de trabalhar desde que teve as crianças. Ela me disse. Ela me jurou! As aves lhe lembravam eles.

Engulo a saliva. A estranha sensação de que havia algo na garganta. Preso. Uma bola cheia de espinhos. Rasgando a seguinte constatação: minha irmã escondia algo de mim esse tempo todo.

Capítulo 1

— Você tem certeza? — perguntei com a mão em seu ombro.
— Claudio disse que ainda podemos encontrá-las!

— Mortas — ela disse, a mão segurando a foto dos quatro em frente à lagoa. — Depois de tanto tempo, a chance de encontrá-las com vida praticamente não existe.

— Odete, você é a mãe delas! Não pode perder as esperanças — tentei, sem saber ao certo o que dizer. Andei até a cama e sentei na ponta. Antes do acidente, meus movimentos sempre são confusos na minha cabeça.

— Já faz três anos, Odila. Não posso continuar assim. Enxergar todas essas lembranças, sentir suas vibrações dentro do meu peito, não está me ajudando. Preciso ser forte agora, essa é a única forma. — Ela fechou a tampa da caixa e pediu que a enterrasse no jardim da casa da mamãe.

— Ela não vai gostar disso — comentei. Uberta gostava realmente de poucas coisas na vida. — Não quer guardar no sótão? Ou talvez na minha casa?

— Apenas faça como eu te pedi. — Minha irmã fez uma pausa, então pegou minha mão em um aperto firme. — Odila, se eu morrer, abra a caixa. Promete?

— Do que está falando?

— Promete?"



Lodo me lembra Cisnes. E *Cisnes* me levou até ali. Estou na frente do prédio onde ela morava com as crianças. Quando eu ia na casa de Odete, suas coisas sempre estavam jogadas em cima da mesa. Ela não era nem um pouco organizada. As penas presas por britas que catava da rua e os desenhos de aves colados nas paredes eram um belo quadro remontando seus gostos. Tudo foi encaixotado quando ela parou de trabalhar, por isso eu sei. Eu a vi guardar no depósito. Estive lá, em todas as tentativas de Odete de enterrar a dor que era lembrar. A culpa corrói.

A tela do celular no banco do carona acende. Encaro o nome da minha mãe. São 16h30. Hora do velório. Pego o aparelho, mas deixo que ela continue tentando. Saio do carro, o molho de chaves de Odete está comigo. Claudio me entregou depois da perícia. Olho para a parede laranja. Odiava ir ao apartamento desde o acidente. As escadas são horríveis. Subo com uma das mãos apoiada, enquanto a outra firma o peso contra a muleta.

— Puta merda, Odete, podia ter locado no térreo. — Tomo fôlego quando chego ao segundo andar. Crianças passam por mim carregando uma bola de futebol. Odete odiava futebol, mas levava as filhas com frequência na praia para jogar. Era uma boa mãe. Passo a mão pelo pescoço, tentando desfazer aquela sensação de incômodo.

Não consigo.

São como as lembranças; passageiras constantes.

Volto a subir os degraus.

O capacho na entrada do apartamento dizia *Stranger Home*. Outra piada interna, eles tinham muitas delas. Encaixo a chave, ouço o clique da fechadura e, apesar de saber que está aberta, continuo parada com a mão esticada para pegar na maçaneta. Não consigo abrir. Meus dedos tremem. *E se ela estiver lá?* A miragem de seu corpo, balançando como um pêndulo funesto, perfura minha mente. Baixo o braço. Respiro, tento controlar a dor que sobe igual bile do meu íntimo.

— Cadê sua coragem, Odila? — pergunto num sussurro. Dedos enroscados na corrente em volta do pescoço. — Você consegue.

Abro a porta. O mensageiro do vento balança por causa da corrente de ar que entra. Única, depois de tantas horas fechado. Respiro fundo. O forte perfume de mel me invade. *Áliso*. Odete gostava muito dessa flor. Encaro as coisas em seus lugares. Livros na estante. Cadeiras ao redor da mesa. Nenhuma corda pendurada no ventilador de teto.

Eis uma realidade difícil de admitir: o vazio daquela sala foi mais opressor que o medo de me deparar com o corpo da minha irmã.

Deixo a chave na fechadura. Observo o tapete de tricô colorido que toma quase todo o piso de taco da sala. Cortinas grossas bloqueavam a luz naquela área. O quadro da Frida estava preso ao lado de bandeirolas coloridas. Tudo tinha um significado e minha cabeça era um manifesto de memórias.

Ando pelo corredor. Furos que antes eram preenchidos por pregos agora estão vazios. Manchas nas paredes. Envelhecidas. De um gato morto há muito tempo e que costumava se esfregar ali. O apartamento de Odete tem dois quartos pequenos. Um que as crianças costumavam dividir. Era sempre uma briga.

Abro essa porta.

Cheiro de mofo. A pintura. Tudo o que sobrou.

Entro, paro no meio do cômodo. Móveis e brinquedos foram doados para um conhecido da minha irmã. Odete não conseguia suportar aquela esperança doentia que a seguia.

“— Todos os dias eu vou levantar e elas não estarão lá. Talvez eu tenha de esperar para sempre? Eu não consigo, Odila. Não consigo ser mais forte que isso.”

Três patinhos seguem a mãe em uma lagoa repleta de ninfeias, uma pintura alegre. Feliz. Era o que esperava sentir. Mas essas pinceladas foram marcadas pelo que aconteceu e agora me lembram apenas uma música que faz meu coração ser esmigalhado. *Odete*. Consigo imaginar minha irmã ali, sentada no chão frio de um quarto vazio, olhando para os patinhos seguindo a mãe, certos de que jamais se perderiam, certos de que o lago não era grande demais para engoli-los. O cabelo ondulado caindo no ombro, a franja rente aos olhos. Todos os pensamentos felizes surgindo.

“— Três patinhos foram passear, além das montanhas para brincar.

— A mamãe gritou: quá, quá, quá, quá.”

Todos os pensamentos desaparecendo da sua mente. E, ainda que ela grite seus nomes, as meninas não respondem. As mãos abraçando o próprio corpo, aninhando o vazio e o frio que lhe pertencem. Então, olhos azuis,

encharcados com as lágrimas que Odete só conseguia derramar sozinha, se fecham encerrando um pedido de socorro dentro de si.

“— *Mas nenhum patinho voltou de lá.*”

Encarar a verdade doía, mas pior ainda estava a imaginação. Inconsequente. Indiferente se a realidade já estava *foda* demais. Sinto o ar desaparecer do peito. O jorrar de situações que talvez sequer tenham existido vem à minha mente alavancando uma onda que me tira o ar. Tontura. A imagem das aves na parede se distorce, o contorno se torna diluído pelas lágrimas. Me apoio na parede. *Preciso sair daqui.* Caminho para fora do quarto.

Fecho a porta, trancando a pintura do lado de dentro. Um divisor de sanidade palpável, pesando em meus ombros. Me apoio na muleta enquanto a outra mão vai até a boca, segurando uma ânsia que cresce conforme revisito a canção e a dor dilacera o que restou das memórias boas. *Quem diria que seria assim, Odete? Que as pequenas coisas naquela casa seriam transformadas em passagens ruins?* Olho o corredor. Dá para a cozinha aberta, conectada com a sala por uma abertura larga. Na pia, a louça está lavada. Mesmo aquilo, algo tão simples quanto a organização, me fazia amargurar o passado. O fato de conhecer Odete o suficiente para saber que ela não era assim, mas preferiu uma despedida mais “*limpa*”.

— Para que arrumar tudo assim, porra?! — Observo o chão de taco. Sujo, marcas de pés, pessoas que passaram aqui ao longo do dia. — Desculpa.

A palavra sai da minha boca e desaparece como se jamais tivesse sido dita. Esse é o efeito quando o receptor está morto. Quando já não se pode dizer qualquer coisa.

Escorrego as costas pela porta, sento no chão.

Não sei o que estou procurando ali, no fim das contas.

Existe uma motivação. Odete não conseguiu suportar mais. Era isso.

— O que você esperava? Uma carta de despedida, um pedido de desculpas por ter sido abandonada, talvez? — Encaro a porta do quarto de Odete. — Quatro anos. O que estava fazendo antes de decidir isso?

Aquele lodo. A morte repentina. Por qual razão tudo aquilo era difícil de encaixar na minha cabeça? Eu realmente só queria que ela tivesse pensado em mim? Toco o relicário. Odete levou todos esses anos para desistir da vida

e o fez em silêncio absoluto, me ignorando, fazendo o mesmo com Uberta. Meu dedo passa pelo cisne entalhado na superfície. Abro para ver nossa foto ali dentro, gasta. De quando éramos crianças, abraçadas em um balanço que papai colocou na árvore do jardim, cabelo tigela, roupas de final de julho. Não me lembro do frio, mas consigo imaginá-lo quando vejo aquela imagem.

Odete não era a pessoa mais forte do mundo quando criança, mas amadureceu rapidamente, tornando-se alguém admirável. Incansável. Quatro anos desde o desaparecimento das meninas. *Por qual razão você desistiu agora?*

— Desculpa, Odete, mas preciso ser egoísta — digo para o nada ao fechar o coração branco. — Preciso descobrir o que está me incomodando.

Levanto. Vou até o outro quarto. *Quatro anos desde o desaparecimento das crianças, de quando você me abraçou e eu prometi que tudo ficaria bem, que estaria ao seu lado para sempre.* Abro a porta, ando pelo corredor estreito da suíte. *Quatro anos para só então você desistir de viver sem me dizer uma palavra.* Ah, Odete, estou sendo muito egoísta? *Estou deixando o desespero tomar conta da minha sanidade?* Estaco na entrada. Não tiro meus olhos da cama. O pôr-do-sol penetra pela janela. Nuances alaranjadas na colcha suja de terra. *Quatro anos e nós duas prometemos jamais desistir. Ainda estou aqui, Odete. Então, por quê?* Lembranças doces e amargas estão espalhadas. Aquelas que enterramos no jardim da casa de Uberta.

Em uma caixa preta.

Um túmulo fictício para suas filhas.

Capítulo 2

Odete tinha desenterrado.

A terra seca do quintal da nossa mãe cobre a caixa e alguns objetos espalhados pela cama. Não era o lodo encontrado em suas roupas e botas, então talvez ela tenha ido em outro lugar após desenterrar a caixa? Ou antes? Era difícil saber o que aconteceu no dia em que Odete se matou. Aquele quebra-cabeça não fazia o menor sentido para mim. Minha irmã tinha voltado a trabalhar sem me contar? Não, eu duvidava disso. Ela desenterrou o túmulo fictício das filhas e, então, decidiu se matar? Uma despedida solene antes, mas por qual razão tudo estava tão revirado? O que se passou na cabeça de Odete naquele dia? Sinto um nó se formar no estômago ao lembrar do Lago dos Cisnes, do lugar onde as crianças desapareceram. O lodo. As memórias.

— Você voltou a procurar pistas? Mesmo depois de quatro anos? — É o que consigo concluir com todas aquelas perguntas que rondam a minha cabeça. Pego a foto em cima da cama. O cabelo ondulado delas brincando com o vento. As três filhas tinham puxado a sua beleza angelical, dava para ver naquela foto o quanto eram parecidas umas com as outras. Odete sempre foi uma mãe orgulhosa. Observo a paisagem ao fundo. A grama verde, algumas aves capturadas como pontos pretos ao longe. O parque aonde iam com frequência. — Odete.

Não quero dizer em voz alta, sinto que seria uma traição mesmo com minha irmã morta, mas a polícia não encontrou nada depois de revistar o lugar inteiro. O Lago dos Cisnes seguia imaculado e mesmo o desespero de uma mãe não mudaria isso, principalmente tantos anos depois.

Meu telefone toca, arrancando-me daquele sentimento ruim.

Atendo.

— Onde você está, Odila?! — grita Uberta do outro lado da linha. Ela fica em silêncio por um momento (imagino que alguém a tenha escutado), então sussurra: — Estou tendo de inventar desculpas e já não sei mais o que fazer.

— Estou na casa da Odete. — Coloco a fotografia no bolso e saio do quarto. A muleta suportando meu peso.

— O que você está fazendo aí? — pergunta, incrédula. Não consigo responder. Ela respira fundo e solta em uma diarreia verbal só: — Olha, eu sei que está sofrendo, todos estamos! Mas você não pode ficar vagando por essa casa, se fazendo de coitadinha. O acidente foi difícil para você, claro que foi! Mas a vida não é só sobre você, Odila. Imagina eu, que sou a mãe! Minha filha se matou e sequer pensou em como vou me sentir com isso? Em como vou falar para as pessoas que tive uma filha que cometeu suicídio? Vão todos achar que fui uma mãe horrível! E, vamos concordar, querida, que eu sou uma boa mãe. Ao menos isso!

Desligo o celular.

É difícil suportar Uberta às vezes. Entretanto, ela tem razão em uma coisa: eu deveria estar lá e não aqui. Odete provavelmente iria querer isso. Que eu me despedisse.

Paro na entrada. Olho para a sala antes de fechar a porta.

Odete estava procurando pelas filhas. Imagino minha irmã dentro do lago, procurando qualquer vestígio do corpo das crianças. Como se ninguém tivesse feito isso antes. Como se fosse a única chance de manter o pouco que sobrou de sanidade. *Ela tentou de novo e o fracasso a destruiu.*

— Sinto muito, Odete. — Aperto a muleta. Aquilo é tudo o que consigo dizer antes de trancar o apartamento novamente no seu silêncio e abandono.

Ando até o carro, meu corpo ainda mais pesado. Uma das mãos remexe a foto dentro do bolso, sentindo o fragmento de terra na ponta do dedo. Vejo o prédio, a sombra da construção crescendo conforme o sol dilui no horizonte.

Alguém estaciona logo atrás do meu carro e desliga o motor. Não vejo quem é, meus pensamentos estão focados ainda na caixa de lembranças, no lodo, em tudo o que aquilo representou para Odete e na sua decisão de tirar a própria vida. Giro a chave. Respiro fundo e abro a porta. Ela voltou para procurar as filhas e a decepção lhe destruiu. Eu preciso entender isso. Tento fechar a porta, mas a mão de alguém a bloqueia. A vida é foda.

— Você não me ouviu, Odila? — Conheço a voz, mas ouvi-la é como se alguém estivesse me puxando do fundo do mar, quando já estou inerte. Vejo-o parado ao meu lado, o cabelo escorrido, rente à cabeça. Daniel abre um sorriso jovial. — Sempre desligada, né?

— O que faz aqui? — Não consigo olhar para ele sem ser atraída para seus lábios. Daniel tensiona o músculo do pescoço. Também precisa se controlar.

— Vim ver Odete.

— Como? — pergunto, confusa.

— Odete. Ela veio me procurar ontem. — Ele deu um meio sorriso, seus olhos desceram para as minhas roupas pretas. Me sinto exposta. — Aconteceu alguma coisa?

— O que ela queria?

— Não sei, eu estava viajando. Minha secretária me avisou, disse que ela pediu que eu viesse até aqui. Pensei na verdade que fosse algo com você, pois ela se recusou a me encontrar no escritório. — Viro o rosto, observo a rua de movimento fraco. Ele toca a minha mão. Meu corpo estremece. — Odila? O que aconteceu?

— Seu irmão não te contou? Claudio não disse? — Daniel nega com a cabeça. As marcas de expressão entre a sobrancelha aparecem, enrugando o rosto. Ele era mais jovem que o irmão, mas eu o conheci primeiro e isso fazia meu estômago revirar. *Como não percebi antes?* — Odete se matou.

— Você está brincando, não é?! — Incrédulo. Também fiquei quando soube. Mamãe achou o corpo, pois fazia visitas semanais. Eu vinha pouco na casa de Odete desde o acidente. Saber que ela procurou Daniel e não a mim, aquilo doía pra caramba.

Ele passa a mão grande pela barba por fazer, os dedos longos delineando o queixo proeminente onde os fios castanhos possuem uma descoloração nas pontas, tornando-se levemente acobreados. É parte do seu charme, assim como o rosto sempre cansado, o cabelo desgrehado e a falta de cuidado consigo mesmo. Percebo a blusa amassada, a gravata torta e meu coração acelera.

— Vocês se falavam sempre? — Desvio o olhar. — Não tem ideia do que poderia ser?

— Não. Na verdade, a última vez foi no seu aniversário. — Ele fica vermelho. Também viro o rosto. Não consigo suportar o desejo que cresce no meu ventre e ascende por cada parte do meu corpo. — E só falamos sobre o meu trabalho naquele dia, nada de mais. Já sobre ontem, minha secretária comentou também que Odete parecia nervosa, pois ela atropelava as palavras durante a ligação.

— O que ela poderia querer com você? — Aquilo é mais para mim do

que para ele.

— Acha que Odete queria me confessar algo? — ele murmura. Cruza os braços.

Daniel está à frente da 6ª Promotoria de Justiça, atuando na área de direitos humanos da nossa cidade. Ele sempre dizia estar ocupado quando Claudio confirmava presença nos encontros, mas se fazia determinado a comemorar as coisas mais bobas possíveis desde que pudéssemos nos encontrar. Quantas vezes nós fizemos os papéis de pais das meninas nas noites de folga de Odete e do marido? Me sentia muito mais parte de uma família nesses momentos do que quando estava com Claudio.

— Talvez ela quisesse se abrir? Sobre você. A mãe. Não sei. — Ouço novamente Daniel. Tento esquecer aquelas lembranças. O passado não volta.

— Com você? — Nego com a cabeça. — Acabamos de concluir que não tinham contato suficiente para isso. Não faz sentido. Provavelmente não é algo pessoal. Entretanto, se encontrar aqui e não no seu escritório?

— Tem razão. — Suspira. Fixo meus olhos naquela reação. Meu coração palpita. Dói ficar perto dele. — Eu deveria ter ligado ontem quando minha secretária comentou sobre o nervosismo da sua irmã. Se eu tivesse dado um jeito. Feito qualquer coisa...

Lembro da caixa na cama. O lodo nas unhas.

— Talvez ela realmente quisesse te contar algo — digo, aquelas palavras pesando nos meus ombros. — Sim, talvez ela tenha descoberto algo. Preciso refazer os últimos passos dela, Daniel. É a única forma de entender o que fez Odete se matar.

Passo a mão pela minha perna. Fez um ano desde o acidente de carro durante a gravação da novela, não consigo me lembrar de muita coisa, talvez o cheiro de ferrugem, o sangue metálico escorrendo pela minha testa, o sentimento de morte certa. Achei que não seria capaz de muitas coisas depois disso. Na verdade, coloquei um ponto final na minha carreira de dublê quando acordei no hospital. Forço os músculos e, diferentemente de antes, aquela dor não se compara ao que estou sentindo agora. *Odete*.

Eu não descobriria o que ela queria, mas, se eu me tornasse minha irmã durante esses passos e em cada fragmento conseguisse estar mais próxima de sua tormenta, poderia entender o tanto que Odete se culpava pelo desaparecimento das meninas no Lago dos Cisnes?

Conseguiria saber qual das figuras ela realmente buscava no dia anterior a sua morte?

Era com o irmão do meu marido que ela queria falar?

Ou foi procurar pelo promotor Daniel Rothbart?

A certeza de que minha irmã tinha encontrado algo parecia mais sólida a cada minuto.

Capítulo 3

— Preciso parar. — Empurrei o copo, a cabeça apoiada em uma das mãos. — Já bebi muito.

— Deixa de ser chata, Odila. É meu grande dia! — Ele encheu até a boca. O líquido transparente balançava no copo. — Vamos. Vire.

— Eu trabalho amanhã, Claudio! — argumentei. A voz saindo manhosa. — Você sabe, tenho que fazer uma cena de carro para a novela das nove. Não posso beber mais.

— Porra, Odila. — Ele bateu na mesa e se levantou cambaleando. — Sua estraga-prazeres dos infernos.”



Tiro a foto do bolso. Odete queria o registro para marcar aquele passeio. Hoje, essa é uma das lembranças que mais me parece com uma despedida. Ali estavam elas. Petrificadas para sempre. Uma família em frangalhos. Sinto que o lago é toda a pista que tenho no momento. O lugar onde tudo começou. Onde as crianças desapareceram.

— Preciso ir. — Tento fechar a porta, mas ele não deixa. Daniel segura meu braço, traça a pele até a mão, o arrepio percorrendo conforme seus dedos descem.

— Me deixa ir junto. — Vou negar. Não é um bom momento para estarmos juntos. Para termos tempo de conversar. Ele percebe. — Eu também

estou preocupado com o que aconteceu. Me sinto culpado, na verdade. Contudo, Odila, não posso ignorar o fato de ela ter me procurado. Preciso saber o que Odete queria e se eu podia ter evitado tudo. Por favor, isso é mais importante.

Ele tem razão. É mais importante. Naquele dia, estávamos bêbados, Claudio tinha que trabalhar e fiquei magoada com o fato de ele ter esquecido o meu aniversário. Só isso. Em qualquer outra situação, aquilo não teria acontecido. Mesmo não amando mais o meu marido, ainda que tudo o que ele fizesse me causasse ânsia, jamais senti a necessidade de traí-lo. Fui apenas fraca e carnal. *Sua burra, a quem está tentando enganar?* Baixo a cabeça.

Daniel toma meu silêncio como um sim. Ele dá a volta no meu carro e entra no banco do carona. Fecho a porta. Ligo o ar e espero que aquele frio consiga normalizar a queimação dentro do meu corpo. Ele digita um número. Vejo pelo canto do olho que está ligando para a secretária.

— Cancele meus compromissos de hoje e amanhã, ok? Estou indo para... — Daniel nunca foi até o Lago dos Cisnes. Era um lugar só meu e de Odete. *Familiar.*

— Estaleirinho — digo. Ele repete. É o nome da cidade.

— Aviso quando voltar.

O carro sai da marginal e entra na BR quando Daniel desliga o telefone.

— Devia avisar o Claudio. — O nome do meu marido é quase um palavrão quando mencionado entre nós dois. Esfrego o polegar no volante. — Sua mãe, então.

— Eles não vão gostar de saber sobre nossa aventura — digo em meio a um suspiro cansado. Um bicho morto passa por nós. Não sei se era um cachorro ou um gato, mas é o suficiente para me deixar incomodada. — Está acontecendo o velório...

Espero que ele diga algo. Que brigue comigo pelo fato de estar ali, inventando uma caça ao tesouro e não velando a minha irmã. Daniel não fala nada. Meus ombros relaxam. Toda a tensão se esvai de uma só vez. Apenas por aquele momento, sinto que estou fazendo algo certo.

Ligo os faróis quando a noite toma o céu. Ao longe, entre os morros que se aproximam conforme avançamos, um manto cinzento de chuva nos espera.

— Esse lugar, o que tem lá? — Tento não virar para encará-lo, mas é quase impossível. Seus olhos negros fixos em mim queimam meu corpo. —

Você disse que se chama Estaleirinho.

— É uma cidade. Nós vamos até um parque ecológico. — Eu me volto para a estrada. O retrovisor recebe a chuva em pancadas fortes. Coloco o farol baixo. — Odete trabalhava lá. Tem um centro de pesquisa de aves e, apesar de ela preferir estudar cisnes, acabava auxiliando no tratamento das outras espécies também. As crianças iam muito com ela.

— Acha que Odete esteve lá? — Ele esfrega a mão. Daniel não gosta de frio.

— Pode desligar o ar. Não estou com calor.

— Tudo bem. Eu estou bem. Continue me contando.

— Há quatro anos, Odete teve que cuidar de uma ave. Foi emergencial. Não me lembro o que era. Só sei que ela levou as filhas. Não tinha com quem deixar. — Dou de ombros. — Acho que eu estava trabalhando e Uberta provavelmente no salão. Enquanto ela cuidava do animal, as crianças brincavam no parque...

— Foi lá que elas desapareceram? Você nunca me contou — interrompe.

— Na época você estava estudando no exterior. E, quando voltou... Bom, não era um dos assuntos mais desejados na roda. — Um carro ultrapassa o nosso. — Mas imaginei que seu irmão comentaria com você depois, fosse por telefone ou pessoalmente.

— Eu e ele nunca fomos bons em conversar, você sabe. Claudio saiu de casa cedo. — Reduzo a velocidade. — Não mantínhamos contato.

Daniel era calouro de direito quando nos conhecemos, acabamos brigando pela última coxinha da lanchonete. Virou uma amizade que se destruiu quando apresentei meu noivo anos depois. Claudio e ele se odiavam, mas nenhum dos dois explicou o motivo. Aquela era uma ferida aberta que pulsava dolorosamente.

— Não acha que esse desaparecimento poderia ser sequestro? — pergunta, tirando-me do devaneio. Suspiro. — O pai das crianças, qual era o nome dele?

— Jean Roberto Silveira. Ele era da Marinha — expliquei. Não havia muito para falar. Vi que Daniel digitava uma mensagem no celular. — Odete e ele foram casados por cinco anos, mas brigavam muito. Ela gostava de sair. Ele era muito caseiro. Ajustaram os termos da pensão, então se separaram.

— Fácil assim?

— Acha que sempre é difícil?

— Bom, foi assim com seus pais, não foi? Ou estou enganado? — Mordo o lábio. Daniel tem razão. A separação de Uberta e William foi difícil, principalmente para Odete, que era muito apegada ao pai.

— Ainda assim, é diferente do Jean e da minha irmã — comento. Saio da BR, a chuva ainda caí, mas com menos força que antes. Um condomínio fechado cobre grande parte da estrada asfaltada. Quando somos lançados em uma estradinha de chão, percebo que Daniel ainda está esperando minha explicação. Suspiro. — Meu pai foi expulso de casa por colocar os outros acima da própria família, enquanto Uberta sempre priorizou nosso bem.

— Você parece odiar seu pai. — O automóvel trepida por causa das pedras espalhadas. O caminho é mais difícil do que me lembrava.

— Não o odeio — digo, mas as palavras são um nó na garganta. Diferentemente de Odete, não senti necessidade de ir atrás dele. Na verdade, para mim, William nos abandonou. Acelero o carro para subir o caminho até o topo de uma colina, as rodas derrapando em meio ao lamaçal que a água criou.

— Odeio esse tempo. — comenta Daniel, olhando pela janela embaçada. *Eu odeio essa conversa.* Penso comigo mesma.

O parque ecológico fica em uma rua sem saída, protegida por muro alto e uma guarita com portões de ferro. Uma placa gigante diz: *Parque Lago dos Cisnes*. Logo no portão, outra menor: *Fechado para visitas*.

— Ah, não. Por favor. Não.

Saio do carro. *Isso não pode estar acontecendo.* A dor me sacode com urgência para uma realidade que eu não quero que exista. Que eu já não consigo mais suportar.

Esqueço a muleta. Manco apoiada no automóvel. *O destino já não está cansado de foder com a minha vida?*

Daniel bate a porta.

A chuva ensopa minha roupa.

— Abra! — berro. — Abra, porra! Abra!

Sacudo o portão, rilhando os dentes. O desespero me esmagando.

Ele me pega pelos braços. Luto contra a sua tentativa de me tirar da tempestade.

— O que está fazendo? Não tem ninguém! — diz Daniel. — Odila! Nós podemos voltar amanhã! Vamos sair da chuva antes.

— Foda-se a chuva! — berro.

Ter dirigido até ali. Chegar e ver aquele portão fechado, saber que eu

não poderia continuar dói tanto no meu peito, que todo o resto se torna pequeno demais. Insignificante.

Capítulo 4

— Odila! — Daniel pega meu rosto. — Olha para mim, por favor. Vamos ficar na cidade e no primeiro horário estaremos aqui. Vai dar certo, confia em mim!

A testa dele toca na minha. Meu corpo estremece. Eu quero me perder ali. Deixar que Daniel me leve para um lugar onde a minha cabeça pare de rodar. Ou rode de uma maneira diferente. Sua respiração está perto demais. A chuva oscila. Meu desejo é sufocado. Aquela ardência que impulsiona meus lábios para perto do dele é incontrolável. Sinto seu peito subir e descer, a respiração oscilando. A mão de Daniel descendo para a minha cintura. Meu corpo reage ao dele. Liga quando sua mão me toca. Acende quando a respiração roça a minha pele.

— Não. — Tento me afastar. Minhas mãos tremem em torno do seu pescoço.

Seus olhos ardem. Buscam por mim com desejo. Absorvem cada fragmento da minha alma. Eu quero. Não conseguiria negar algo tão forte como aquilo, mas, mesmo que a culpa estivesse me corroendo desde o aniversário, não é Claudio que aparece na minha cabeça; é Odete. Eu preciso focar na minha irmã.

— Não — repito. Dessa vez, consigo empurrá-lo para longe e imediatamente sinto falta da minha muleta. Apoiada no capô do carro, não tenho coragem de encarar Daniel. — Vamos achar um hotel. Precisamos sair da chuva.

Saio de perto dele, sabendo que está me observando. Que se sente rejeitado. Eu também me sinto ridícula, mas não posso. Odete precisa de mim agora, e eu também, para conseguir seguir com a vida, sinto que chegar ao fim da linha é uma obrigação. Entro no carro. Fecho a porta. Apoio a testa no volante. Daniel também entra. Não fala nada, então ligo o motor e dirijo.

O primeiro hotel no caminho é de três andares com sacadinhas arredondadas em cada quarto e um toldo verde na entrada. Apesar da pintura

nova, dá para ver que é antigo. Entro, a atendente demora para aparecer na recepção. Ela entrega duas chaves. Um quarto em cima do outro. Não reclamo. Prefiro não vê-lo na sacada ao lado. Subimos a escada. Cheiro forte de mofo toma os corredores.

— Se precisar de mim... — fala, antes de subir para o próximo andar. Balanço a cabeça em resposta e entro no quarto.

Coloco a bolsa em cima da cama. Ando até o banheiro. Tem um buraco no teto. Suspiro. Ligo o chuveiro e deixo que a água caía no meu corpo, a sujeira sendo escoada para o ralo. O silêncio ali não era acolhedor. Quanto mais absorta fico, mais o sentimento de que estou perdendo tempo me preenche. É difícil suportar as idas e vindas da minha consciência.

Vejo que meu celular vibra quando saio do chuveiro. Claudio tinha me ligado cinco vezes, meu estômago se contorce só de imaginar um retorno para aquelas chamadas. Da janela da sacada dá para ver o movimento constante da chuva, um dia igual àquele em que ele e eu saímos para comemorar sua promoção. Delegado era um bom cargo, algo que ele almejava fazia anos. Bebemos muito à noite.

Abro o navegador e digito meu nome. Os resultados são antigos, mas cada um me fere em um lugar novo:

Dublê sofre acidente de carro durante cena de ação em novela

Odila Lagoa pode ficar paraplégica após um trágico acidente no set

Não o culpo da minha ressaca. De ter feito a cena mesmo sabendo que estava mal. Jamais devia ter me comprometido por causa de alguém. É uma regra básica. Ainda assim, ver Claudio depois do acidente se tornou tóxico para a minha cabeça. Os remédios. O psiquiatra. Nada consegue me convencer do contrário. Então o casamento afundou mesmo com a melhora no meu quadro. Apesar de minhas pernas ainda funcionarem.

Disco o número que sei de cabeça. Não espero muito para ouvir sua voz.

— Sua mãe disse que você está na casa de Odete. Está tudo bem? — Ele fala baixo, uma porta se fecha ao fundo. Olho para o quarto onde estou.

— Quando mamãe te chamou, vocês viram o quarto de Odete? — pergunto. Consigo ouvir claramente sua respiração. Deve estar em um lugar

isolado acusticamente.

— Sim, nós entramos lá para escolher a roupa e também fazer uma avaliação geral. — Ele faz uma pausa. — Odila, você está bem? Quer que eu vá te buscar?

— Havia uma caixa preta em cima da cama. Eu e Odete enterramos na casa da mamãe depois que as crianças sumiram. Preciso descobrir o motivo de ela ter desenterrado, Claudio — digo.

Ele suspira, consigo imaginar seus dedos atravessando os fios e coçando, incomodado, o couro cabeludo.

— Odila, você sabe o motivo! A morte dela é a prova disso. — Aperto a roupa de cama com força. — Sei que é difícil de aceitar. Eu sei. Ninguém quer ver um irmão morrer, meu amor, principalmente depois do que aconteceu! Mas você precisa ser forte agora e superar essa. Vou te ajudar, pode contar comigo.

Mordo o lábio, não consigo responder às suas investidas. Tudo o que eu menos desejo é Claudio perto de mim; só de pensar nele, em seu toque, meu estômago embrulha. Como foi que chegamos a essa situação? Por qual razão deixei meu silêncio controlar o modo que vivo? Não posso continuar com um homem que não amo. Com alguém que sequer confio. Nós nos destruímos após o acidente, essa é uma verdade não dita e incontestável.

— Odila, por favor. Seja coerente — pede novamente. A voz que escuto é repleta de impaciência, o que me enche de asco, de irritabilidade. Eu odeio Claudio. — Sua mãe está sofrendo.

— Eu sei. — *Eu também estou!*, quero gritar. — Mas preciso... — Alguém bate na porta, então paro de falar.

— Alô? — A voz do meu marido fica agitada. — Odila? Você está me ouvindo?

Levanto da cama.

— Dá para você responder pelo menos uma das minhas perguntas?! — Claudio grita.

Ele chuta algo do outro lado da linha.

Vou até a porta. Abro.

Daniel está parado com o telefone na mão.

Meu coração dispara.

— Descobri uma coisa — ele diz. — Sobre o marido da sua irmã.

— Daniel? — Ouço Claudio. — Odila? Quem está aí, porra?! Odila? Me responde, caralho! É o meu irmão?

— Ele comprou uma casa a duas horas daqui, Odila. — Minha boca fica seca. — A compra foi feita alguns meses antes do desaparecimento das crianças.

Desligo o celular.

Capítulo 5

“— O que você mais gosta nesse parque? — perguntou Odete para mim. O sol iluminava seu rosto, o vento brincava com a franja. Ela parecia feliz naquele dia. Bem diferente do desastre que foi sua vida no último ano de casada.

— O que você quer me contar e não se aguenta? — Ela abriu seu melhor sorriso. As crianças brincavam em um parquinho construído próximo ao lago. — Deve ser algo muito bom, faz tempo que não vejo tanta alegria.

— Consegui um emprego! — Seus dedos longos apontaram para o chão. Odete sempre amou aquela terra, não me surpreendia que seu recomeço seria ali. — Jean jamais iria aprovar algo assim, mas, agora, eu decido sozinha o que é melhor.

— Estou feliz por você. — Voltei a olhar para as crianças. Os cisnes levantaram voo. — Estou feliz por elas.”



Odete conheceu Jean quando fomos acampar em Pedras Brancas. Amigos levaram outros amigos, que arrastaram terceiros. Foi uma turma grande. Jovens na maioria. Escalamos uma pedra, andamos por várias trilhas e ficamos para ver o sol nascer. Ela viu Jean mostrando os tipos de nó que tinha aprendido. Ele gostava de se exhibir. Não demorou muito para que os

dois começassem a namorar. Sempre achei que combinavam. Que ele era um homem bom.

Sento na cama. Estou sem forças. Daniel me segue e mostra a mensagem que recebeu da secretária. Jean tinha tirado licença da Marinha. Não falava o motivo, mas ela encontrou um imóvel no nome dele, uma casa comprada numa cidade pequena no interior. Meu estômago embrulha. *E se as crianças estiverem nessa casa?*, penso. *Não. A polícia saberia.* Procuro uma explicação nos olhos de Daniel, mas ele está pensativo.

— O Claudio não viu isso quando estava procurando as crianças?! — A raiva se junta na minha garganta. Espessa. Uma bola espumando veneno.

— Ele não era delegado ainda, Odila. — Daniel me desarma. Ele tem razão. Meu marido trabalhava na SOS Desaparecidos na época. Ajudou nas buscas, mas não era nada além de um policial. — E quando se trata de um militar, tudo fica meio nublado.

— Precisamos ir até lá agora! — Friccionei as mãos no vestido, a ânsia me corroendo por dentro.

Daniel me encara. Os olhos profundos estão tensos, partilhando do meu medo de que a investigação na época tenha deixado passar muita coisa.

— Sim, mas não sei se chegar de madrugada é uma boa opção. — Ele olha o relógio no pulso. — São dez da noite. Vamos sair amanhã cedo. O que acha?

— Esperar está me sufocando. — Daniel pega minha mão. Consigo senti-la áspera, mas quente. Me pergunto se devo recuar, sabendo que a atração é bem maior do que minha força para repelir seu contato.

— Nós vamos conseguir. Confie em mim.

Ele se levanta. Fecho minhas mãos quando perco seu contato. Tento manter ao menos um pouco daquela sensação, do seu toque, mas ela evapora. Se perde tão logo nos separamos.

— Vamos tentar a sorte no parque ecológico de qualquer forma. — Daniel anda alguns passos e se vira. Estou olhando diretamente para ele. — Não podemos perder a pista de onde sua irmã esteve nas últimas horas. Pode nos dizer muito sobre o que ela sentia.

Levanto. Ando até a janela. Sei que ele está me observando. Sinto a pressão de seu olhar nas minhas costas. Aperto a muleta com força, uma tentativa desesperada de mostrar que estou bem. O que não é verdade. Quando olho para fora e vejo a chuva, tenho certeza disso. Estou lutando desesperadamente pela minha própria vida, perseguindo o fantasma da minha

irmã, procurando o que foi perdido.

— Não estou me superestimando? — O vidro embaça quando falo.

— Como assim? — Vejo seu rosto no reflexo.

— No começo, eu estava tentando entender minha irmã. Achei estranho. Depois de cinco anos, ela repentinamente desistiu da vida. Mas agora meus sobrinhos também estão na lista. — Viro para Daniel. — Estou procurando resolver o que policiais não conseguiram. Não é muita prepotência acreditar que vou conseguir? Eu? A dublê ferida?

— Você conhece sua irmã melhor do que qualquer um. Provavelmente é a única que conseguiria descobrir o que Odete queria antes de se matar. Isso é uma vantagem. — Nego com a cabeça. Daniel olha para a chuva. — Não estou dizendo que vamos ter sucesso. Podemos encontrar absolutamente nada depois de investigar tudo, mas, se desistir agora, vai conseguir parar?

Nego com a cabeça de novo.

Provavelmente nada agora vai me fazer desistir.

Daniel me deixa sozinha no quarto. Deito na cama, mas não consigo dormir. O barulho do corredor invade as paredes com facilidade. Sinto estar sempre em companhia. Observada. Às vezes, eu o ouço falando com a secretária no quarto de cima. Seu sapato batendo no piso, andando de um lado para o outro. Está resolvendo suas pendências antes de embarcar em outra investigação comigo. Talvez eu não devesse tê-lo envolvido. Ele não precisaria se preocupar tanto.

Vejo meu celular acender novamente. Pego-o. As mensagens de Claudio ocupam a caixa de entrada.

Claudio
*Odila, quem está com você?
Onde você está?
Me responde que vou te buscar
Estou preocupado, porra!
Odila, por favor.
Odila, sei que está difícil. Nosso casamento não é dos
melhores. Você me culpa. Eu sei. Mas por favor, venha para o
enterro da sua irmã.*

Desligo o celular, acho que nunca vou ser perdoada por Claudio, mas

ele não entenderia de qualquer forma. Abro o relicário, o que sinto ao ver nós duas é um grito engasgado. O rosto da Odete criança na foto me desperta o alerta de que preciso descobrir algo, entender o que a levou a fazer isso. As pessoas gostam de dizer que por eu e Odete sermos gêmeas temos *aquela* tipo de ligação, mas, para ser sincera, fui cética minha vida inteira quanto a isso. Minha irmã parecia mais uma mãe do que alguém igual a mim. Ela sabia quando eu estava doente e cuidava de mim antes mesmo de Uberta. Parecia sempre à frente nos estudos. Aprendeu a falar e escrever primeiro. Estávamos na mesma classe, mas era ela quem me ensinava a matéria. O estranho é que nunca reparei que Odete assumia a posição de mãe naquela época, ainda que ficasse grudada nela o tempo inteiro. Hoje, mais adulta e independente, é que a falta dessa insistente presença e cuidado dói. Minha busca desesperada seria reflexo desse passado?

“— *Se eu morrer, abra a caixa. Promete?*

— *Do que está falando?*

— *Promete?”*

— Por que você falou *se* e não *quando*, Odete? Para que desenterrar a caixa? — Fecho os olhos. — O que você queria com essa promessa?

Capítulo 6

Paro o carro. A placa ainda está presa ao portão fechado. O trecho é um lamaçal depois da tempestade, mas não me importo. Desço acompanhada de Daniel. Ele olha para todos os lados. Parece aflito. Não estou das melhores. Desde que desliguei o celular, minha mão coça, querendo saber quem poderia estar me ligando. O que pode estar acontecendo além daquele círculo que estou vivendo no momento. Encaro o portão. Parece maior do que me lembro. Do outro lado, uma trilha sinuosa leva ao vislumbre do lago, escuro. Abandonado.

Daniel bate no vidro da guarita. Dou alguns passos para trás. Minhas mãos trêmulas se juntam. Observo a escuridão do outro lado. Uma sombra se move e abre a porta de alumínio.

— Posso ajudar? — Velho. Uns oitenta anos. Veste roupas de uma empresa de segurança. Ele ajeita os óculos assim que me vê. — Odete? Oh, você voltou, menina! Se machucou onde? — Ele aponta para a minha perna.

— Ah! O senhor deve ter conhecido minha irmã. Meu nome é Odila, prazer em conhecê-lo. — Estico a mão para dentro do portão. Ele se aproxima e a aperta. — Ela trabalhava em um posto de ornitologia aí. O senhor deve se lembrar bem, já que me reconheceu tão rápido mesmo depois de tanto tempo.

— Sim, difícil esquecer da senhorita Odete. Mas a bem da verdade é que nem faz tanto tempo que a vi — comenta, as mãos cruzadas na frente da barriga saliente.

— Como? O senhor a viu faz pouco tempo? — Me apoio no portão, as mãos se fecham ao redor da grade de ferro. Estou com o coração preso na garganta. — Quando?

— Ontem no final da tarde, acho. Não me recordo bem a hora, mas ela esteve aqui, sim. — A sobancelha faz sombra contra seus olhos.

— O que ela queria?

— Precisava falar com o pessoal do posto, mas... — Aponta para o

lago com seus dedos gorduchos. — O parque perdeu visitantes por causa do que aconteceu com as crianças dela e, bem...

Ele faz uma pausa. Não sabe se deve continuar.

— Sim, o que aconteceu? — pergunto, impaciente.

— Eles se mudaram uns dois anos depois que Odete foi embora. Vêm vez ou outra para tratar das aves, mas não ficam mais aqui, não. Foi o que eu disse para ela. — Daniel se aproxima. O guarda parece confuso. — Aconteceu alguma coisa com a senhorita Odete?

— Não, mas precisamos saber o que você disse para ela no dia. — Quem responde é Daniel. Está cauteloso. Sinto que devo ficar também. Toda aquela história está estranha. O guarda se aproxima.

— Bom, eu disse para onde o posto foi realocado. No caso, para o parque da cidade aqui do lado. — Ele aponta a direção. — Uma meia hora, se não tiver trânsito. Acho que ela foi direto daqui inclusive, pois estava com pressa e muito suja.

— Suja? — Levanto a cabeça. Encaro os olhos de preguiça daquele homem.

— Sim. Estava cheia de lodo pelo corpo. — Ele deu de ombros. — Cabelo ensopado. Parecia até que tinha travado uma briga. — O guarda abre um sorriso que me enche de raiva.

Me afasto. Sei que Daniel vai pegar o endereço do posto, então vou para o carro. Encaro a figura dele e do guarda ao longe. Odete veio até ali completamente suja, mas ela não sabia que o posto tinha sido realocado.

— Ela não veio para o parque com o intuito de procurar novas pistas sobre as crianças — digo para mim mesma. Pego o celular desligado. Aperto com força e jogo na bolsa de novo. — Então onde ela se sujou de lodo e o que a fez procurar o posto? O que Odete estava fazendo?

Daniel bate a porta do carro. Está com um endereço anotado no papel.

— Claudio está me ligando. Devo atender? — Ele me mostra as chamadas perdidas.

— Não. — Olho para o guarda se escondendo de novo. — O que acha que ela queria aqui, toda suja de lodo? Procurando um posto que nem sequer existe mais? Odete é uma veterinária, então ela só viria até aqui se fosse grave, certo?

— Suponho que sim. Algo que ela não podia resolver onde encontrou a ave. — Daniel sacode o papel. — Mas se ela não estava trabalhando aqui, onde, então?

Dou de ombros. Odete e eu costumávamos contar tudo uma para a outra. Ela sempre me falou sobre o desejo de estudar aves e ser uma cientista reconhecida por isso. Achei que persistiria na ornitologia depois do desaparecimento das crianças, mas então ela desistiu de trabalhar com as aves.

Estou tentando te entender, Odete, penso. Sigo cavando seu coração para descobrir o que você escondia de mim.

Capítulo 7

“Cheguei no Lago dos Cisnes um pouco depois de Claudio. A polícia já tinha cercado o lugar. As viaturas iluminavam a escuridão que caiu sobre o parque ecológico. Odete estava sentada em uma ambulância sendo atendida. Inerte, ignorava nossa mãe ao seu lado.

— Odete. — Toquei seu ombro. Seu rosto era uma mescla estranha de sentimentos. Mesmo conhecendo minha irmã, aquele momento era uma nuvem pesada e escura entre nós. — Eles vão encontrá-los.

— Me perdoe, Odila. — Ela olhou para as próprias mãos. — A culpa é minha. Me perdoe.

— Não diga isso! — Tentei dizer. Saber que ela se culpava por algo que não tinha controle doía muito. — Eles vão pegar quem quer que seja o culpado, Odete. Vão pegar quem fez isso! Já possuem pistas. Vamos encontrar as crianças.

— Não, Odila. — Minha irmã limpou as lágrimas dos olhos. — Sou eu quem vou pegá-lo.”



A cidade onde o posto está alocado agora não fica longe, mas, à medida que seguimos para o endereço indicado pelo GPS, percebo que o aspecto ao redor é bem diferente. A área industrial de Estaleirinho está crescendo por causa do

porto na proximidade e o movimento de carros é grande. Mas, conforme nos afastamos do centro, os guindastes vão dando lugar às árvores e os containers desaparecem de vista. Um lagarto se esconde mata adentro quando atravessamos a estrada de chão. O trajeto demora mais do que imaginei.

— Tem um mirante bonito. — Daniel aponta para uma torre de madeira que se destaca na mata. — Acha que ela esteve realmente aqui?

— Espero que sim. Caso contrário, perderemos o rastro. — O carro trepida ao passar por alguns buracos. Paro em uma bifurcação. Uma das estradas segue para a torre, outra vira em um caminho sinuoso à direita. — Qual deles?

Daniel aperta os olhos. Está tentando identificar algo ao longe. Sigo seu olhar e vejo algumas instruções escondidas entre os arbustos altos. Não consigo ler o que está escrito. *Que merda*. Desligo o carro e desço. O solo está encharcado ali. A cor da minha sapatilha desaparece no meio da sujeira. Caminho até o local e empurro a folhagem. Posto Veterinário fica à direita. Observo a trilha, uma casinha branca em estilo colonial divide espaço com o lago que reflete a luz do sol. Vejo cisnes desfrutando das águas, alguns limpando suas penas, outros nadando sem rumo. Uma esperança acende no meu peito.

Volto para o carro.

— Vamos — falo, e sigo a trilha. Árvores se espalham dando lugar a um pasto verde-esmeralda. — Um cenário bem diferente do que vimos para o outro lado.

A casa está com a porta aberta quando estaciono. Uma mulher de jaleco aparece na janela para ver quem é. Descemos. Ela limpa a mão em um papel-toalha, o cabelo vermelho balança com a brisa quente que passa por ali.

— Odete? — Ajeita os óculos que escorrega pelo nariz pontudo. — Oh, querida. Que bom que veio. Aquele cisne que você trouxe ainda não está melhor, sinto que vai levar alguns dias ainda.

Encaro Daniel. Ele espera que eu diga algo, então pigarreio e subo as escadas. *Sempre tem que ter essa merda de degrau*. Só agora percebo como esse tipo de coisa é irritante. Ela sai da janela e aparece na porta com a mão no bolso do jaleco, uma expressão séria habita seu rosto. Me preparo para dizer meu nome, mas percebo que ela olha minha perna. Sua reação não é de surpresa ou preocupação. Provavelmente, aquela mulher sabe quem eu sou.

— Odila, não é? — Concordo. Ouvir um estranho falar o meu nome me desarma por completo. Sempre tenho medo de que saibam quem eu sou

por causa de alguma notícia do passado. Então travo. Não sei o que fazer ou como prosseguir. — Sua irmã falava bastante de você. Também comentou sobre o acidente. Venha, entre.

Relaxo, Daniel me acompanha até a parte de dentro da construção.

Pego um dos folders espalhados por uma mesinha central. O resumo do projeto de proteção às aves é ilustrado, alguns cisnes sobressaem aos meus olhos; Odete costumava desenhá-los. Aqueles animais lembravam-lhe as filhas e a mim é algo intrínseco dela. Parece uma assombração que vai nos perseguir para o resto da vida.

Olho para os quadros nas paredes. Apresentam fotografias antigas do parque ou dos animais que vivem ali. Água, poltrona. Um papel de parede colorido. É um lugar preparado para receber os visitantes, para entreter os curiosos com algumas informações interessantes. Não são coisas que me atrairiam, mas têm aquele sentimento peculiar de que ela amaria, então eu deveria sentir o mesmo. E eu sinto. A cada passo. Me vejo mais como Odete do que como Odila.

Uma inversão de papéis para entender minha irmã.

— Desculpe, seu nome é...? — pergunto ao perceber que, apesar de ela me conhecer, eu não sei nada sobre essa mulher na minha frente.

— Michele. Sou uma das responsáveis do local. — Ela olha para a porta atrás de si, indicando a ala veterinária. — Conheci sua irmã quando trabalhamos no Lago dos Cisnes. Aliás, estou curiosa. Sua irmã lhe mandou ver como está o cisne que ela deixou aqui ontem?

— Na verdade, não. — Daniel é quem fala. Os braços cruzados. — Nós precisamos de sua ajuda. É realmente muito importante.

— Odete, minha irmã...— Sinto aquela bola se formar na minha garganta. Passo a mão pelo pescoço, numa tentativa de desfazê-la. De me livrar da sensação. — Bom, ela cometeu suicídio na madrugada de ontem.

Michele arregala os olhos.

— Isso não faz sentido. Por qual razão ela se mataria?! Odete era cheia de vida! Estava aqui ontem mesmo contando sobre como resgatou o cisne. Mesmo depois do que aconteceu com as filhas, ela estava lutando para ficar bem. Nunca a vi perder qualquer esperança que fosse. — Apoiada no balcão, a veterinária parece tão confusa quanto eu fiquei.

Tudo foi repentino. Estranho.

Odete se matou.

Não importa quantas vezes eu fale, aquilo não cabe na minha

realidade.

— É o que estamos tentando descobrir, na verdade. Você é nossa melhor pista. — Daniel aponta para os cisnes lá fora. — O guarda do outro parque disse que ela foi lá procurar vocês, pois precisava de ajuda e você falou sobre um cisne. Pode nos dizer o que aconteceu?

Michele dá de ombros e também observa o lago do lado de fora. Parece nauseada. Ver os cisnes e lembrar de Odete é comum. Não é só eu que faz isso. Ela faz sinal para que nos sentemos nas poltronas disponíveis, então se ajeita em uma. Parece ter envelhecido anos em poucos segundos.

— Odete foi minha pupila. Uma das melhores estagiárias que tive o prazer de ensinar. Nem acredito que isso está acontecendo. É absurdo! — Sua mão trêmula retira os óculos. O olhar fundo está úmido. — Ela apareceu aqui ontem no meio da noite. Tinha um cisne-coscoroba. Estava machucado em uma das asas. Os dois cobertos de lodo. Me surpreendi com sua presença, era tão tarde! Eu mesma nem devia estar aqui, só fiquei por ter trabalho acumulado. Quando perguntei o motivo de ela não ter me ligado, que seria muito mais simples do que toda essa aventura, ela disse que tinha esquecido o celular em casa e, bom, não lembrava o número de cabeça. Não quis discutir, mas achei estranho.

— Ela te pediu ajuda para cuidar do cisne? — Me ajeito na poltrona. Michele concorda com a cabeça, a língua umedecendo o lábio seco. — Parecia preocupada com algo além da ave? Talvez triste ou perturbada?

— Não. Na verdade, estava sorridente. Falava bastante sobre o cisne ferido não conseguir emergir no lago. Ela pulou na água e o tirou de lá. — Faz outro sinal com a mão, indicando a casa. — Trouxe direto para cá.

— Direto? — Daniel questiona, surpreso. Ele não quis sentar. Está de pé, a mão coçando a barba. — Mas Odete era veterinária. Ela poderia cuidar do cisne onde estava trabalhando, não?

— Onde estava trabalhando? — repetiu Michele. Uma das mãos ajeita os óculos. — Não, querido. Você com certeza está confundindo as coisas.

— Como assim? — Sinto os nervos das pernas tensionarem. Do lado de fora, o canto dos cisnes e seu bater das asas cria força. — Ela devia estar trabalhando. Onde mais ela estaria? Nenhum parque ecológico ia deixar alguém zanzando pela área de noite, com exceção de algum veterinário à serviço. Acha que Odete estava acampando no meio do nada e viu o cisne machucado?

— Bom... — começou a veterinária, incomodada. — Receio não

saber exatamente onde ela estava, mas Odete me garantiu que não trabalhava em nenhum lugar. Que tinha abandonado o serviço desde as filhas.

— E de onde veio o cisne, então?! — Daniel aumenta o tom de voz. É a primeira vez que o vejo tão bravo. Isso me assusta um pouco, não por saber que ele também perde a paciência, mas por sentir dentro do meu peito que estou exausta daquelas voltas. — Odete não tirou do nada! De onde é o cisne?!

— Ela disse que era dela — responde com o queixo empinado. Claramente ofendida com a forma como Daniel fala. — Odete disse que o cisne era dela!

Não consigo segurar um riso.

— Odete morava em um apartamento! Onde ela iria enfiar um cisne naquele cubículo?! — Coloco as mãos no rosto, esfregando com força. *Com raiva*. — Minha irmã não tinha condições de ter ou criar um. Não é um objeto de decoração que se coloca em algum lugar!

Odete tinha dito que o cisne lhe pertencia. O lugar de onde ambos vieram parecia ser a resposta para tudo e, ainda que eu saiba disso, sinto que meus pés estão cansados de se chocar com paredes invisíveis. O destino realmente quer que eu saiba?

Desço as escadas, Daniel diminui os passos para me acompanhar. Também está pensativo. Desistente. Odete suja de lodo se resumia apenas a uma ave, era esse o segredo. Nada relacionado ao suicídio ou sua possível motivação. Afinal, que merda está acontecendo? Olho os cisnes nadando no lago. O peso da morte de Odete me toma em um sentimento estranho de culpa. Eu não estava lá quando deveria, assim como agora não consigo descobrir suas motivações como uma boa irmã deveria fazer. O que estou querendo aqui? O que quero provar?

— Talvez devêssemos voltar — digo sem muita força na voz. A verdade é que não quero encarar o enterro de Odete e o fato de que não fui capaz de salvá-la, fosse seu corpo ou sua memória. — Estamos perseguindo um fantasma, Daniel.

— Não diga isso! Ainda temos o Jean, ele pode ter algo relacionado com o desaparecimento das crianças. — Daniel coloca a mão nos meus ombros. — E se Odete descobriu algo sobre o ex-marido e queria me contar? Não se esqueça de que ainda tem muita coisa nessa história que segue sem explicação.

— Mas não faz sentido! Ela esteve aqui de madrugada com um cisne

toda feliz, em que momento antes ela ligou para você para te contar algo ruim? Não tem cabimento duas situações completamente opostas acontecerem de uma hora para a outra. Minha irmã estava sofrendo de quê? Dupla personalidade? — digo em desespero.

— Eu não sei, Odila. — Ele suspira. Olha para os cisnes à frente. — A única coisa que tenho certeza é que a culpa por não ter atendido sua irmã está me matando. Se eu não descobrir o que ela queria, jamais vou ter paz.

Sua tentativa desesperada de me fazer continuar é um fôlego necessário, mas não sei se o suficiente. *Jean*. Ele era um bom homem, apesar de seu desejo pelos holofotes. Mentindo sobre o seu histórico de vida, vestindo uma farda como se fosse uma roupa de grife para se exhibir. Um homem fingindo ser príncipe em pele de sapo.

Ele seria capaz de fazer mal às próprias filhas?

Capítulo 8

A rua de paralelepípedo da cidadezinha onde Jean tinha se enfiado separa as casas de muro baixo da praia do outro lado. O mar calmo cintila ao toque do sol, enquanto a restinga que toma conta da faixa litorânea é uma mancha verde em solo arenoso. Vazio. É a primeira vez que vejo um lugar assim vazio. A calçada limpa não deixa qualquer vestígio de que alguém tenha passado por ali, e os bancos eram ocupados somente pelas aves.

— É tão quieto — comento. Daniel solta um resmungo em concordância. Passamos por um terreno coberto por mato. Um posto salva-vidas. Naquela parte, o mar já tem pedras onde chocar.

— Minha secretária enviou algumas informações que reuniu sobre o Jean. — Ele faz uma pausa. O dedo passa freneticamente as informações para cima. — Pelo que estou vendo aqui, o ex-marido da sua irmã teve problemas após o casamento. Ele passou por avaliação psiquiátrica para saber se conseguiria continuar na Marinha ou não...

— O afastamento já nos diz o resultado. — Mordo o lábio. Sinto que Daniel está me encarando. Controlo a vontade de confrontar seu olhar. Ele suspira.

— Sim. Ele foi afastado por causa de violência contra colegas e crises de ansiedade. — Ele solta um resmungo e ergue o celular acima da cabeça. — Estou sem sinal.

Paro o carro. Um homem sai de casa para ver quem é. É realmente uma cidade isolada. Bem diferente de tudo o que Jean gostaria. Fora dos padrões. Longe de holofotes. Ele tinha escolhido uma maneira diferente de terminar sua vida. Sinto minha mão suar. Aquele medo frio subindo pela minha barriga. *Ou ele escolheu o melhor lugar para se esconder.*

— Acho que se perguntarmos para alguém será mais rápido. — Daniel desce do carro. Ele vai até o homem que nos olha desconfiado. Fala algo e tem sua resposta com uma direção apontada. Olho para a frente, mas tudo o que vejo é um caminho igualmente vazio. — Obrigada!

— Ele conhece, então? — pergunto quando Daniel volta. Ele deixa escapar um sorriso. — O quê? Disse algo errado?

— Acho que todo mundo conhece o Jean. É a última casa dessa rua. Só seguir por ali. — Daniel aponta a direção. Ligo o carro e seguimos pelo paralelepípedo, chacoalhando conforme passamos pelos buracos. As casas de muro baixo dividem espaço com lotes inteiros vazios. — Ele não é uma pessoa popular, aparentemente.

— O que quer dizer? — Troncos retorcidos de árvores abrem-se em meio à restinga, cobrindo o caminho com sombra e folhas secas. — Ele disse algo?

— Não, mas fechou a cara quando perguntei do Jean. Quase cuspiu em mim como que para afastar problema. Foi bizarro. — Vejo o fim da rua onde a rótula indica o retorno. Uma estátua de golfinho olha para o mar. Paramos o carro. Não há espaço para um segundo passar. — Poucas pessoas devem vir para esse lado.

Concordo e é isso que me dá medo. Um lugar realmente isolado.

O muro de tijolos não tem portão e mesmo assim é difícil distinguir o casebre em meio a tantas árvores que tomaram conta do jardim. Passo pelo caminho que leva à garagem, minha muleta empurra as folhas cobrindo o chão. É uma construção de madeira pequena, com ripas acumuladas na lateral, aparentemente descartadas. Ambas as janelas estão fechadas e a porta esconde-se em uma área cercada e coberta. Olho para Daniel, que faz sinal para não nos aproximarmos tanto.

Ignoro.

Não consigo controlar a ânsia crescente dentro de mim. Entro na parte coberta. Parede pintada de cinza. Caminho devagar para que a muleta não faça tanto barulho no piso. A porta está aberta. Prendo a respiração. Não escuto choro de criança. Na verdade, só o pio dos pássaros eleva sonoridade naquele lote.

— Odila... — Daniel me chama. Prefiro não olhar para trás. A madeira range quando meu corpo passa pela entrada. Paro. O cheiro de comida velha queima meu nariz. Louça na pia. Geladeira pequena. Uma mesa com duas cadeiras. Toalha suja. Vejo uma abertura à direita. Sala. Duas outras portas. Provavelmente quartos. — Que merda, será que dá para você parar? Estamos invadindo uma casa!

— A porta estava aberta. É um convite. — Não me importo se isso tem lógica ou não. Tudo o que quero é tirar a agonia que me prende. A ideia

de que Jean possa ser o culpado do desaparecimento dos meus sobrinhos e a morte da minha irmã. Atravesso o arco. O sofá está com manchas no estofado. Rasgos. Comida espalhada na mesa de centro. Daniel dá uma olhada na televisão. Parece não estar funcionando. — Tem certeza de que ele mora aqui?

— Alguém realmente mora aqui... — Ouço a voz atrás de mim. O fio de uma lâmina toca o meu pescoço. A outra mão me prende pela cintura. Daniel levanta as mãos. Olhos arregalados. Sinto o ar me fugir conforme a pressão da adaga aumenta na minha pele. Suor brota na lateral do rosto. — A questão é se essa pessoa vai gostar de ter vocês aqui.

Capítulo 9

“— Lave as mãos — pedi quando Odete chegou. Ela tinha passado o dia trabalhando no posto veterinário. — Suas filhas estão no sofá, assistindo televisão. Daniel vai vir jantar também, ele está indo para um congresso no exterior na próxima semana...”

— Odila. — Virei para encarar minha irmã. O calor da panela abafando toda a cozinha. Ela estava cansada, mais magra e com olheiras fundas. Nunca pensei que Odete trabalharia ao ponto de acabar naquele estado. — Você é feliz?

— Do que está falando? — Coloquei a concha na pia. A sopa fumegando. — Aconteceu alguma coisa? Está se sentindo bem? Você parece doente.

— Estou bem. — Ela deu de ombros, o cabelo preso estava sujo nas pontas de algo escuro e úmido. — Esqueça o que eu disse. Acho que só estou cansada. Muito trabalho ultimamente. E Claudio?

— Não vai conseguir sair da delegacia hoje — respondi, desviando o rosto. Ainda não entendia as insinuações da minha irmã. Hoje, vejo que ela me conhecia melhor do que eu mesma. Eu já não era feliz com Claudio. Amava outra pessoa mesmo antes do acidente. — Bom, lave bem essa terra na sua mão.

Será que meu marido também tinha percebido isso?”



— Por favor, não faça isso. Você vai acabar machucando a Odila — fala Daniel. Sinto a arma afrouxar. Engulo a saliva pela primeira vez desde que minha vida ficou em perigo. Vejo pelo canto do olho o homem se afastar e, então, o reconheço. Jean também me observa, envergonhado.

— Me perdoe... — A mão trêmula deixa a faca pender ao lado do corpo. Jean está com os cabelos castanhos bagunçados. Bem longe do corte rente à cabeça que usava na Marinha. Olhos cansados. A pele amarelada e funda. Uma visão deprimente. — Achei que eram os *caras*...

— Seu filho da puta... — ofendo, a mão passando pelo pescoço. — De quem você está falando? — Daniel se aproxima de mim. O rosto rígido. Me pergunto se é medo ou raiva o que ele sente naquele momento.

— Os *caras* da boca. — Ele fala aquelas palavras em um murmuro. Como se pudesse evitar trazer qualquer coisa ruim para a sua porta. Seus olhos encontram o meu, a mão esfregando freneticamente a malha da calça. — Você veio me ajudar? Me dar o dinheiro que a Odete prometeu?

— Dinheiro? Quando Odete lhe prometeu isso? — questiono. O rosto dele fica ainda mais vermelho, mas dessa vez sei que é de raiva e não vergonha. Parece cada vez mais perturbado.

— Ela prometeu que me ajudaria a passar por isso, aquela vaca desgraçada! — berra ele. Lágrimas escorrem por sua bochecha.

— Jean? Quando você conversou com a minha irmã? — Tento me aproximar, finalmente sinto o efeito do medo nas minhas pernas. Estão trêmulas.

— Mas ela me deixou na mão — continua um diálogo mais para si mesmo do que em resposta. — Me abandonou como se eu fosse um lixo. Eu preciso de dinheiro. Vamos, me dê dinheiro!

Eu e Daniel recuamos contra a parede dos quartos, sentindo o fedor de álcool. Na mesa, pequenos tubos metálicos me chamam a atenção. Jean é um homem viciado em cocaína, sua palidez acentuada e a dilatação da pupila me garantem que não faz tanto tempo que ele se drogou. Exaltado, mais parece um animal do que um homem.

— Jean, eu realmente preciso saber quando você viu Odete e o que ela lhe prometeu... — Ele me observa. Um dos olhos mais arregalado que o outro. Preenchido por veias vermelhas. — É muito importante.

Ergo a mão para apaziguá-lo. Jean recua, transtornado, tropeça em uma das várias latas de cerveja que preenchem o chão. Ele olha para aquilo.

Seu queixo treme quando começa a chorar.

— Eu fui até ela alguns meses atrás. Dormi na porta do prédio. Implorei para ficar um pouco com minhas filhas, mas ela se recusou. Aquela vaca se recusou! — Fico em silêncio. É difícil digerir aquilo. Odete não tinha contado para Jean que as crianças sumiram? — Então ela me deu um dinheiro e disse entraria em contato depois, para passar mais uma grana.

— Ela lhe deu quanto? — pergunta Daniel sem se aproximar. Jean balança constantemente a cabeça, como se quisesse responder algo, uma pergunta que sequer foi feita. Ele cai no sofá. Parece uma criança perdida entre lágrimas e ranho.

— Um trocado. Nem deu para o final de semana, mas eu estava desesperado.

— Então você voltou para casa? — Minha voz sai num sussurro.

— Ela falou que viria até aqui com uma boa grana, que só precisava de tempo. Eu acreditei porque Odete não mente! — grita como se a gente não soubesse disso. Bom, a verdade é que eu acreditava o mesmo que ele. Que ela jamais esconderia coisas de mim. Agora, me deparo constantemente com pedras ocultando uma mulher diferente da que conheci. — Voltei para casa e esperei. Esperei. Até agora. Estou me escondendo, esperando que ela traga meu dinheiro e eu consiga sobreviver aos *caras*. Então vocês trouxeram ou não?

— Jean... — Tento me aproximar. Como vou conseguir contar algo assim para um homem que já está mergulhado na merda? Vejo Jean ali, ombros caídos, diferente do marido e pai que conheci. A vida é *foda*. Caminho, atenta às suas reações. Daniel segura meu braço em alerta. — Me solta. Não tem como contar algo assim sem o mínimo de decência. Não somos bichos.

— O quê? — pergunta Jean, trêmulo. Também estou sofrendo com a expectativa de ter que anunciar mais uma vez uma partida que ainda me dói. Odete, se ela soubesse quanta dor deixaria para trás, teria feito diferença em sua decisão? O vejo arregalar os olhos vermelhos, suplicantes para que o meu silêncio termine e eu diga logo o que mais pode piorar. Daniel me solta; respiro fundo, ensaio na cabeça aquelas palavras: minha querida irmã se foi e talvez ela não tenha lhe contado tudo nesses últimos cinco anos. — Aconteceu alguma coisa? Com Odete? Com as crianças?

As crianças. Difícil ouvir aquilo sair da boca de um pai que sequer suspeita do desaparecimento das filhas. Meu Deus, Odete, por qual razão

você resolveu esconder isso dele? Meu estômago está embrulhado com a possibilidade de contar tudo, de lidar com aquela onda de desgraças em um homem mergulhado no próprio tormento. Respiro fundo, sinto que foi um erro, pois as lágrimas atacam meus olhos como dardos ardentes.

— Jean, eu não sei como te contar isso, pois já está sendo extremamente difícil para mim, mas... — Sento no sofá ao seu lado, minha voz rasgada pela falta de segurança. Realmente sou a pessoa certa para contar isso? Eu, que ainda não aceito a partida de Odete? Tiro a faca de sua mão e a coloco na mesa à nossa frente. Jean não deixa de me olhar, então pego na sua mão magra e manchada. — A Odete, ela...

— O quê? Por favor, fala logo! — Mordo os lábios. Aquela maldita palavra bloqueia minha garganta como se fosse uma bola gigante.

— A Odete se suicidou, Jean. Mamãe encontrou o corpo dela.

O grito que ele solta soa mais como um uivo doloroso.

Jean abraça o próprio corpo, tremendo como se estivesse com frio. Toco suas costas e espero o momento certo para falarmos sobre tudo. Os detalhes que ninguém quer ouvir, mas que são necessários. Como ela morreu? O que a levou a se matar? Ela sofreu muito? Foi por causa das crianças? Perguntas que eu também relutei para encarar. Coisas que, para Jean, seria ainda mais difícil. Afinal, quem poderia aceitar que Odete não contou ao pai sobre o desaparecimento das próprias filhas?

Encaro meu ex-cunhado. Ele realmente não sabia? Odete não queria seu envolvimento mesmo sendo o pai? Olho para as bebidas espalhadas no chão. O vício de drogas. Ela teria ido tão longe para apagar esse homem da sua vida? Ou ele ficou traumatizado o suficiente para fingir que nada aconteceu?

Capítulo 10

— Não pretende desistir, né? — pergunta Daniel. Estaciono o carro na frente do apartamento de Odete. Não sei como chegamos ali. Só queria sair logo da casa de Jean e voltar para a cidade. Voltar para minha casa. Seguro o volante com força quando ouço sua inspiração pesada. — Ela não ia gostar disso.

— Você não sabe do que ela gostaria. — Não quero ser grosseira, mas é difícil. Foi um dia com sequências decepcionantes. Eu realmente acreditei que conseguiria descobrir mais sobre minha irmã e sua morte, como uma investigadora. *Alguém útil.*

Quanto mais penso nisso, mais me sinto uma piada.

— Não tem como saber onde Odete conseguiu o cisne. Ela não falou para Michele, e mesmo o lodo pode não ter ligação com esse lugar. Foram semanas de diferença entre o que ela encontrou e a sujeira nos sapatos — digo.

— E o Jean? — ele argumenta, virando parte do corpo na minha direção. O cinto ainda afivelado. — Ele é muito suspeito e sei que você pensou o mesmo quando o viu todo embriagado! Pelo jeito, também se droga com frequência. Você não acreditou naquela história de ele não saber do desaparecimento das crianças, né?

— Eu acreditei. Sinto que Jean estava falando a verdade, mesmo não sabendo se foi porque Odete não contou para ele ou porque ele, não sei, talvez tenha tido uma amnésia por causa do choque. Imagino que o delegado na época também devia ter alguma teoria sobre isso — digo. A mão fechando no volante. — Ele foi descartado como suspeito logo no começo. Então é só perda de tempo.

— Está com medo de continuar. É isso, não é? Você sempre tem medo. — Ele bufa, os dedos vão até a têmpora. — Não consegue deixar o Claudio. Nem admitir que gosta de mim. Agora, desiste sem pensar um pouco mais! Sem dar chance à dúvida.

— Não fala merda, Daniel! — berro em resposta. Bato com força no volante, a buzina ressoa. Sinto meu corpo enrijecer com toda a raiva guardada dentro de mim. — Cala a porra da sua boca! Eu disse que não vou discutir sobre isso com você. O que a gente fez foi um erro. Jamais devia ter acontecido.

— É o que você acha? — Seu rosto está vermelho. Desvio os olhos. Não consigo encará-lo. — Realmente pensou que eu não queria conversar por ter achado que tinha sido apenas um erro? Diferentemente de Claudio, Odila, eu sei te dar espaço. E imaginei que você precisasse pensar com calma sobre o assunto. Agora vi que fui um idiota.

Ele desce do carro e bate a porta. Não consigo me mexer. Minha voz sempre treme quando eu minto, achei que Daniel me conhecesse bem o suficiente para saber disso. Para saber que toda a raiva que expeli naquele momento não passou de uma calúnia. Tudo para mantê-lo afastado e conseguir um pouco de tempo. *Não consigo respirar com você. É opressor esse sentimento.* Queria lhe dizer. *Só me deixe pensar.*

Me transformei em muitas coisas depois do acidente. A principal delas é na mulher que prefere ficar sozinha consigo mesma. Seus medos, receios. Na pessoa que prefere chorar sem que ninguém veja. Que grita para dentro de forma que seu interior sempre parece que vai explodir. Me pergunto se Odete esteve assim em seus últimos dias e se toda aquela aventura com cisnes foi um lapso, a única forma que sua consciência encontrou para se sentir mãe.

Ligo o celular. As chamadas e mensagens sobrecarregam o aparelho. Pego o endereço do local do enterro de Odete. Talvez seja tarde, podem já tê-la enterrado, mas não posso ignorar mais isso. Está na hora de enfrentar o enterro da minha irmã. Vê-la desaparecer na terra junto do segredo que corrói nossa alma.

Dirijo pela avenida, a estrada está movimentada por causa da hora de pico. Fico parada no trânsito. Minhas mãos estão suando no volante. Buzino algumas vezes. Alguém grita e faz sinal na frente. As rodas dos carros andam como noivas no altar, lentamente. Aquilo me dá ânsia. Vejo uma rua à direita. É uma volta maior, mas posso conseguir me livrar do trânsito. Faço isso. O caminho está vazio, poucos carros circulam pela área. Além da sinaleira, nada consegue me parar novamente.

O cemitério está lá, com suas vagas ocupadas por vários carros. Subo na calçada, o único lugar disponível, e saio. Manco, seguida por trepadeiras

que sobem pelo muro oculto. O campo de túmulos se estende em um jardim fúnebre e silencioso. A única cova aberta está cercada por pessoas. Sei que é de Odete. Meu coração aponta naquela direção como uma bússola para o norte.

Consigo ver minha mãe conforme me aproximo. Uberta está apoiada em Claudio, ambos de preto, olhando para um caixão branco suspenso, enquanto o padre faz sua oração. Não preciso de holofote para que a atenção se volte na minha direção. Respiro. Estou cansada. A perna dói e treme. É difícil conseguir dar o próximo passo, mas o faço.

— Odila. — Ouço a voz de Claudio. Pelo canto do olho, vejo minha mãe ficar vermelha de raiva. Ele tenta se aproximar, mas para ao ver toda a terra que cobre minha roupa. Sei o que está se perguntando: afinal, onde eu estive por tanto tempo?

— Eu preciso vê-la — peço. O coveiro encara minha mãe e o padre. Um pedido bem diferente do usual. — É rápido, eu prometo.

— Odila, por favor. Nós precisamos enterrá-la... — diz meu marido, a voz calma, ondulando por uma maré controlada com muito esforço.

— Pode abrir o caixão? Só um pouco. Não vou demorar, por favor. — Ninguém se move. Olhares são trocados conforme o tempo passa e o clima fica mais pesado. — Me deixe vê-la, porra!

— Você não vai vê-la — Uberta fala. As mãos cruzadas na frente do corpo. — Teve a sua chance e a desperdiçou. Deveria ter pensado nisso antes.

Seu queixo pontudo faz sinal para que o coveiro desça o caixão. O padre tenta argumentar sobre o fim da oração, mas se cala com o simples olhar da velha. Sinto a raiva crescer pelo meu estômago e subir na garganta em um ácido amargo que queima tudo por onde passa. Claudio coloca a mão no meu ombro, mas o afasto. Não tiro os olhos de Uberta. Ela se mantém firme igual um galho seco de uma árvore milenar.

O caixão de Odete bate contra o fundo da cova. Seu túmulo me chama a atenção. Claudio pressente o que vou fazer, está se aproximando novamente quando me inclino. Meu corpo escorrega pela terra. Ouço um coro de pavor vindo dos presentes. Meu nome pronunciado com todas as formas de repúdio. Me choco contra o caixão. Uberta ordena que me tirem de lá. Uma parte da terra cai sobre meu ombro. Abro a tampa de cima do caixão. O rosto da minha irmã é a única coisa que consigo ver, mas é o suficiente para me fazer chorar.

Olhos fechados, pálpebras pintadas de azul. Odete não gostava de se

maquiar. Ela odiaria toda aquele peso em seu rosto.

— Odila! Me dá sua mão. — Claudio é uma mosca no meu ouvido.

O cabelo loiro dela está escovado e alinhado, com todos os cachos desfeitos. Odete cheira a talco, uma boneca encaixada na colcha macia de um caixão. É estranho o sentimento de desolação e vazio que preenchem meu peito, diferente de tudo o que senti até aquele momento. Me deparar com o peito imóvel de Odete, me faz crer que eu estou no lugar errado. Aquela não é minha irmã, ela não está morta, não é Odete. Ela não era assim. Não usava essa maquiagem. Tinha um sorriso lindo. Gostava de perfume de rosas. Ela era viva!

— Alguém tira minha filha de lá agora! — Uberta ecoa ao fundo. Uma voz perdida em meus pensamentos.

Minha irmã dorme enquanto absorvo cada detalhe de nossa despedida. Ainda não consigo conceber o fato de estar encarando seu cadáver.

Vejo a marca em seu pescoço. Nem toda a maquiagem do mundo seria capaz de esconder aquilo. Estico os dedos. A mão trêmula. Tudo é tão irreal que acredito: *ao tocar, vou acordar do pesadelo.*

— Odila! — Ouço meu nome. — Odila! Que merda você está fazendo, Odila?!

Toco a pele nua de seu pescoço. É quando percebo aquele vazio significativo.

A falta de um colar.

O relicário negro de Odete.

Seu cisne.

Capítulo 11

“— Vamos, se juntem! — pedi, não pela primeira vez. — Não vai enquadrar bem a foto!

As três se ajeitaram, Odete com os braços abertos para conseguir segurar todas sob sua proteção. Elas sorriram. Os olhos azuis espremidos por causa do sol que batia no rosto.

— Digam: cisne!

— Cisne!

Apertei o botão. A câmera capturou o momento.

— Ficou boa? — perguntou a mais velha.

— Depende. É para espantar mosca? — Ouvi reclamações antes de elas voltarem a brincar. Odete segurou minha mão para conseguir ver a foto. Seus dedos estavam tremendo. — Acho que dá para colocar em um porta-retratos. Vai ficar boa.

— Vamos fazer uma cópia para você.”



Odete não estava com o colar quando foi enterrada.

Nem quando foi encontrada.

Mesmo semanas antes.

Quando enterrei a caixa, ela não usava o relicário.

“Se eu morrer, abra a caixa.”

Abro os olhos. O quarto está um breu. A luz do poste do lado de fora

entra pela cortina semiaberta. TV desligada. A cadeira de acompanhante está vazia. Porta fechada. O silêncio do corredor é incômodo. Não lembro como saí de lá, mas imagino que Claudio tenha me arrastado até aquele lugar. Uma clínica psiquiátrica, provavelmente. Devem achar que piorei por causa da morte da minha irmã. Os comprimidos fechados não me ajudaram.

Minha bolsa sumiu junto do celular. Toco meu pescoço. O colar também não está ali. Uma das recomendações da clínica deve ser retirar tudo o que causa dor ao paciente. Medida drástica. Inicial. Visto que sofria de depressão após o acidente, as recusas em fazer um tratamento adequado devem ter dado ainda mais crédito aos dois. Penso nos remédios fechados na cômoda ao lado da cama. Estão tratando o meu luto como se eu fosse uma viciada em alguma droga. Em sofrer pela morte da irmã. Claudio é um filho da puta capaz de me internar ali, mas sei que Uberta é quem teve a ideia. Ela não vai me perdoar pela vergonha que passou no enterro, mas, se eles acham que tirar algo de mim é o suficiente para me frear, estão enganados.

Eu sei o que Odete guardava na caixa. O que ela queria que eu achasse caso acontecesse algo. O relicário não foi um presente bobo. Seu desaparecimento menos ainda. Não foi ela quem abriu a caixa. Minha mente grita isso. Assim como fez quando li o laudo do legista. E isso envolvia o desaparecimento das suas filhas. A questão é: quem acreditaria em mim?

Desço da cama. Minha muleta não está no quarto. Estão tentando dificultar minha locomoção. Caso eu tente fugir. Manco até a porta, abro uma fresta. Algumas enfermeiras conversam na recepção muito próxima do meu quarto. Vão me ver se eu tentar sair. Olho para o quarto do lado esquerdo. Número 205. *Quarto em obra* está escrito em um papel sulfite colado com fita adesiva.

— Estou no fim do corredor. — Passo o dedo pelos lábios secos. Algo em vermelho me chama a atenção.

Ao lado da porta do quarto em obras, na lateral direita, um plano de saída de emergência está grudado na parede. Um mapa com saídas principais, secundárias, de emergência. Painéis elétricos. Extintor de incêndio. “Em caso de incêndios, evacue pelas saídas de emergência imediatamente.” *Estou no segundo piso*, talvez essa seja uma das minhas melhores opções de escape.

Vou até a janela. Cubro os olhos quando a luz do sol me atinge. Parece que faz tempo que estou longe da claridade. Vejo alguns carros espalhados no estacionamento. Eu precisaria de um desses, mas estou longe de conseguir um. *Pense em outras opções.*

Olho para o lado. Não é apenas um quarto em reforma. Estão aumentando o tamanho da clínica daquele lado inteiro. Um andaime está anexado aos andares. Onde estou é o lugar em que trabalham no momento. Não instalaram janelas ainda. *De noite, penso. Posso ir pela beirada do prédio até lá.*

Deito na cama. Minha mente não para de traçar caminhos. Possibilidades. Trabalhei muito tempo como dublê para saber dos riscos. Sei o custo que cada decisão tem. Toco a perna. *Você consegue.* Dessa vez, não duvido disso nem por um minuto. Ver minha irmã naquele caixão foi como se uma porta tivesse sido aberta dentro de mim. A coragem no meu interior transborda.

Alguém abre a porta. Duas mulheres entram, uma delas carregando comprimidos em uma bandeja de metal. Copo plástico com água ao lado. Elas sorriem afetuosamente, como se soubessem o que vivi nos últimos dias. Recebo a compaixão, fingindo me sentir acolhida.

— Como você se sente? — pergunta a mais alta. Leio seu nome no crachá: Dra. Lorena. Psiquiatra. A outra mulher coloca a bandeja na lateral da cama.

— Melhor. — Baixo a cabeça. Penso em qualquer coisa que cause vermelhidão nas minhas bochechas. Daniel é sempre o responsável por isso. — Meu marido, eu gostaria de vê-lo.

— Ah! O senhor Claudio disse que virá amanhã visitá-la. — A enfermeira me entrega o copo com comprimido. Coloco na boca e empurro com água, mas não engulo. Ele desliza para a gengiva enquanto o líquido desce pela garganta. — Veio de manhã, mas a senhorita estava dormindo. Não quis incomodá-la.

— Gostaria de ir para casa... — Vejo a reação da enfermeira ao lado. Ela não me encara, apenas pega a bandeja e sorri como se eu não estivesse falando mais nada.

— Eu entendo, nossa casa é acolhedora em momentos assim, mas faremos o possível para que você fique à vontade. — A psiquiatra continua me analisando, parece duvidar da minha melhora. Não seria para menos; Uberta e Claudio devem ter falado sobre os ataques de pânico depois que acordei do acidente. A descoberta da deficiência e todas as explosões de violência contra meu marido no começo. A recusa no tratamento e finalmente a desistência em viver uma vida normal. *Que merda.* Eu preparei um belo palco para eles me enfiarem nessa clínica.

— Vou estar no corredor. Pode me chamar se precisar de algo, Odila — disse a enfermeira, um toque quente na minha mão.

Retribuo com um sorriso tímido, que parece convencer a psiquiatra de que devem deixar o quarto.

— Descanse agora, uma boa noite de sono lhe fará bem — ela completa. Com o remédio que me deram, não é algo de que eu duvide. As duas saem fechando a porta atrás de si. Ouço suas vozes no corredor e o afastar dos sapatos.

Tiro o comprimido da boca, observo a gelatina protegendo o conteúdo. Ele não iria aparecer amanhã ou depois. Duvido que Claudio sequer tenha vindo de manhã. Curar minha depressão. Essa é sua última tentativa de recuperar nosso casamento. Ele realmente deve acreditar nisso, é um doente desgraçado.

— Seu filho da puta.

Vou até o banheiro e jogo o comprimido na privada. O gosto amargo ainda prevalece na língua. A sensação de dormência é impulsionada pelo ódio que sinto ao imaginar Claudio me enfiando naquele lugar, acreditando que assim conseguiria salvar qualquer resquício de um casamento. Como se minha sanidade fosse a culpada pelo homem bosta que ele é.

Baixo a calcinha e sento. Claudio não destruiu minha vida com o acidente, mas o fez ao me catalogar como uma peça inferior à sua, alguém que precisa ser tratada como doente, dominado. Ele não acreditaria em mim não importa o que eu dissesse, a prova estava ali, nas paredes da clínica, nos remédios enfiados goela abaixo.

Abraço meu corpo através daquele tecido branco fino. E ainda que a decepção me corroa por dentro, não é dele que sinto mais ódio. A mulher que sempre criticou nosso pai por não se preocupar mais com a própria família, agora se voltava contra mim. Cabeça dura. Acredita que eu não tenho mais ninguém no mundo, que isso tudo vai ser perdoado quando o luto passar.

Líquido quente sai de dentre minhas pernas.

Meus cabelos caem por cima da roupa hospitalar. *O luto não vai passar, mãe.* Não até eu virar esse mistério de cabeça para baixo. Não importa o quanto me culpem, nem quantas vezes digam que estou quebrada.

Estremeço.

— Ninguém vai me domesticar.

Capítulo 12

Percebo as trocas de turno quando uma nova enfermeira vem se apresentar. Ela não traz comprimido, está só averiguando meu estado letárgico. Aulas de atuação valem mais do que ouro. Respondo espaçadamente. Dando um curto intervalo entre a pergunta dela e a minha resposta. Espero os passos dela se afastarem o suficiente, então levanto.

Travesseiros debaixo do lençol branco. Volume para um corpo. Apenas para ganhar tempo. Ando até a porta, confiro a enfermeira na recepção. Me afasto. Tento abrir a janela. Ela cede apenas parcialmente. Então trava. Emperrada. Forço. Minha mão escorrega por causa do suor. É impossível.

Nada que possa usar para conseguir abrir a janela. Respiro fundo. Firmo as duas mãos no alumínio e volto a forçar. Os dedos enrijecem. A pele começa a queimar, resistindo ao material. A trava cede um pouco mais. Range ao ser forçada. Até que abre o suficiente para meu corpo passar.

Com um impulso, subo no beiral, sento. A guarda de proteção do prédio está logo abaixo dos meus pés. Alguns insetos são atraídos pela luz dos postes à frente. Vejo aquilo. Respiro lentamente. Minhas mãos seguem agarradas ao alumínio. As árvores balançam por causa do vento que passa. É tudo ou nada. Tenho consciência disso.

Levanto. Deixo que meus dois pés toquem a beirada do prédio. Manco alguns passos. As mãos deixando a proteção da janela. Foco na luz alaranjada dos postes. Em tudo que vejo de queixo erguido. Não olho para baixo. O vento balança minha roupa. Mantenho meu corpo ereto contra a parede.

Minha perna começa a tremer. Paro. Os músculos tensionados se movimentam sem ordem. Não consigo continuar. Sei que um movimento e o membro não vai seguir. Estou parada. O vento agita meu cabelo. Mais forte. Frio. Respiro fundo. Tento me acalmar. Penso em Odete. Nas crianças brincando. O dia é agradável. Elas riem.

— Calma, Odila. Calma — digo para mim mesma. — Você consegue.

O tremor vai cedendo. Dou um passo. Sinto que estou tomando o controle. Avanço um pouco mais. Manco até o andaime. Minha mão está alcançando a barra de ferro. Meu peito começa a sentir o alívio de sair daquele precipício. Ao estar protegida por mais do que alguns centímetros de chão. Estou chegando. Os dedos sentem o frio toque do material.

Então uma pontada forte parece rasgar a carne da minha perna. Firmo os dentes um no outro para suportar a dor. Um dos pés escapa da beirada do prédio. Meu corpo é impulsionado para a frente. Perco o equilíbrio. Meu braço estica ao máximo. Os dedos envolvem a barra de ferro do andaime. A força gravitacional puxa meu peso. O ombro faz um estalo alto. Sinto a dor pulsante quando coloco a outra mão e me puxo para dentro do andaime.

De costas, o corpo protegido, respiro como se nunca tivesse feito isso antes.

Preciso levantar. Minha consciência grita isso, mas o corpo demora para reagir. Quando consigo, estou parcialmente amortecida por toda a dor e adrenalina. Caminho agachada. Observando as nuances sombrias dos quartos em reforma. Coração batendo rápido. A respiração escapa dolorosamente pelas narinas.

Desço uma das escadas do andaime. O primeiro andar daquele lado também está vazio. A passarela de metal tem uma saída para o térreo. Estou prestes a descer, quando um movimento me alerta. Uso as barras de metal para ocultar minha presença. Vejo que duas pessoas saem da entrada da clínica. Estão com pressa. Um bem à frente do outro.

— Você tem que deixá-la descobrir o que aconteceu com a irmã! — berra uma voz. É de Daniel. Ele é quem está atrás. — Claudio, você não tem o direito de prendê-la aqui!

— Quem você pensa que é para questionar minhas decisões? — Claudio para. Vira de frente para o irmão. Ele é bem mais alto que Daniel. — Olha aqui, se eu sonhar que você tentou entrar de novo, acabo com você. Ouviu bem?! Ela é a minha mulher!

— Sua mulher? Qual é, Claudio? Faz tempo que vocês não são esse tipo de casal. Internar sua esposa aqui é a prova disso. — Daniel é pego pela gola da camisa. O rosto endurece. A raiva dos dois parece estar sempre em ebulição. — Isso é tão a sua cara. Violência. Estourando por tudo. Me pergunto se isso também é culpa da nossa mãe ou se é só a personalidade do meu irmão mesmo.

— Uma hora eu vou te pegar, Daniel. — A voz de Claudio escapa pelos dentes trincados. — Quando isso acontecer. Eu vou foder com você.

Claudio se afasta. Sua sombra surgindo e desaparecendo conforme os postes de luz perdem-no de vista. Não demora muito para Daniel também vá embora. Ajeitando sua gravata, ele anda até o carro e dirige para fora do estacionamento.

Fico observando os dois como se fosse uma mosca. Digerindo aquela conversa. Engolindo a cólera que emanavam. Claudio e o irmão viviam sua guerra familiar e, quanto mais eu presenciava isso, mais sentia que tinha dado a eles uma arma, sem sequer perceber: a semente da ideia de que eu era uma espécie de troféu que eles poderiam levantar no fim do jogo.

Capítulo 13

“— Muito bem. A segunda parte é um código simples que vocês precisam desvendar utilizando coisas que possuem no quarto de vocês. — Papai entregou um papel. Odete pegou. Olhei por cima de seu ombro e vi números escritos neles. — Lembrem-se de que números são fáceis de colocar e confundir, mas nem sempre significam contagens.

— O que acha que é? — perguntou Odete. Papai voltou para o sofá da sala e colocou em seu canal favorito. — Não sei se já vi algum deles no quarto.

— São muitos. Teria que ser algo grande. — Peguei da mão dela. — Talvez uma tabela periódica. Ela tem muitos desses números.

— E se não significam contagens, podem significar palavras — concluiu minha irmã. Lembro que papai soltou uma risada. Foi a única vez que vi seu sorriso debaixo da barba grossa. Ele estava orgulhoso.”



Olho para dentro de uma sala no térreo, parcialmente coberta pelo andaime. A persiana está semiaberta, tampando parte de um conjunto de armários com fileiras de bancos no meio. Uma sala de funcionários. A única chance de encontrar dinheiro e roupas que me ajudem a chegar em casa.

Abro a janela. Entro com cuidado para não fazer barulho. Do lado esquerdo está uma cortina do tipo usada em vestiário, mas maior. Me agacho. Consigo ver o pé de uma cama e uma perna caída para o lado. Alguém provavelmente está tirando uma soneca.

Respiro fundo. Dou a volta nos bancos de madeira e tento abrir os armários um por um. Trancado. Trancado. A pessoa do lado de dentro de mexe. Consigo ouvir a cama ranger. Paro com a mão no terceiro armário. Observo pelo canto de olho a cortina. Nada mais se mexe. Tento essa porta. Trancado. Vou para a seguinte. A porta vem quando puxo.

Dentro, uma bolsa e uma muda de roupa. Consigo deixar um sorriso brincar nos meus lábios. Pego as roupas e coloco no banco. Dentro tem documentos. Livros. Uma carteira com dinheiro. Cartão. Pego apenas as notas e fecho a porta novamente. Saio pela janela. O ronco de quem está dormindo é a última coisa que escuto da clínica.

A roupa não é do tamanho. O dinheiro não é muito. Mas tudo aquilo parece a melhor coisa que me aconteceu. A adrenalina sobe na minha cabeça, me enchendo de tesão. Melhor do que tudo o que já experimentei. Sorrio quando jogo as roupas do hospital em uma lata de lixo próximo ao ponto de ônibus. Estou com as mãos no bolso, meu corpo esfriando após todo o esforço que fiz. Sei que a perna vai começar a protestar assim que toda a emoção se calar, então preciso de outra muleta o quanto antes.

Vejo o ônibus chegando. Entro assim que ele para. O primeiro banco vazio é como um abraço de mãe. Me sinto relaxada por aquele momento, as lojas passando, pessoas caminhando. Um mundo completamente diferente dos meus minutos anteriores. Fecho os olhos. Odete me vem à mente. Ela e aquele seu sorriso. *Não tenho um plano completo, Odete. Mas sei meu primeiro passo.*

O transporte coletivo entra no meu bairro. Puxo o capuz do casaco quando desço na rua mais próxima do meu prédio. Um calçadão cobre boa parte da quadra e muitas ruelas levam à parte de trás das construções. Sei que aquele é o melhor caminho. Paro no orelhão um pouco antes. Disco o número de telefone da mesa do escritório de Claudio. Espero dar alguns toques.

Chamada a cobrar: diga seu nome e a cidade de onde está falando.

— Alô? — a pessoa atende, incerta. É a secretária.

— Oi, Ludmilla! Aqui é a Odila, tudo bom? Ai, desculpa ligar a cobrar, mas é que deu um problema no meu celular e não consigo falar com o Claudio. Ele está por aí?

— Oi, Odila! Sinto muito por sua irmã. — Ela faz uma pausa antes de continuar. — O delegado não está na sala dele agora, mas acho que está no escritório, sim. Você quer que eu deixe algum recado?

— Não, não. Tudo bem. Não é urgente. — Observo o movimento da rua antes de continuar. — Eu ligo novamente quando chegar em casa. Obrigada, Lud! Manda um beijo para a sua mãe.

— Pode deixar.

Desligo. Passo pelo caminho estreito que leva até o prédio; a porta dos funcionários está fechada, mas sei que grande parte dos moradores mantém a entrada exclusiva para banhistas aberta.

Paro em frente à porta. Tento a sorte. Ela abre.

— Eles não mudam — murmuro.

Entro por ali. Tiro o capuz quando passo pelo corredor que divide os vestiários da piscina do prédio. Alguém está lá mesmo sendo noite. Consigo ouvir o barulho da água. Passo pela porta de vidro. A música ambiente do salão de entrada me recebe. Ali não tem como escapar das câmeras.

Quem trabalha no turno da noite é o mais novo. Ricardo, o nome dele. Educado. Sorriso fácil. Gosta de falar sobre futebol. Não lembro se estava passando algum jogo na televisão, mas, se sim, ele provavelmente não está nem monitorando as imagens.

Ando até a porta do elevador. Evito olhar para a câmera, ainda que ela pareça opressora contra minhas costas. O número no painel estaca. Quarto andar. Sinto minhas mãos suarem. Limpo na roupa. Ouço uma porta abrir. O elevador volta a descer. Terceiro. Não sei por qual razão estou com medo. Claudio não deve ter falado nada sobre o que aconteceu comigo. Uma gota de suor escorre pela lateral do meu rosto. Não sei se devo limpar. Fecho os olhos. Passos. A porta do elevador abre no térreo. Eu entro. Seguro a respiração. Aperto o sexto andar. Tento fechar a porta.

— Segura, por favor — alguém pede. Não ergo o olhar. Finjo que não ouvi. A porta se fecha. O solavanco do elevador subindo me lembra de que preciso de ar.

Quando chego ao andar não sei se tenho mais forças para andar. Fico olhando meus pés por uns instantes antes de seguir o caminho. A porta do apartamento fica logo à direita. Digito a senha da trava eletrônica. Ela abre. Não dou um único passo além daquele. Viro o rosto para o corredor. O som de água corrente. Claudio está em casa. Provavelmente no banho. A saliva parece pedra quando desce pela garganta.

Manco até o quarto com cautela. A porta do banheiro está fechada. Sei que tem uma muleta extra guardada no quarto de fisioterapia. Claudio tinha paranoia quanto a isso e sempre dizia que eu poderia precisar de uma extra. O bom é que meu marido realmente estava certo. Vou até o quarto, pego a muleta presa em um suporte. Só minhas coisas agora e posso sair dali.

Minhas coisas estão jogadas em cima da cama. Ao lado das roupas do meu marido. Vou até lá. Não deixo de prestar atenção no chuveiro. Pela força que a água bate contra o piso, ele deve estar lavando o cabelo. Vejo se tem dinheiro na carteira. Algumas notas ainda estão ali. Olho meu celular, várias ligações perdidas de um número que não conheço. O molho de chaves de Odete ao lado. Coloco tudo o que está espalhado de volta na bolsa.

Viro para ir embora.

Algo reluz do bolso da calça de Claudio.

Puxo o tecido.

O relicário de Odete desenrola por entre meus dedos.

Aberto e sem nossa foto.

Capítulo 14

O chuveiro desliga. Viro o rosto para a porta. Volto para o bolso. Procuro pela foto. Não tem sinal dela em lugar algum. O box é aberto. Sei que tenho pouco tempo. Saio do quarto. Abro a porta do apartamento. Não espero o elevador. Dessa vez, sigo pelas escadas. Meu peito dói. *O que você está fazendo com o relicário? Onde está a foto, Claudio?*

Abro a porta da entrada e saio na rua. Estou andando pela calçada. Cabeça baixa. Mãos dentro do casaco. Bolsa no ombro. O colar de Odete se enrola nos meus dedos. Não consigo parar de pensar. Claudio. Relicário. Odete. *Não*. Seria acusar sem provas. Preciso disso primeiro. *A foto. Onde está a foto?* Saio do centro. Sei que preciso de um lugar para dormir e comer.

Paro em frente a uma vitrine chamativa. Os neons vermelhos destacam a lingerie no manequim. O único lugar que consigo pensar é em um motel. Sei que não vão pedir meu nome e terei um pouco de paz. Mordo o lábio. Tento me lembrar de todos os lugares aonde Claudio me levou quando namorávamos. Ele não curti a ideia de motéis, dizia que se sentia exposto. Como se alguém estivesse lhe observando sempre. Ainda assim, quando saíamos para uma festa e queríamos algo mais, acabávamos em um com quartos bem isolados.

— Avenida Agulhas Negras... — murmuro. Sinto o olhar de algumas pessoas. Apenas ignoro. Meu dedo aperta a têmpora. — Ao lado de um posto de gasolina.

Olho para os lados, sem sinal de táxi. Caminho alguns metros, esperando encontrar qualquer sinal de transporte. Um veículo amarelo vira na rua bem à minha frente. Faço sinal. O motorista vê e para. Entro no carro. Passo o endereço, sem mencionar o motel. Ele para ao lado do posto; exatamente como eu lembrava, o motel com dois cisnes se beijando fica logo depois. Pago o motorista e saio.

A rua é escura. Preciso subir uma elevação e parar na garagem cercada por um muro de pedra. Um painel aceso mostra as opções de quarto.

Pego o mais barato que vejo. Ele mostra o número do quarto e abre a entrada de veículos. Passo por ali. Caminho por umas ruas dignas de condomínio. O número do meu quarto não está longe. A garagem já está aberta. Entro e fecho com o botão.

Estar em uma suíte de motel sozinha é estranho, mas ver aquilo como o único lugar seguro onde posso ficar me dá uma noção de libertinagem bem diferente. Cama arrumada. Espelho no teto. Televisão de frente. Um cardápio em cima da mesa. O telefone ao lado da cabeceira. Uma espécie de passagem para a entrega de comida.

Sento na cama. Deixo a bolsa ali. Não sei o que fazer primeiro. Qualquer movimento e meu corpo reage com puxões dolorosos. Peço a primeira coisa que vejo no cardápio. Não sei se consigo comer depois de tudo o que aconteceu, mas permanecer fraca não é a melhor solução para os meus problemas. Ao desligar o telefone, me volto para os relicários em cima da cama. É a primeira vez que estão juntos desde o dia que minha irmã os comprou. Toco no vazio do que pertencia a Odete. É estranho vê-lo sem a foto. Parece uma casca de algo que antes tinha vida. Coloco o negro na cama e abro o meu. Puxo a foto que está ali dentro, observo aqueles dois rostos. Meu coração é um misto de ternura e mágoa, pois agora eu sei que, alguns anos após aquela foto, minha irmã já não estaria mais ao meu lado. *Sempre fui muito dependente de você, Odete.* Preferia continuar sendo, se isso permitisse que ela estivesse ao meu lado. Viro a pequena fotografia. O outro lado está em branco, sem qualquer recado. Vejo o relevo em forma de coração onde a foto estava, tento puxar com a unha, e a esperança de que ali se esconda algum segredo é confirmada. Ao ceder, um papel dobrado caí nos meus dedos. Vejo aquela folha de um caderno infantil, desenhos de florais nas bordas, linhas rosas. É pequeno, foi rasgado sem muito cuidado, contudo, minha mão aperta com toda a força que consegue, pois ali está um fragmento de Odete. Algo que ela deixou para mim.

Eu vou conseguir, minha irmã. Vou chegar até você, penso ao abrir o papel e me deparar com uma sequência de letras e números que não faz o menor sentido.

— T65384O — leio em voz alta.

Baixo a folha. Gostávamos de brincar de detetive quando éramos crianças. Papai que preparava tudo. Eu caçava as pistas. Odete as solucionava. Não me surpreende que ela tenha escolhido esse método. Uma forma de proteger seu tesouro.

— Até onde você foi com isso?

Deixo todo o ar sair do meu pulmão. Por um momento, sinto raiva da minha irmã.

Capítulo 15

“Não lembro do que estávamos conversando. Eu estava sentada no balcão da cozinha. Minha cabeça rodava. Tinha bebido demais. Daniel também, pois ria de qualquer coisa, mesmo a pior piada do mundo.

Todo mundo já tinha ido embora da festa, então só sobrâramos nós dois. Eu e ele esperando Claudio. Meu marido sequer deu o vislumbre de sua presença. Peguei a taça em cima do balcão e empurrei mais um gole para dentro da boca. Estava cheia. Nauseada. Ainda assim, tudo o que eu queria era apagar.

— Quer que eu te leve para a cama? — Foi uma pergunta inocente, mas fez meu coração se contorcer. Eu realmente estava tão carente assim? Abri as pernas. O vestido subiu por causa do movimento. Vi Daniel me analisar com cuidado. Os olhos sedentos. Queimando.

Ele colocou a taça ao lado da mesa e veio até mim. Puxando minha cintura, sua mão acariciando a pele por debaixo do tecido. Quando nossas bocas se encontraram, o desejo se tornou voraz e inconsequente.”



A água leva toda a sujeira do meu corpo para o ralo. Fico vendo a cor marrom desaparecer. O cabelo escorrido gruda na minha pele. Passo a mão,

empurrando-o para trás, deixando que bata contra a cintura. Odete sempre foi metódica. Preocupada. Ela gostava de planejar e controlar suas coisas. Não consigo imaginar o que a levou tão longe. O que a fez se preparar para uma guerra. *Por que você não me contou?*

Odete costumava fazer mapas mentais quando queria solucionar a caça ao tesouro. Ela colocava o nome de cada coisa em folhas de papel e montava de acordo com alguma lógica. Nunca precisei fazer essa parte. Pular, me arrastar. Coisas físicas eram meu forte.

O box está embaçado. Escrevo o nome da primeira pessoa que me vem à mente. *Odete*.

— Odete escondeu um mapa dentro do meu colar de forma premeditada. — Me arrepio ao falar aquilo. — Como se ela tivesse medo de que algo ruim acontecesse antes de concluir seu trabalho, seja lá o que fosse.

Claudio. Claudio estava com o relicário. A foto e a pista desapareceram. Ele sabia da caixa, eu contei, mas como poderia descobrir sobre o segredo que ela guardou dentro do colar? *Jean*. Jean tirou licença da Marinha antes de as crianças sumirem. Odete não falava muito sobre o fim do casamento, então como saber até onde ele iria?

Michele. Penso na veterinária.

— Ela levou um cisne ferido para Michele e disse que era seu, mas morava em um apartamento. Então onde guardaria um cisne? Ela teria de ter outro lugar. — Faço uma pausa. Olho para baixo. A água caindo feito cascata pelos meus seios. *Daniel*. Escrevo. — Odete procurou Daniel um dia antes da sua morte.

Encaro seus nomes. Marcas no vidro e no que Odete passou. De todas essas coisas, a pista desaparecida é a parte que me incomoda. Afinal, o que aquela escondia? Penso no papel que tenho. Sempre acreditei que meu talento era a boa memória. Por isso, quando Odete desvendava a pista, eu sabia exatamente a que lugar ela se referia e jamais me esquecia de uma palavra ou número que descobrimos ao longo da caça ao tesouro. Ver uma única vez já era o suficiente para gravar na minha mente.

Os caracteres escritos na letra da minha irmã: T65384O. Papai fazia sequências embaralhadas para dificultar nossas caças ao tesouro. *Odete deve ter feito o mesmo*. Apago os nomes que coloquei no box e deixo que o vidro embace novamente.

— Se fosse o papai, ele utilizaria um código padrão para trocar a ordem. — Observo o vidro ficar opaco. Ele costumava mudar os números

reais por outros do código escolhido, geralmente algo conhecido do receptor da caça ao tesouro. *As filhas de Odete*. — Elas nasceram no dia oito de maio, vinte e oito de julho e dezesseis de março.

Anoto. 08/05. 28/07. 16/03. Se ela fez isso para que eu descobrisse, as datas mais plausíveis são essas. São as que nos ligam. Que eu lembraria com facilidade. Sendo assim, o zero é nulo, qualquer número que vá contra ele permanece sendo o mesmo, enquanto os demais são invertidos. Escrevo a pista que ela me deixou. Todo o cuidado que Odete tomou demonstra seus medos. Mesmo nossa mãe, sendo um membro da família, dificilmente saberia daquilo. Era particular. Só nosso. Significa que preciso ser cautelosa também.

— Se eu usar o código e trocar... — Passo o dedo enrugado pelos lábios. Não sei mais há quanto tempo estou no banho. — Que merda. São muitos números.

O grupo numérico vai se ajustando conforme uso as datas de aniversário dos meus sobrinhos. Quando termino, revejo na minha cabeça uma lembrança nostálgica. William nos deixou quando criança e Uberta passou a trabalhar a maior parte do tempo para nos sustentar. Coube a nós duas procurar o que fazer nas horas vagas. Odete se apegou muito aos livros, principalmente a uma fábula sobre a jovem que tentava salvar os irmãos. Sua tão amada família. Imagino o quanto isso lembrava o nosso próprio e despedaçado lar. O nome da fábula era *Os cisnes selvagens*, um clássico da literatura. Lembro de ter escrito esse conjunto de número várias vezes quando fui à biblioteca municipal com Odete para pegar emprestado o que ela leria nos próximos dias.

Em um dos aniversários, quando mamãe já tinha um pouco mais de dinheiro, Odete pediu um exemplar desse livro só para ela. Anos se passaram até que minha irmã mudasse de ideia e doasse o seu também para a biblioteca. Quando lhe questionei, ela disse que a história era triste demais, pois Elisa salvava os irmãos, mas sacrificava sua liberdade para isso.

Odete tinha manias estranhas e pegar o livro emprestado, mesmo após toda essa ladainha, nunca me chamou a atenção, mas lembrar de algo assim depois de todos esses anos e contar que eu também teria isso na memória? Suspiro. Minha irmã nunca foi de jogar incerto. Ela não se arriscava.

Desligo o chuveiro e saio. Vejo minha pele no espelho. Os hematomas estão por todo o meu corpo. Cada um mais escuro que o outro, se formando feito bolas. O braço que usei para me segurar no andaime não parece fora do lugar, mas está inchado. Sinto que minhas quedas causaram

menos danos do que imaginei. *Mais sorte que juízo*. Diria minha mãe.

Coloco a mesma roupa de antes, o cheiro de suor emana forte do tecido. Olho para os relicários no lençol amassado, a pista escondida, os números que levam a um livro tão antigo, tudo parece perfeitamente montado, algo preparado com cautela para que somente eu encontre. Isso faz meu peito doer, a sensação de cansaço finalmente me toma. Sento na cama. Estar em constante alerta me faz pensar se Odete também passou por isso, o que mais ela sentiu ao estar sozinha todo esse tempo e, principalmente, o que escondia?

Pego o celular na mão, as chamadas perdidas de Claudio estão na tela, mas um número desconhecido me chama a atenção. Retorno, apesar do bom senso me dizer o contrário. A voz do outro lado atende ao terceiro toque.

— Finalmente você atendeu, Odila! — diz a voz chiada. — Quando você foi embora, fiquei pensando em tudo o que me disse. — Faz uma pausa nervosa. — Preciso te confessar uma coisa sobre a Odete...

Capítulo 16

— Quando ela falou que você resolveria meu problema, bom, imaginei que estava sendo dramática como sempre, mas agora... — Minha cabeça roda. Levanto. — Bom, ela está morta, exatamente como previu, e agora quero saber o que vai fazer para me ajudar.

— Não estou entendendo. — A voz suspira do outro lado da linha. Passo a mão pelo meu rosto. — Primeiro, quem é que está falando?

— É o Jean! Não está prestando atenção, Odila? Sua irmã disse que você resolveria meu problema com o dinheiro, se algo acontecesse com ela, e, bom, aqui estamos. — Ele faz uma pausa. Escuto o gole que dá em alguma bebida. — Preciso da grana que ela me prometeu para ficar quieto.

— Quietos? Sobre o quê? Você precisa explicar melhor, Jean, pois estou muito perdida nessa merda toda. — Sinto aquela ânsia subir feito bile pela garganta. Ando até o banheiro, consigo ver parcialmente as anotações que fiz no box. — Conte tudo o que sabe e eu consigo a grana que precisa.

Jean hesita. Sua respiração é entrecortada. Espero, sinto que se forçar a barra ele vai desligar. Ouço algo do outro lado da linha. Não sei ao certo o que é, então seu suspiro audível é um sopro dentro do meu ouvido.

— Sou sua melhor chance — digo. Ele ri.

— Não tenho muita escolha, não é? Você sabe bem. — Estou a alguns passos da cama novamente, os relicários refletem as luzes espalhadas pelo quarto. — Acreditar em você ou não é minha única alternativa para sair dessa merda. E sei que não vou ter chance de conseguir nada com teu maridinho mesmo se tentar falar com ele.

— O que o Claudio tem com isso?

Ouço uma gargalhada obscura.

— O que ele tem com isso? A pergunta certa é até onde ele está enfiado nessa merda. — Sinto minha mão suar. Esfrego contra a roupa. — Seu marido e a Odete estavam...

Um estampido forte me faz afastar o celular do ouvido. Na tela, a

chamada consta como encerrada. Claudio e Odete estavam fazendo algo juntos antes da morte dela, envolvia o dinheiro prometido também para o Jean. O relicário que devia estar no pescoço da minha irmã e cuja pista desapareceu, encontrei no bolso da calça do meu marido. Em que merda eles estavam enfiados? O que Jean queria dizer? Seria possível que meu marido estivesse por trás da morte de Odete? As teorias vêm feito uma onda estômago acima. Corro para o banheiro. Vomito. Aquele nó escapa pela boca com todo o meu jantar. Levo as mãos trêmulas ao rosto úmido pelos resquícios de suor, lágrima e saliva. Fecho os olhos. *Por favor, que eu esteja errada. Por favor,* suplico sem saber ao certo para quem. Talvez para a minha própria consciência, que clama por um sossego, pelo alento que me falta.

Me encolho na frente da privada. A exaustão finalmente me arrasta para o canto obscuro do inconsciente. Adormeço com a solidão, envolvendo seu manto frio nas minhas costas. Quando desperto, sei que sonhei. Sinto isso no modo como meu coração palpita. Estremeço. Minha mão está gelada. Levanto. As pernas endurecidas demoram a obedecer. Não consigo deixar de pensar no que Jean me disse, nas coisas que Claudio e Odete podem ter se metido e, pior, no resultado que isso levou.

Vejo o celular, as ligações de Claudio me encham de ódio, angústia, o desespero que só pode ser calado com a resolução daquela maldita caça ao tesouro. Disco o número de Jean. Cai direto na caixa postal. Limpo um suor inexistente na testa. Um medo visceral de que algo muito errado aconteceu. Olho para o quarto, minhas coisas estão todas jogadas. Recolho tudo e coloco na bolsa. Preciso encontrar a próxima pista de Odete antes que meu marido me encontre. Antes que ele consiga esconder mais coisas de mim.

Saio do motel, a rua está movimentada. Passa das dez horas. A biblioteca pública ficava longe dali, mas não havia muito mais grana para gastar. Mordo o lábio. Preciso achar uma forma de chegar lá sem me expor demais na calçada. Atravesso o túnel, esmagada entre as bicicletas e a parede. Os carros estão parados por causa do afunilamento mais à frente. Passo por aquele trecho o mais rápido que posso. Vejo alguns policiais conduzindo o trânsito na falta de semáforo.

Entro na avenida Brasil. As lojas estão sendo cobiçadas pelos turistas. Uma fila gigantesca espera a vez para ingressar no Aquário recém-inaugurado. O bondinho vermelho é um ponto extravagante no meio da rua. Faço sinal. Subo com dificuldade por causa da muleta. Passo pelas cadeiras

ocupadas em maioria pela terceira idade. Consigo desaparecer bem no grupo de pessoas que ocupa o corredor.

Olho algumas vezes para o celular. Jean não voltou a ligar. Meu estômago resmunga. Não comi desde que vomitei na noite anterior. Coloco a mão no estômago. Uma senhora me encara. Sinto o rosto enrubescer. Ela abre a bolsa e tira de dentro uma bolacha recheada.

— Melhor comer, querida, está muito magra. — Me entrega antes que eu possa recusar. — Não sei como vocês jovens conseguem sobreviver assim, correndo de um lado para o outro, se alimentando pouco. Na minha época, carne era o que se prezava!

Dou um sorriso fraco. Não sei como agradecer a gentileza. As senhoras vão falando a metade do caminho. Desço quando vejo a biblioteca municipal se aproximando. Jogo o pacote no lixo quando acaba, só então entro no lugar. Está vazio. Quando eu era criança não ficava. Aquilo me deixa com um sabor amargo na boca. *Por isso você sabia que ninguém iria tirar o livro daqui? Por estar abandonado?* Ando pelos corredores. A sessão infantil fica na parte de trás do salão que é aquele lugar. Odete tinha se garantido que ninguém pegaria, então deve ter vindo mais vezes.

Talvez diariamente?

Conferia se seu segredo estava ali e ia embora na sequência.

Consigo imaginá-la pisando naquela cerâmica, olhando para trás.

Também olho por reflexo, garantindo que não fui seguida.

Paro no corredor da pista.

— T38654O — repito. São cinco livros de *Os cisnes selvagens*, um ao lado do outro. — A mesma numeração.

Olho para as lombadas de cada um, alguns mais novos, outros mais desgastados. Então percebo que nenhum destes pode ser o que Odete doou, pois não são antigos o suficiente. *Ela se garantiria*. Pego um deles e folheio. Faço isso com os seguintes. Um a um passo suas páginas. Até que paro. Volto para o título.

— Sempre bem à vista está a melhor pista. — Papai usava tabelas periódicas quando queria se referir a um número no lugar de letra ou sílaba, mas Odete faria com uma ferramenta disponível. Algo que provavelmente eu teria no momento em que achasse a pista. Pego o celular do bolso e abro a discagem. — *Os cisnes selvagens*. Uma numeração pequena tem que ser...

Cisnes.

— C seria 2. I seria o 4. — Olho para a tecla no meu celular. — S é 7.

N6. E3. S7.

247637 Repito. *Ainda não parece certo*. Mordo o lábio. Olho para o celular. *Selvagens* é grande demais. *Os* é pequeno. Precisa ser *cisnes*.

— Exceto se... — 247637. O 2 continua sendo C. — E talvez o 7 ainda se mantenha como S. C4763S.

Uma combinação menor.

Um livro mais antigo.

Capítulo 17

“Eu estava deitada de um lado do sofá. Odete do outro. A pipoca estava entre nós. Passei na casa dela com o intuito de fazê-la sair, o que era raro desde as crianças. Ela se recusou. Coloquei um filme qualquer no streaming. Aparentemente era o máximo que conseguiria naquele dia.

— O que você queria que estivesse ao seu alcance? — me perguntou. A voz de Odete parecia apenas um suspiro. Encarei seus olhos azuis. Pareciam realmente interessados na minha resposta.

— Meu sonho. — Abri um sorriso. Estava sendo sincera. Tudo o que desejava era alcançar meu sonho. Casamento. Filhos. Nada disso importava. Minha casa não era onde me sentia bem. Meu trabalho era tudo o que mais amava. Vi que Odete ainda aguardava a continuação de uma resposta. — Ser uma dublê reconhecida.

Me senti egoísta.

Afinal, ela iria querer que as filhas estivessem ao seu alcance.”



C4763S. *Ela se garantiria.* O cuidado de Odete reverbera um alerta na minha cabeça. Olho para os lados. Procuro a recepcionista pelos corredores. O som do mensageiro do vento preso próximo à porta me chama a atenção.

Está chovendo do lado de fora. Posso ver a água escorrer pelas grandes janelas. Me aproximo. Uma idosa está escondida atrás do balcão de madeira na lateral. Os óculos refletem a luz do computador.

— Bem que disseram que iria chover. — A recepcionista olha para mim. Sinto que ela me reconhece, na verdade, lembra de Odete, mas é introvertida demais para falar. — Posso te ajudar?

— Estou procurando um livro com esse código. — Mostro o número salvo nas notas. Ela digita em seu computador o que passei.

— Não tem nenhum com esse código. — Ela pega das minhas mãos o celular. Ajeita os óculos e faz um estalo com os dedos. Uma das unhas da mulher está preta, ferida antiga. Aquilo me incomoda. Limpo a mão suada na roupa. Pequenos descuidos agora me causam essa certa urgência. Como se aquela coisa boba pudesse levar a algum infortúnio pior. — Está trocado, moça. É S4763C.

Preferir pecar pelo excesso é algo que minha irmã faria. *Ah, Odete, sinto medo do que mais encontrarei pela frente.*

— Que boa memória. Sabe qual o nome do livro também? — A recepcionista me olha curiosa. Dou de ombros. — Foi minha filha quem pediu. Ela só gritou o código, disse que já pegou outras vezes aqui, mas sabe como são adolescentes, não falam muito mais do que querem.

— É da Séfora Shoel. Estranho sua filha conhecer o livro dela, afinal, não é uma autora que muitos se arriscam a ler. — A mulher volta a ajeitar os óculos que escorregam por seu nariz. — Escreveu alguns livros de suspense. O mais famoso é *Cisne ferido*, se é que podemos chamar assim. Inclusive acho que temos só um exemplar desse. Deve estar definhando já. Ninguém pega nada dela.

— Por quê? — Seguro o balcão com a mão em uma tentativa de enganar a mim mesma sobre o quanto aquilo está me assustando.

— Os livros são realmente pesados. Não é qualquer um que digere bem os temas que ela aborda. — Ela abana a mão como que para afastar os pensamentos. — Recebemos mais estudantes aqui e esse não é o tipo de livro que eles deveriam ler. Aliás, *Cadáver* é o que você está indo pegar. Está naquele último corredor. Só ir lá.

A prateleira para onde a mulher aponta é dedicada à ficção de suspense. Traço o dedo por vários livros daquela mesma autora até que chego ao que estou procurando. Só existe um exemplar dele ali. Está extremamente gasto. *Cadáver* é diferente de tudo o que imagino. Capa dura cor de vinho. O

título, feito em preto. Não consigo entender o motivo, mas sinto uma opressão vinda daquilo. Espremendo meu cérebro.

Fecho os olhos. É cansativo olhar por muito tempo. Odete nunca foi de suspense. Ver aquela transição de livros me causa angustia. O que arrastou a mulher dos contos infantis para as sombras mórbidas dos suspenses? Volto para a capa. Abro a primeira página. Passo uma a uma. Com medo. Engolindo a saliva devagar. O parágrafo inicial me prende.

“Parafraseando meu pai – que Deus o tenha e o diabo carregue. –, carisma é igual ao dinheiro, se usados com moderação, valem menos do que a impressão na nota. É isso que as tornam armas frias, que fazem de seus ferimentos letais o suficiente para derrubar leis e conceder privilégios. É minha ferramenta mais usada desde que entrei na política e, infelizmente, um motivo que deve estar fazendo aquele velho aplaudir do caixão.”

O que tudo isso significa, Odete? O que esse livro é para você e para mim? Olho o próximo parágrafo. A história cresce na minha mente. Sua protagonista vai tomando forma. *Amália*. Forte. Decidida. Em um ambiente dominado por homens. Manipuladora. Disposta a fazer qualquer coisa para não perder o seu pedestal.

Paro. Respiro. Engulo a saliva com dificuldade. Sinto a garganta engessada. O coração espremido contra o peito. Aquelas palavras tóxicas deixam vestígios na minha mente. Algo fétido que me faz querer arrancar cada palavra da minha cabeça. Fecho o livro por um momento. *Não me obrigue a ler tudo, Odete*. É uma súplica. Um grito que emana da caverna mais profunda do meu inconsciente. *Que porra, Odete*.

Abro o livro. Me arrasto por suas páginas. Encosto as costas contra a estante atrás de mim. Limpo a testa vez ou outra. A ânsia de vômito preenche-me de náusea. Tapo a boca com a manga do casaco. Não consigo por muito mais tempo. Sinto todas as repulsas possíveis por aquele texto.

— Apenas me mostre o que você queria de uma vez! — falo para mim mesma, acelerando as páginas pelos meus dedos. Eu estava cansada de joguinhos, de ter que lidar com a obscuridade de uma irmã que, agora percebo, era profunda, marcada por cicatrizes e segredos que não se veem na superfície da pele. Odete era um Cisne Ferido. Um Cadáver que pulsava nas minhas entranhas gerindo o caminho da caça ao tesouro. — Não quero saber dessa merda toda.

Chego na biografia da autora. Uma mulher idosa. Cabelos brancos.

Não sorri. Nascida em 1937. Lutou contra a ditadura em 64. Ainda está viva, mas parou de escrever. O motivo não é informado. Deixo o dedo contra o rosto dela. Uma estranha sensação de familiaridade me toma. *Talvez Odete já tenha falado dela para mim.* Ouço meu pensamento como se fosse uma voz ao meu lado.

Então vejo a folha branca que protege a contracapa levemente destacada no centro inferior. Observo os lados. Ninguém está nos corredores. Passo o dedo pela abertura. É pequeno. Algo está solto lá dentro. Puxo com o indicador. Arrasto pela abertura. Um papel dobrado em quatro. Seguro contra o peito. Minhas pernas tremem. Não consigo segurar o sorriso.

Estou conseguindo, Odete. Eu vou terminar o que você começou.

Capítulo 18

O garçom me serve café preto. Sinto meu corpo murchar na poltrona. A capa de Cadáver está amarelada por causa da luz do lustre de metal acima de mim. Quando peguei emprestado usando o nome de Odete, não tinha certeza para que afinal estava levando comigo. Tudo o que eu queria era agarrar aquele objeto que esteve próximo da minha irmã e significou para ela uma jornada inteira. Olho para o lado de fora. Pessoas se encolhem feito pombo debaixo dos toldos. Tentam escapar do frio. A chuva insistente. E a umidade que penetra a carne.

Bebo um gole. O telefone no bolso vibra. Me surpreendo ao ver que se trata de Daniel. Ele pergunta onde estou na mensagem. Diz estar preocupado. Abro o teclado para responder. Meu coração aperta. Não quero envolvê-lo mais. Odete pode ter pensado que ele era uma opção, alguém capaz de ajudar, mas eu não. Preciso preservá-lo. O polegar treme. Todos os nervos estão tensos. Fecho a caixa de diálogo. Viro o celular com o visor para baixo.

Foco na música ambiente. Tento esquecer a imagem de Daniel. A cara que ele deve estar fazendo agora. Decepcionado. Tomo o restante do café. Abro o papel que estava escondido. Uma carta.

Querida, Odila,

Você deve estar se perguntando se estou neurótica para fazer uma caça ao tesouro.

Bom, quando se trata de coisas que estimamos muito, nosso desejo mais íntimo é protegê-las. Isso pode ser perigoso, mas também necessário.

Uma mãe faz isso com um filho.

Um empresário com seus lucros.

Um egocêntrico com sua reputação.

E eu precisava de garantias, Odila. Elas valiam tudo para mim. Se algo desse errado, estaria tudo ao seu alcance.

Já deve saber onde está o tesouro.

Com carinho,
Odete.

Mordo o lábio. Um raio passa pelo céu. As luzes do estabelecimento se apagam. Vejo que, do lado de fora, os postes também estão sem energia. A chuva está cada vez pior. E é a carta que cria o instinto de urgência em mim. Nada do cenário catastrófico ao meu redor me afeta. Odete disse que eu já sabia onde estava o tesouro. Um lugar seguro. O seu lar para uma mãe. O banco para um empresário. Mas Odete não trabalhava e sua casa não estava intacta, portanto ela precisava de um terceiro lugar. Algo mais isolado, longe do alcance de qualquer pessoa, mesmo familiares.

— Um cofre. — A mão se fecha ao redor do papel.

— Deseja mais um café? — pergunta o rapaz. Aceno com a cabeça e o deixo tirar a xícara. Abro o livro. Deve ter algo que deixei passar. Folheio as páginas com mais calma. As bordas estão salpicadas de manchas amareladas. Vejo que uma letra está destacada com marca-texto rosa.

— B? — Pego um guardanapo na mesa, quando o garçom volta com o café. O número da página também está marcado. — Pode me emprestar uma caneta?

O B na página doze está destacado, talvez, se eu encontrar uma outra letra marcada, posso estar próximo da ideia de Odete. Continuo passando as páginas. Encontro outra marcada, mas, dessa vez, somente no número da própria página, vinte e três. Coço a cabeça. Ela marcou o B na doze e o vinte e três. Talvez um deles signifique a próxima pista. Papai usava parágrafos quando anexava textos as caças ao tesouro. Se Odete seguiu a mesma linha de raciocínio...

— Um... Dois... — Conto a quantidade de parágrafos na página. *Sete*. Existem apenas sete parágrafos nessa página, o que não bate nem com a primeira ou segunda página marcada. *Não deve ser isso*. Passo o dedo pelas letras na primeira linha até parar na décima segunda. O é a letra que está na contagem. Anoto. Volto a passar as páginas, uma terceira marcação pode significar a palavra-chave de Odete. Está mais longe dessa vez, mas um marca-texto de cor amarela aparece. Dessa vez uma letra está em destaque. X.

— Box... — *Um armário?* Volto para os números que deixei marcado. Doze e vinte e três são os únicos que Odete deixou citado no livro. Folheio novamente apenas para ter certeza de que nada me escapou. *Box 1223*. Bebo um gole do café quente. *O lugar onde ela deve ter guardado o*

seu tesouro. Odete guardaria em um lugar seguro, o que me faz duvidar de armários. Não, provavelmente em um banco, mas sei que eles descontinuaram os serviços de cofre, então já dá para descartar isso. Pego o celular. Penso em Uberta, ela gostava muito de um programa cujo intuito era dar lances em depósitos abandonados pelos seus donos. Mordo o lábio, pesquiso sem muita expectativa. Depósitos e Serviços de Garagem aparecem em um número absurdo. — São muitos, mas também improváveis. Quem alugaria um troço desse para guardar algo?

Odete... Ela se garantiria da segurança de seu tesouro, mas também permitiria que fosse fácil para mim, afinal, sou o destinatário da caça ao tesouro. Sou seu receptor. Vejo a carta em cima da mesa. *Se algo desse errado, estaria tudo ao seu alcance.* Isso só pode significar uma coisa.

— Está perto de mim. — Uma zona próxima dos lugares que frequento. Abro o mapa. Procuro depósitos próximo da casa de Odete. *Nada.* Estaria tudo aqui, tudo perto o suficiente para que eu consiga encontrar. *Ao meu alcance.* No endereço da minha casa também não tem nada.

Me apoio na mesa, a mão escondendo o rosto. Odete me encurralou. *Que merda.*

Olho para o celular, a tela de pesquisa aberta.

Espera, Odila! Pensa. Odete preparou essa caça ao tesouro há muito tempo, isso está claro pelo relicário que ela me deu. Muita coisa mudou desde então, só preciso realocar a minha cabeça para quando tudo começou. O que eu fazia que não faço agora?

— O que eu fazia... — Olho para fora, a chuva embaça o vidro da cafeteria. A muleta me chama a atenção, apoiada próxima ao encosto da cadeira. — Eu trabalhava.

“— O que você queria que estivesse ao seu alcance?”

— Meu sonho. — Abri um sorriso. — Ser uma dublê reconhecida.”

Aquela lembrança abre a cortina na minha mente. Perto da empresa de dublês existia um armazém? Não me lembro de algo assim, mas sei o endereço do meu antigo serviço. Digito no celular e o mapa aparece. Só uma empresa de serviços de garagem perto.

U-lock.

Capítulo 19

“Claudio entrou pela porta da frente. Soltei o ombro de Odete e fui até ele. Seu rosto estava marcado pelo cansaço e a negação fraca me disse o suficiente.

— Cobrimos toda a extensão do Lago e um pouco mais. O suspeito também tinha um álibi consistente. Tivemos de liberá-lo. — Ele observou Odete sentada no sofá. — Só vou tomar um banho e volto para as buscas. Estamos fazendo nosso melhor.

Ele tocou meu rosto antes de se afastar. Minha irmã nos observava, o rosto mergulhado em uma sombra dolorosa. Fui até ela, sentei aos seus pés.

— Estou com você, Odete. Vou estar sempre. — Peguei sua mão e a aqueci com as minhas. Meu celular tocou. Tirei do bolso, na tela o nome de Daniel apareceu. Eram 3h30 da manhã. Era tarde, ainda assim atendi. — Alô?

Ele perguntou como eu estava e pediu desculpas por ligar tão tarde, mas era que estava com saudade. Eu não sabia o que dizer. Ouvi a porta do quarto. Claudio ficaria zangado se soubesse que o irmão estava me ligando àquela hora. Observei Odete, ela mexeu em seu relicário de ônix antigo. Uma cópia do meu. Meu coração apertou.

— Eu preciso desligar, Daniel...”



Ônibus cheio. Encosto minha cabeça na janela. É a primeira vez que vou chegar perto do meu antigo trabalho. Tremor. Ondas de calor intenso queimam meu estômago. Gastrite. Tinha bastante quando precisava me preparar para uma cena perigosa. Não era medo, mas uma preocupação em fazer bem. Uma vez e bem-feito. Era o lema do nosso diretor. Olho para as minhas pernas. Difícil evitar. Sempre que penso no que deixei para trás, encaro a musculatura atrofiada. Então odeio Claudio. Depois a mim mesma. A constância do rancor machuca mais do que as dores do acidente.

Desço no ponto mais próximo. Pego o celular. Tento ligar para Jean, ainda cai na caixa postal. A sensação ruim persiste no meu peito. O medo de que algo de ruim tenha acontecido parece uma cobra rastejando no meu corpo. Fria e perigosa. Uma mensagem nova de Daniel faz meu coração bater mais rápido. Suspiro. Preciso de ajuda, mas ainda estou em dúvida sobre tudo o que está acontecendo ao meu redor. Ele se voltaria contra o irmão se fosse necessário? Procuro a última mensagem de Claudio. De manhã cedo, agora ele finalmente desistiu. Deve estar com medo, mais que isso, preocupado que eu possa descobrir o seu segredo, que talvez Jean tenha me contado. *Jean*. Queria que ele tivesse realmente me dito tudo, assim a formação de ideias na minha cabeça poderia parar. Claudio estar com o relicário ainda não é resposta o suficiente. Preciso saber mais. Saber de tudo! Aquilo me enche de raiva.

— Eu vou descobrir o que você fez — falo para mim mesma. A pessoa que estava no ponto do ônibus me encara. *Devo estar parecendo uma louca mesmo*. Abro a mensagem de Daniel.

Daniel

Odila, você está bem? Claudio perguntou para todo mundo sobre você. Fala comigo se precisar de algo. Estou preocupado.

Odila

Estou no U-lock. Descobri uma pista da Odete. Prometo contar tudo depois. Confie em mim.

Ando até a entrada do depósito, um balcão cinza que ocupa a quadra inteira. Portões amarelos na parte inferior estão sendo usados por caminhões, enquanto a parte coberta com portas de vidro possui fechadura digital. E nada daquilo estava nas pistas anteriores. *Eu que lute, né, Odete?* Me aproximo. Mexo na bolsa fingindo ter perdido algo. Estou tentando ganhar tempo, porque, na verdade, não sei o que fazer. Observo um caminhão entrar pelo portão. Chuva volta a cair. Mordo o lábio. Teria de correr para conseguir passar com aquilo e, mesmo assim, seria arriscado demais.

— Senhora Odila? — Meu coração acelera. Viro o rosto. A porta de vidro está aberta. O guarda ajeita os óculos e abre um sorriso acolhedor. É idoso. Provavelmente setenta e poucos anos. — Sabia que era você. Te reconheceria de longe! Venha, entre, está chovendo muito.

Dou um sorriso. Abraço o corpo e finjo estremecer. Entro para um saguão quentinho. Câmeras de segurança na tela de um computador que está atrás da recepção. Poltronas e revistas fazem da sala um lugar para espera. Me viro para ele. A vontade de perguntar como sabe meu nome está preso na minha garganta.

— Você se machucou? — Faço que sim quando ouço a pergunta. — Ora, sabia que uma hora isso ia acontecer. Trazer tantas caixas sozinha e recusar ajuda de qualquer pessoa não podia dar em boa coisa. Até eu que trabalhei anos descarregando containers acabo com minha coluna vez ou outra, imagina uma moça tão fininha que nem você.

— Verdade. Eu deveria ter me cuidado mais, fui teimosa. — Dou uma risadinha. — É de família. Minha mãe é igualzinha.

— Mesmo? Só posso imaginar. — Ele ri e vai para trás do balcão, puxa uma folha de papel e coloca em cima da madeira. Vejo que é para eu assinar. — Não veio trazer nada hoje?

— Hoje não. Na verdade, procurei um documento pela minha casa inteira e agora tenho quase certeza que coloquei na última caixa que trouxe. — Pego o papel. Meu nome está ali. Odila Lagoa. *Quando você pegou meus documentos? E como falsificou minha assinatura?* Assino e entrego. — Bom, vou lá procurar, com sorte a chuva já passou.

— Vixe, acho que não, ouvi falar que vai chover o dia todo. — Ele deu um aceno de despedida. Vou até o elevador e chamo. Os números começam a descer. O guarda está lendo jornal, parece entretido. Respiro fundo. As ondas de que algo ainda pode dar errado balançam minhas tripas. A porta se abre. Dou um passo. — Senhorita Odila?

— Sim? — Paro. Seguro o elevador. O rosto dele está novamente em mim. Dou um sorriso. Sei que as laterais do meu lábio tremem.

— Cuidado com aquele degrau pilantra que tá escondido. — Concordo com a cabeça e entro no elevador. A porta se fecha. O coração bate contra a minha garganta. Coloco a mão no peito. Respiro devagar. Paro no andar. Saio. Vejo o corredor, os números dos boxes em cima da porta. Ando na direção do 1223.

Porta amarela. O número em cima traz uma onda conflituosa dentro de mim. Não sei o que vou encontrar lá dentro. Sinto medo ao mesmo tempo que alívio por estar ali. Finalmente, o fim daquilo parece tão próximo. Algo em mim diz que o depósito contém o motivo de a minha irmã ter se matado. O que a fez preparar toda essa caça. Olho para o cadeado na porta. Tiro da bolsa o molho de chaves de Odete. Separo as que sei de onde são. Começo a testar. Uma a uma. Até que uma encaixa e abre.

As roldanas rangem conforme a porta de metal sobe. Não tem luz. Mas não precisa. A que entra da janela atrás de mim é o suficiente para ver tudo. 12m². Uma mesa velha ao centro. Caixas empilhadas no canto esquerdo. Ao fundo, um painel.

Fotos. Anotações em papel. Jornais antigos. Documentos. Tudo grudado com fita. Interligados por setas feitas com canetão na própria parede do armazém.

Uma investigação em andamento.

Algo que levou tempo.

Que custou muito caro.

Capítulo 20

Paro na frente daquele quadro. Algumas notícias falam sobre desaparecimento de meninas na região. *Como. Onde. Por quê?* Mães com camisas com a foto do rosto das filhas. Odete fez uma também. As três juntas. Consigo imaginá-la naquele depósito. Desesperada. Procurando pelas crianças. Por quem os levou. *Não.* Depois de tudo o que eu vi. Ela não procurava quem. *Odete sabia, ela só precisava provar.*

A foto de uma mulher e uma criança de oito anos. Mães conseguiam ser assustadoras. Principalmente com aquele sorriso de hiena, aberto ao máximo. Os caninos expostos. O cabelo preso de forma rígida em um coque a deixava com uma expressão engessada. Enquanto o filho, com gravata borboleta e olhos cansados, era enforcado pela repulsa de estar ali. Fingindo.

Um jornal antigo fala sobre abuso infantil sofrido pelo menino quando morava com a mãe. Ela era violenta. Alcoólatra. E por mais denúncias que as pessoas fizessem, seus contatos davam sempre um jeitinho de livrá-la do problema. Descolo o jornal quando vejo um nome familiar. *William Lagoa. Meu pai.*

— O soldado William Lagoa foi quem agiu na noite daquela terça-feira (13). Ele entrou no apartamento da senhora Suellen Rocha e a impediu de cometer assassinato contra o próprio filho de oito anos de idade — leio. As fotos antigas no jornal, passo o dedo pela de meu pai. — O menino já contava com uma facada no estômago e teve de passar por uma cirurgia. Seu estado é estável.

Pego uma das caixas e abro. Um gravador está em cima de pilhas de fitas. Coloco uma delas para tocar. A voz chiada demora para sair. Reconheço ser de Odete.

“— Dia 26 de fevereiro de 2018. Estou com Rosana Madureira, ela teve problemas com seu casamento há seis anos e pediu ajuda para prender o marido, correto?”

— *Isso. Eu fui casada durante dez anos e tive cinco filhos.*
— *Uma delas é uma menina, correto?*
— *Sim.*
— *Você foi com ela pedir ajuda?*
— *Sim.*
— *E o que aconteceu?*
— *Ele disse que achava melhor nos encontrar na nossa casa, dessa forma iríamos nos expor menos. Foi onde tudo começou...”*

O áudio continua. Ouvir Odete falar com a mulher é um soco no meu estômago. Coloco a mão na boca. Sinto que vou vomitar. Fecho a mão ao redor do gravador. Me apoio na parede. Tento respirar. O ar não vem. As vozes seguem sua conversa.

“— *Você denunciou quando descobriu?*
— *Sim. Eu filmei e levei tudo para o delegado na época.*
— *E o que aconteceu?*
— *Não sei. Nunca tive uma resposta e minha filha desapareceu uma semana depois.*
— *O que disseram sobre o desaparecimento?*
— *Que ela fugiu de casa, adolescentes fazem isso.*
— *O corpo foi encontrado?*
— *Não.”*

Odete não tinha separado apenas jornais ou pesquisado desaparecidos na região. Ela coletou áudios com provas de denúncias. Todas aquelas caixas à minha frente contém o trabalho de anos de uma mãe se preparando para uma guerra. *Pronta para derrubar um sistema.* Não consigo deixar de pensar em Claudio. Alguém com influência poderia fazer esse tipo de coisa. Claudio é delegado, tem amigos políticos, conhece homens perigosos, com certeza bandidos também. Quantos amigos ele não deve ter feito na delegacia durante esses anos? Quem lhe deve favores ao ponto de ele conseguir tudo o que quiser, inclusive crianças? Carisma vale mais que dinheiro, eu sempre soube disso. É uma moeda cara, valiosa. Claudio sempre teve muito: bom menino, vencedor na vida, aquele que faz as mulheres sentirem inveja por você ser esposa. Que droga. Se todas aquelas pessoas soubessem o que ele fez. Se soubessem o que Odete passou e tudo o que precisou esconder para acabar

com um filho da puta desse. Por isso o relicário, por isso ela estava envolvida em algo com Claudio. Sem dúvida o estava seguindo, usando-o para ver se confessava, se o fazia se entregar. Jean viu, a obrigou a lhe dar dinheiro. E eu ainda acreditei naquele desgraçado. Dei conversa para ele quando só estava usando a minha irmã e o que aconteceu com as filhas. Que merda! Ela devia ter me contado? Ela devia saber que eu acreditaria nela!

“— Qual o nome do abusador?”

— Rothbart. Daniel Rothbart era o nome dele. Promotor de justiça.”

Capítulo 21

“— Não vou deixar que ele continue sofrendo, Uberta! — disse papai uma noite. Odila e eu estávamos sentadas nos degraus da escada, ouvindo a briga deles e um grito agudo da casa ao lado. — É uma criança!

— E ainda assim não é da nossa conta — retrucou mamãe, se jogando na frente da porta de entrada. Os braços abertos. — Chame a polícia, qualquer outra coisa, mas não vá lá! Isso é um problema de família!

— Ela chega bêbada todas as noites e bate nele, como você pode achar que isso é um simples problema de família?! Saia da frente, vamos. — Meu pai tentou tirá-la da frente, mas Uberta insistiu. — Não vou deixar essa criança continuar apanhando, não importa o que você diga.

— Se fizer isso... No momento em que sair por essa porta e for lá, eu te juro que é a última vez que vou deixar você ver suas filhas! — Ela ergueu o queixo pontudo em desafio. — Está disposto a arriscar isso? Sua família?”



— Não pode ser... — repito para mim mesma. Sinto que vou partir em pedaços.

Esse é um nome que eu não esperava ouvir. Aquele que jamais

passaria pela minha cabeça, pois é o Daniel, ele não faria algo assim. Eu confio nele. Somos melhores amigos. Passamos anos fazendo confidências um para o outro. Sei tudo sobre ele.

Tudo.

Por isso Odete não lhe contou?, ouço a voz jogar aquela verdade na minha cara.

Isso dói. Me encolho contra a parede.

Ela sabia que eu reagiria assim. Minha irmã tinha certeza de que a sociedade também duvidaria da culpa de Daniel. Sua máscara de homem justo e bom foi moldada com esmero, poucos conseguiriam diferenciar lobo de cordeiro. Olho o gravador na minha mão. A caça ao tesouro. Todas as provas minuciosamente recolhidas. Odete iria travar uma guerra contra alguém poderoso. *“Bom, quando se trata de coisas que estimamos muito, nosso desejo mais íntimo é protegê-las. Isso pode ser perigoso, mas também necessário. Uma mãe faz isso com um filho. Um empresário com seus lucros.”*

— Um egocêntrico com sua reputação. — Falo aquilo em voz alta, pois é pesado demais para a minha mente suportar sozinha. Daniel faria qualquer coisa para proteger a imagem que criou como promotor, talvez até matar alguém. — Odete...

— Odila! — Ouço a voz de Daniel. Viro. Seu rosto está lívido. Ele encara todos aqueles documentos da porta. Então volta para mim. Vejo cada parte dos músculos do seu rosto mudarem, alternarem de posição. Uma máscara flácida pronta para agir conforme minhas palavras. — O que é isso?

— Você matou minha irmã, Daniel? — Me afasto da parede. As últimas lágrimas deixam apenas rastros de ardência em meus olhos. — Você fez isso com as crianças dela e depois a matou!

Intercalo entre o questionamento e a afirmação, sentindo meu corpo inteiro enrijecendo num alerta. Na preparação para lutar pela sobrevivência. Afinal, ali estava um filho da puta de um assassino. Daniel baixa o rosto. Encara o chão. Está pensando. Provavelmente procurando formas de se defender. Ele abre a boca. Então fecha. Seus olhos encontram o meu.

— Você precisa entender uma coisa, Odila. Seu pai disse que vocês pertenciam a mim. Que, quando ele me adotou, a gente se tornou uma família, que ele cuidaria de mim a partir daquele momento e eu devia cuidar bem de vocês também. Tratá-las como as mulheres que vocês são. — Suas palavras são amargura. Ele se aproxima. Os passos são firmes e largos. Quer

me alcançar antes que eu decida fazer algo. — Tudo o que era dele era meu! Odete devia ter entendido isso, as filhas dela também eram minha família. Meus bebês.

— Cala a boca! — Minha voz sai rasgada, a dor de ouvir aquelas palavras é sufocante. — Não somos nada sua. Eu não sei o que meu pai lhe falou, mas família não faz o que você fez!

— Não fale dele assim! Não fale dele. Ele me ama e vocês deviam me amar também — berrava em contrapartida. — Vocês são minhas. Você é minha Odila! Minha!

Corro contra a mesa. Empurro-a nele. Vira. Daniel tenta segurar, mas não consegue. Manco pelo outro lado. Busco a saída da garagem. Ele me pega pelos cabelos antes que consiga alcançar a porta. Me vira.

— Você, sua irmã, as filhas delas são minhas. São a única família que tenho. — Seguro seu braço. Ouço a muleta bater contra o chão de concreto. Mordo a carne dele com força. A voz de Daniel é um urro de agonia enquanto sinto meus dentes penetrando na pele exposta. Ele me joga contra a parede. O estômago se contraí com o soco que Daniel dá. Me curvo. Sinto o ar escapar todo de uma vez. O punho dessa vez vai de encontro ao meu rosto, mas eu o impeço. Cravo meus dentes no pulso. A carne rasga. O sangue escorre. Meu melhor amigo grita. Forço mais. Daniel gira o corpo e em um impulso me joga para o outro lado como se tentasse tirar um cão de cima. Bato contra a mesa caída. Minha visão fica turva. O corpo amolece.

— Eu amo vocês. Você não entende. — Ele sorri, os dentes brancos repartidos por filetes de sangue fresco. — Era para ficar tudo bem, papai disse isso. Eu não sofreria mais e seríamos uma família. Ele prometeu que me buscaria no *Castelinho*. Ele me prometeu!

Vou perder. “...nosso desejo mais íntimo é protegê-las...”. As palavras de Odete voltam a ecoar na minha cabeça. O borrão das coisas que ela criou naquele armazém passam pelos meus olhos. *Eu preciso proteger isso.*

Daniel se aproxima. Ele seca o suor da testa. Me afasto com os cotovelos sem perdê-lo de vista. Frio. Aquele homem na minha frente era *frio*.

— Odila, você esqueceu que te amo? Esqueceu de tudo o que vivemos? Eu sou seu homem. Você é minha mulher. Nós somos uma família. — Seu pé alcança a boca do meu estômago. Um chute certeiro. Rolo. Vejo a porta de ferro na minha frente. Aquele lugar era protegido 24h por dia. Isso

significava uma coisa. *Câmera nos corredores*. Outro chute. Impulsiono meu corpo para rolar mais uma vez. Estou mais próxima do meu destino. — Nem pense nisso. Nem pense em me desobedecer. Já disse, nós somos uma família. Vamos ficar juntos para sempre. Sempre!

Daniel percebe. Ele me puxa. Meu corpo volta a cair dentro do depósito. As costelas protestam. *Nunca foi pego, Odila. Esse filho da puta nunca foi pego*. Vejo minha muleta na frente. O ferro refletindo parcialmente meu rosto e a curvatura dele se aproximando.

— Sabe que não tive escolha quanto a Odete, eu a amava, mas ela complicou tudo. Ela devia ter ficado quieta, entendido que a gente ia ser feliz de novo mesmo depois do que aconteceu com nossas meninas. Só que ela era teimosa, irritante. Quando a matei, foi difícil ver o seu corpo, me despedir, doeu tanto, Odila! Prometi naquele dia que iria ao menos te preservar. — Suspira. Parece extremamente aborrecido. — Eu prometi para ela isso, que você ficaria bem. Então vamos, Odila. Colabora. Não quero ter que te dizer adeus também. Isso é triste! Vocês são minhas!

Toco na muleta. Vejo que ele está cada vez mais perto. Perdido em seu monólogo insano. Respiro fundo. Ouço os batimentos do meu coração. Pedem socorro. Querem que acabe logo. Eu também quero. *Preciso que acabe logo. Preciso pegar esse filho da puta*. Ele dá o último passo que nos deixa próximos o suficiente.

Giro a muleta. O metal bate contra o rosto dele formando um vinco em suas bochechas. Ele cambaleia para trás desnortado. Me levanto. Bato novamente com toda a minha força. O vejo dar outros passos por causa do impacto. Cruzando a linha entre a porta de metal e a garagem. Dou um sorriso quando isso acontece. Meu terceiro golpe o derruba no corredor. Contra a parede e a janela.

Estou de pé na frente dele. Seguro a muleta em cima do ombro. A adrenalina sobe por todo o meu corpo. Daniel está derrotado. Eu sei disso. Mas quero mais. Desejo vê-lo destruído em uma poça de sangue. Morto assim como Odete. Só dessa força toda aquela raiva irá embora. Ergo minha arma. Me preparo para mais um golpe.

Não vejo seus olhos.

Não penso em nada.

Capítulo 22

Algemas. Elas prendem um dos meus pulsos à cama feito serpente. A enfermeira termina de cuidar dos meus ferimentos em silêncio. Está assustada. Não por causa deles. Provavelmente pelo modo como eu e Daniel chegamos ali. Escoltados por mais olhares que uma briga de casal normalmente atraía. Claudio. Ele não falou muito quando me encontrou. Nem sequer depois de acompanhar até onde a trilha de sangue levava. Um depósito de investigação amadora. Apenas chamou seus colegas e uma ambulância. Então desapareceu no meio das caixas de fitas que Odete gravou. Queria confiar nele. O problema é que confiar estava se tornando foda.

— Se precisar de algo, é só apertar o botão. — Encaro o rosto limpo da enfermeira. Ela dá um meio sorriso. — Quer uma água?

— Onde está o homem que veio comigo? — Ela hesita em responder. Olha para baixo. Depois para a porta que abre. Claudio entra. Está usando seu uniforme como na maioria das vezes em que o vi ao longo de nosso casamento. Ele dispensa a mulher com um aceno. Ela sai agradecida.

— Sendo tratado em outro quarto. Já está consciente, se é isso que quer saber. — Suspira. Dá a volta na cama e tira uma chave. Abre as algemas. — Abrimos uma investigação contra o Daniel. Você está livre, mas precisa prestar um depoimento sobre o ocorrido.

— Acha que ele vai ser preso? — Claudio senta ao pé da cama. Não parece convencido disso tanto quanto eu. Passo minhas mãos pelo pulso que estava preso. — Ele parece esperto demais, mesmo com tudo aquilo.

— Odete tem se preparado desde o desaparecimento das crianças? — Faço que sim. Estou exausta de correr, mas sinto que uma maratona ainda me espera. — Como você descobriu?

— Já estamos em um interrogatório? — Ele nega com a cabeça. Seus olhos estão com olheiras fundas. — Papai nos ensinou a fazer caça ao tesouro quando criança. Odete achou que essa era a melhor forma de me passar as informações. Depois que fugi da clínica que você me colocou...

— Você poderia ter sido presa por furto. — Claudio levanta. Está irritado. A voz parece ainda mais rouca. — Por qual razão não conversou comigo?

— Como eu iria conversar com um homem que me colocou em uma clínica psiquiátrica?! Era óbvio que você não acreditaria em mim. — Sinto meu coração bater mais rápido. Aquele nó na garganta pesar. — E depois...

— Depois? — Ele coloca a mão na cintura. Seus olhos estão marejados. — Achou que eu poderia ter matado sua irmã? Que eu era o assassino, então confiou no meu irmão?

— Sim. Eu confiei no seu irmão. — Claudio solta um riso fraco. Olha para a janela do lado de fora, depois para os próprios pés. — Quando cheguei no nosso apartamento, depois da clínica, você estava com o relicário de Odete.

Ele me encara. Surpreso.

— Então achou que eu fosse o assassino?

— O relicário estava rompido. Foi você? — Ele passa a mão pelo cabelo. O laço que o prende desata e libera os fios. — Claudio! É importante. Odete escondeu uma pista lá, assim como no meu relicário!

— E o que isso importa?! Você já descobriu todas as provas contra meu irmão, o que teria na outra pista de importante? — Seu grito me assusta. Um medo diferente daquilo que senti com Daniel. A voz fria e baixa do homem na garagem era como um prenúncio de morte. Ali, Claudio, parecia só uma trombeta tocando em um lugar quieto.

— Jean me disse que você e Odete fizeram algo. — Claudio para. Seu espírito de galo murcha feito balão. *Dessa vez, quem canta sou eu.* — Vai me dizer ou vou ter que caçar o seu podre também? Posso ligar para ele e fazer uma negociação. Certeza que abre o bico com dinheiro.

Meu marido perde a cor do rosto. *Então realmente tinha algo entre os dois.*

— Quando você se acidentou, não quis processar a empresa, lembra? — Faço que sim. Claudio se senta na poltrona de visitas. Parece contrariado em falar sobre aquilo. — Sua irmã e eu éramos contra deixar isso passar. Ela disse que tinha uma forma de fazer com que eles pagassem. Que isso ia ser bom para você. Eu aceitei. E ajudei ela a mover uma ação contra a empresa no seu nome por danos...

— Espera. Como? — Minha alma parecia ter sido arrancada do corpo. — Você moveu uma ação indenizatória no meu nome? Mas eu não assinei

nada!

— Sua irmã falsificou sua assinatura e se passou por você nas reuniões com os advogados. — Ele baixa a cabeça. Não consegue me encarar. *Por isso ela conseguiu criar uma conta no meu nome na U-lock.* — Se você está se perguntando do dinheiro, nós dividimos meio a meio. Eu paguei o nosso carro, e ela, bom, não sei o que ela fez.

Pensei em Odete fazendo aquilo tudo por dinheiro. *Onde está esse dinheiro?*

— Como que Jean descobriu? — Claudio morde os lábios. — Fala logo, porra!

— Cheguei com a grana no apartamento de Odila numa noite. Ele estava lá. — Meu marido se levanta. Anda até a frente da cama. Enxuga o suor que brota na testa. — Ela queria em dinheiro. Pediu que não depositasse no banco. É óbvio que aquele desgraçado viu e quis uma parte. Eu o ameacei. Jean fez o mesmo. No fim, entramos em um acordo. Odete daria dinheiro todo mês para ele. E eu não o prenderia por causa das drogas.

— Isso é... Espera. — Jean não tinha relação com o desaparecimento das crianças. Nem com a morte de Odete. O que Claudio e minha irmã escondiam também não envolvia Daniel. Então ir até lá foi para se prevenir. Daniel estava o tempo todo caçando lugares onde ela poderia ter deixado as provas contra ele. — Ele sabia que Odete escondia provas, não apenas suspeitas. Quando seu irmão matou a minha irmã, ele já sabia que ela tinha escondido todas as provas! Daniel tinha esperança de encontrá-las sozinho. Estava me usando apenas para ganhar terreno e depois...

— E depois? — Vi que Claudio tentava me acompanhar.

— Jean, eu acho que aconteceu alguma coisa com ele.

— O quê? — Seus olhos buscavam os meus. Fecho os dedos na coberta. *Se ele estiver ferido, pode ser tarde. Já faz quanto tempo desde a ligação?* — Odila, explica melhor!

— Eu e Daniel fomos na casa de Jean para garantir que ele não tinha nenhum envolvimento com o que aconteceu com Odete. — Engulo a saliva como se fosse pedra. — Acho que Daniel queria ter certeza de que minha irmã não guardou as provas com o ex. Quando ele tentou me contar sobre o que vocês fizeram, a ligação caiu. E se Daniel voltou lá? E se ele achou que Jean escondia algo? Algo que lhe comprometesse?

Claudio sai pela porta.

Eu o ouço gritar com alguém no corredor.

Alguém pessoa pede silêncio.
Tudo se aquieta.
Exceto minha consciência.

Capítulo 23

“— Você não fala mais com o Jean? — perguntei um dia. Minha irmã limpava a geladeira em silêncio. Fazia semanas que ela procurava emprego. As recusas chegavam em massa. Tentar voltar à carreira científica após anos com as filhas parecia ter minado o campo.

— Desde que ele voltou para a Marinha, não. — Odete falava pouco do ex-marido. Parecia muito com nossa mãe quando papai foi embora.

— Ele está pagando a pensão, não é? Você precisa da ajuda dele para cuidar das crianças, Odete. Me diga... — Ela virou para me encarar. Os olhos injetados de raiva.

— Isso não é da sua conta. — Concordei por reflexo. Odete respirou fundo e virou o rosto. As bochechas coraram. — Não quero saber dele, Odila. Ele é um drogado. Prefiro que seja assim, dessa forma não preciso permitir que veja minhas filhas. Podemos não falar mais sobre isso?

— Claro. — Ela sempre fez suas escolhas para proteger as crianças, não importando os sacrifícios, estando certa ou errada. Odete era de extremos.”



Achei que me vestir com novas roupas pudesse dar uma sensação de alívio.

A caça ao tesouro de Odete me levou até o sequestrador de suas filhas e também ao assassino. Portanto, havia concluído com seu propósito. E, apesar de estar ciente disso, me ver diante do espelho, trouxe um tipo diferente de sentimento. De que a conclusão desse arco está longe da obra finalizada.

Mamãe abre a porta. Está carregando uma bandeja com uma xícara fumegante. Camomila. Sinto seu odor adocicado. Ela coloca em cima da cama. Não sorri para mim. Na verdade, mal me encara desde que ganhei alta do hospital. Me pergunto se é culpa por não ter acreditado em mim. Ou vergonha por sua filha estar em todos os jornais. Não como a heroína. Mas como a mulher que atacou o promotor Daniel Rothbart.

Claudio disse que ele faria isso. O advogado usaria a fama de bom moço para criar essa divisão na população. Então pediriam sua liberdade. *Aqueles são testemunhos sem provas, Odila. Mulheres acusando um promotor bem-visto. Preciso de muito mais do que isso para manter ele preso.* Então por qual razão Odete tinha tanta confiança de que conseguiria prender Daniel com aquilo? Sem corpo? Sem DNA?

Meu telefone toca. Atendo sem ver o número. O arrependimento me assombra. E se for um jornalista? Ou o advogado de merda que está cuidando do Daniel? A voz de Claudio é uma mão gentil contra meus ouvidos.

— Nós encontramos o Jean. Você tinha razão sobre ele estar morto — diz. Meu coração acelera. Desejava que estivesse bem, mas, estando morto, podemos pegar Daniel. Podemos enjaular aquele desgraçado. — Já fizeram a autópsia do corpo.

— Conseguiram? O DNA do Daniel? — Sinto aquela onda estranha de alívio me invadindo. *Vai ficar tudo bem, Odete. A gente o pegou dessa vez.* — Fala, Claudio.

— A autópsia concluiu que ele teve uma overdose. — As palavras do meu marido caem feito tijolo no meu estômago. — Sinto muito, Odila, mas o Daniel vai ser liberado hoje à noite. As testemunhas que Odete conseguiu, elas se recusaram a fazer um depoimento formal, provavelmente por causa da mídia em cima.

— Isso quer dizer que vou ter de aceitar? Simples assim? Tudo o que Odete fez foi por nada?! — Me sento na cama. Uma das xícaras vira por causa do movimento bruto. Uberta recolhe antes que vaze para a colcha. — O que eu preciso fazer, Claudio? Preciso matar esse filho da puta, é isso?!

Claudio respira pesado do outro lado da linha. Está andando. Consigo ouvir seus passos. Uma porta abre e fecha.

— Odila, tem um jeito. Na verdade, uma única chance de pegar o Daniel — ele murmura, mas é possível ouvir claramente o eco que se forma dentro de onde ele está. — Precisamos exumar o corpo de Odete e fazer uma segunda autópsia, dessa vez como suspeita de homicídio.

— Claro! Faremos isso, por que não me falou antes? — Ele fica em silêncio. Vejo que Uberta saiu do quarto. Está arrumando algo na pia da cozinha. — O que precisamos fazer para isso?

— Nada, na verdade. Eu consegui algumas testemunhas que disseram ter visto Daniel perto da casa de Odete. Peguei o depoimento deles hoje de manhã e pedi para o Ministério Público solicitar a exumação. Temos de esperar o juiz soltar uma liminar. — Ouço sua respiração forte.

— O que está te preocupando? — Fecho minha mão contra o tecido da roupa. — Acha que ele não vai aprovar.

— Bom, não tem outra alternativa. Só conseguimos averiguar o post-mortem com o corpo dela. Meu receio é que Daniel consiga reverter a situação até lá. — A porta é aberta. Ouço Claudio pedir desculpas para alguém e voltar a andar. — Bom, nos falamos depois. Se tiver alguma novidade, te aviso.

Deixo o telefone cair no meu colo. Me sinto inútil. Desesperada. Quando estava procurando pelas pistas, o resultado estava nas minhas mãos. Somente eu conseguiria seguir com aquilo ou não. Agora, fico à mercê de Claudio. De um juiz. Da opinião pública. Suspiro. Ter amigos poderosos é um capital mais assustador que o próprio dinheiro.

Capítulo 24

Faz algumas horas desde que Claudio me ligou. Estou deitada na cama ouvindo o barulho da televisão da sala. Mamãe está assistindo à novela das nove. Me viro. Queria poder desligar o mundo do lado de fora. Cada minuto que passa fica mais difícil digerir a possibilidade de Daniel se safar. O que vou fazer se isso acontecer? É pesado acreditar que meu consciente estava determinado a pôr um fim, fosse por bem ou por mal.

— Você precisa parar de pensar nisso. — Olho para Uberta. Vejo que ela está sentada na cama ao meu lado. Não a vi chegar. Sequer sei há quanto tempo está ouvindo a conversa. — Já fez o que podia. Temos de esperar que o juiz aprove.

— O que aconteceu com a família de Daniel? — Passo a unha pelo celular. É a única coisa que consigo fazer para controlar a ansiedade que toma os músculos do meu corpo. — Li que foi papai quem salvou ele.

— Sim, bom, Claudio não morava com a mãe. Ele era bem mais velho que o Daniel e decidiu ficar com o pai, mas o irmão não teve escolha. A justiça estava do lado dela, nunca entendi como aquela mulher conseguia manter seus contatos. — Uberta suspira. É um som falhado. Me pergunto há quanto tempo ela está se segurando para não chorar.

— É um dom de família, aparentemente. — Ela concorda. A máquina de lavar roupa começa a bater. Me assusto com o som. — Você colocou minhas coisas para lavar?

— Preciso tirar o sangue. — A unha da mão direita raspa contra a pele da outra. Um tique nervoso. Mamãe sempre teve aquilo. — Aquela mulher, não importava quantas denúncias seu pai fizesse, ela nunca recebia o conselho tutelar na porta. Então Daniel apanhava. Toda noite, ela chegava bêbada e o espancava. Escutávamos ele chorando. Seu pai se cansou um dia e foi até lá.

— A senhora não queria que ele se metesse. — Uberta vira o corpo para me encarar. Sinto meu estômago se contorcer ao ver os olhos marejados

daquela mulher.

— Claro que não! Dava para ver que ela era influente. Isso ia nos prejudicar. E foi o que aconteceu. Seu pai no fim levou a criança para o conselho tutelar e o adotou algum tempo depois, mas não foi um final feliz.

— O que aconteceu? — Não conhecia essa história. Aperto o celular com mais força.

— Até onde me fofocaram, o menino tinha ataques violentos, matava os animais dos vizinhos e uma vez tentou estrangular um amigo do colégio. Bom, não era bem um amigo. — Ela nega com a cabeça. Seus cabelos grisalhos balançam. Não lembrava de Uberta ter envelhecido tanto. — Enfim, seu pai começou a ficar assustado com o comportamento e o levou até uma psiquiatra que o diagnosticou com esquizofrenia.

— A senhora soube tudo isso por causa de fofoca? — Tento fazer com que ela volte a olhar para mim, mas a menção de papai a faz encarar as cobertas.

— Bom, na verdade, eu fui atrás para saber. Ninguém me contou. Me preocupei com seu pai e queria saber se ele tinha se ferrado como imaginei que aconteceria.

— E como ele estava? Por qual razão a senhora não lhe pediu para voltar para casa, já que estava preocupada? — Toco sua mão. Ela tira.

— Quando ele saiu por aquela porta, Odila, eu jurei que jamais o perdoaria. Cumpro com as minhas promessas. — Me levanto. O ódio que queima as minhas vísceras é todo voltado para aquela mulher e seu rosto rígido, sem marcas de arrependimento.

— Mas e nós, mamãe? E nós? — Sinto as lágrimas descerem pela minha bochecha. — Não pensou em nós?

— Não. Não pensei! Eu o culpava! Pela destruição do nosso casamento. Pelo fato de eu ter trabalhado mais de doze horas por dia costurando para conseguir sustentar vocês duas. Tudo por ele querer dar uma de bom moço. — Suas mãos ossudas limpam o choro acumulado em seus olhos. — Eu sei! Me julgue. Vai, diga que eu fui uma mulher cruel, tanto faz! Faria qualquer coisa para proteger minhas filhas. Iria até o inferno se fosse preciso. Nunca tive medo de exagerar. Se isso significasse a segurança de vocês.

Uberta não tinha sido sincera comigo até então. Nem sobre papai. Nem sobre seus medos como mãe. Ouvi-la falar daquela forma, me faz ser incapaz de julgá-la. Toco seus dedos. Deixo que minha mão aqueça a dela.

Não restou muito para recuperarmos, é verdade. Os cacos já estão pequenos e espalhados. Ainda assim, se for por apenas esse momento, prefiro segurar o máximo de calor familiar possível.

— Acha que Odete conseguiria lidar com qualquer resultado? — pergunto, sabendo o nó que aquilo significa dentro da minha garganta. — Se ela não conseguisse provar o que ele fez às filhas dela, você acha que minha irmã aceitaria?

— Não. Claro que não. — Sua sinceridade me faz olhar para seu rosto. Ela morde os lábios com força. — Essa é uma resposta que já temos. Odete não aceitaria qualquer resultado, por isso bolou tudo. Trouxe a caça. Procurou provas. Ela estava determinada a não aceitar que Daniel fosse solto. Do modo dela, iria achar uma forma de prendê-lo.

— E se não tiver? Se não permitirem a exumação do corpo de Odete? Daniel vai ser solto amanhã e o que acontece? — Uberta aperta com firmeza a minha mão. Sinto cada dedo contra os meus. Então ela se levanta e sai do quarto.

Capítulo 25

“Minha irmã observava dois cisnes brancos nadando com seus filhotes nas costas. Ela sorriu para eles com o mesmo afeto que dava à própria família. Nunca entendi a ligação de Odete com as aves da mesma forma que ela jamais conseguiu se imaginar fazendo cenas perigosas em novelas. Éramos diferentes nos gostos.

— Eles não conseguem nadar sozinhos? — perguntei.

— Longas distâncias não. Então o casal sempre leva a sua ninhada nas costas — falou, apontando para a família de aves no lago. — Eles ficam quietinhos nas plumagens macias da mãe.

— Bem diferente da nossa mãe. — Cruzei os braços. Odete deu um sorriso fraco. Ela parecia cansada, mesmo sendo a primeira semana de trabalho. — Não acha que deveria dormir um pouco?

— Os cisnes protegem sua família energicamente, não importa o preço disso.

Odete não falou mais nada.”



Coloco o prato na pia. Minha mãe sai correndo do quarto e liga a televisão da sala. O jornal está passando as últimas notícias do caso de Daniel. Me aproximo para ver o que é. Em vermelho na tela, está destacado o nome da

minha irmã. O corpo de Odete está passando por um novo post-mortem, dessa vez como suspeita de homicídio.

— Ele conseguiu — falou Uberta, sentando no sofá. — Claudio conseguiu. Acha que agora vai dar certo? Que Daniel vai ser preso?

Pego o celular do bolso. Quero ligar para Claudio, mas não consigo. Sinto que se ele não me falou nada até agora é porque não tem uma notícia conclusiva. Preciso esperar. Ser paciente. Volto para a louça na cozinha. Continuo ouvindo as notícias, ainda falam sobre Daniel ser um bom promotor. Passado sofrido. Começou a carreira jovem. Se dedicou a mudar de caminho. Só de ouvir o nome dele já sentia náusea.

Herói sagrado pela sociedade, mas que não vale o pão que o diabo amassou.



Meu telefone toca. O som das notícias de emergência também começa na televisão. Atendo. Claudio está respirando pesado do outro lado da linha. Parece estar subindo as escadas.

— Já ouviu a notícia? — me pergunta com a voz entrecortada pela respiração forte.

— Sobre a exumação? Sim, já vi. — Algo está passando na televisão. Vejo que Uberta levantou e se aproximou dela.

— Não isso. Sobre o Daniel. — Ele faz uma pausa. Recupera o fôlego. — Encontraram DNA dele no corpo de Odete. Ele vai para julgamento por homicídio.

Dou um grito. Um riso de felicidade misturado com alívio. É um prazer melhor do que sexo saber que aquele filho da puta vai ter o que merece. Me encosto no balcão da pia. Claudio ainda está no telefone, mas em silêncio. Espera que eu diga algo. Um agradecimento. Talvez um convite. Essa é uma parte sensível ainda. Afinal, mesmo com tudo o que ele está fazendo, não consigo pensar em nós.

— Posso ir para casa?

Passo a língua nos lábios. Ficaram secos de repente.

— Minha mãe está aqui, então seria melhor conversarmos depois. — Ele concorda com um resmungo. — Se precisar de alguma roupa, claro que pode vir, mas só para você saber que, bom, melhor conversarmos outra hora.

— Sim. Claro. Na verdade, vou pedir para um dos policiais que trabalham comigo ir pegar, pois está bem corrido e acho que não consigo sair daqui hoje. — Voltamos a trocar respirações pelo celular. Ele está sem jeito. Também estou. Quando teremos a conversa oficial de separação? É a pergunta que fazemos no silêncio que se perpetua.

— Certo, então. Me avise qualquer coisa.

— É, sim, claro, quando tiver outra notícia eu aviso, vou voltar para o trabalho. — Ele vai mandar um beijo. Penso em fazer o mesmo, mas desisto. É uma intimidade que não existe mais. Somos estranhos que ainda seguem casados.

Vejo a ligação finalizada. A foto dele e o seu nome desaparecem quando a tela se apaga. Solto o ar todo de uma vez. Fecho os olhos. Ele me vem à cabeça. Não como antes. Todas as vezes em que pensei no divórcio, me sentia culpada. Estava colocando um fim em um relacionamento por causa da traição? Por causa do rancor pelo acidente? Eu não sabia exatamente o que me fazia querer ficar longe do meu marido. Isso era difícil. A necessidade de esclarecer essa parte me deixou em um impasse desrespeitoso comigo e com ele.

Claudio precisa saber que não importa o que faça por mim hoje, nada vai mudar o fato de que eu simplesmente não sou feliz com ele. Meu divórcio não é um monólogo de porquês, é apenas um *não vejo meu futuro com você*.

— Vou para minha casa. — Vejo Uberta parada na entrada da cozinha. — Pode chamar ele para vir aqui e, bom, se acertarem.

— Mãe, não é bem isso que estou pensando em fazer. — Ela dá um meio sorriso.

— Eu sei. — Me aproximo. Estamos nos olhando como nunca antes. Um sentimento de companheirismo. De mãe para filha. *Ah, Odete, queria tanto que você visse isso*. — Mas mesmo o divórcio precisa ser dito cara a cara. Por isso, chama ele e conversa. Será melhor assim. Para enfrentar o que está por vir, principalmente.

Os noticiários estão falando de Claudio. O parentesco não ia ficar muito tempo de fora. Ele sofreria as mesmas consequências do meu pai por mexer com alguém influente? Quantas covas todo aquele caos iria cavar? E

quem ia ser enterrado nela para sempre?

Capítulo 26

Uberta e eu sentamos na sala de espera. Claudio achou melhor não entrarmos no tribunal durante o primeiro dia de julgamento de Daniel. Os jornalistas estão cercando todo o lugar e nós seríamos os primeiros alvos. Já é difícil sair e entrar em casa todos os dias; agora que finalmente o processo foi agilizado, o mundo caiu em peso no caso. Estava me sentindo sufocada pela opinião pública. Pelos jornais sensacionalistas. A família é a refeição principal para os carniceiros.

Não consigo me alimentar faz horas. É difícil ingerir qualquer coisa sabendo que o assassino da minha irmã está a algumas portas dali. Toda comida se torna azeda demais para o paladar. Minha mãe não está diferente. Está ainda mais cadavérica. O rosto fundo. As olheiras, manchas escuras. Longe da mulher que vi dias antes. Quero dizer que tudo vai ficar bem, mas como?

Ando de um lado para o outro. Já trouxeram café. Biscoito. Claudio entrou e saiu algumas vezes. Não disse nada de importante. Testemunhas estão sendo ouvidas. O legista também. Na última vez que conversamos, falou que seria o próximo a depor. Nada desde então. Os minutos se tornaram horas e a sala nos engolia com seu isolamento.

— Acha que aconteceu algo? — pergunto. Uberta dá de ombros. Não sabe mais o que me dizer. Essa foi a pergunta que usei durante a maior parte de nosso diálogo hoje. Sento no sofá. Passo a mão pelo cabelo, empurro-o para trás. — Quando isso vai acabar?

A porta abre. Claudio entra. Sorrio, pois espero ver o mesmo. Seu rosto pálido e a sobrancelha curvada me dizem que algo não está certo.

— Então? — Ele passa a mão pela nuca. Está suado. — Me fala logo, Claudio! Eu não aguento mais esperar.

— Você sabia que sua irmã consultava um psiquiatra? — Nego com cabeça. Odete nunca falou sobre isso comigo. Ela foi em psicólogos quando as crianças sumiram, mas parou depois de um tempo. Agora, psiquiatra, ela

jamais passou por um.

— Sim. Ela ia na doutora Roberta. — Olho para Uberta. Ela se levanta do sofá. O rosto endurecido por algo que passa em sua cabeça. — Usaram isso, não foi?

— Sim.

— Do que estão falando? — Balanço os braços para que eles me enxerguem ali. A única pessoa que está bem longe de entender que merda é aquela.

— Sua irmã ia em uma psiquiatra, pois estava sofrendo de transtorno pós-traumático. Pelo que a doutora falou, é resultado do desaparecimento das crianças. Odete se sentia perseguida, seu quadro piorava e, bom, a segunda vistoria no apartamento encontrou os medicamentos prescritos pela doutora...

Penso nos meus, ao lado da cama.

— Fechados — ele confirma. Passo a mão pela testa. Sinto a dor de cabeça rastejar pela têmpora. — Mas no que isso se relaciona com Daniel ter matado minha irmã?

— O advogado está alegando legítima defesa.

— O quê?! — Não consigo me controlar. O coração vai parar na boca. Minha mão começa a suar. Sinto que vou ter um ataque. Ando até um lado. Depois outro. Claudio se aproxima. O ar me escapa. — Você está brincando comigo? Isso não é sério! Como isso pode ser sério, porra?!

— Odila, respira. — Mamãe pega no meu braço. A vertigem vem em um solavanco e me derruba. Estou sentada no sofá. O copo de água com açúcar treme na minha mão. Tomo. Não sinto que vá fazer efeito. Ainda assim, tomo como se isso fosse a única coisa em que a minha vida se segura agora. — O que podemos fazer?

— Bom, ele está dizendo que Odete se sentia perseguida desde o desaparecimento das crianças e que o procurou várias vezes com acusações infundadas. A secretária apresentou documentos com depoimentos de sua irmã sobre suspeitas de que outras pessoas seriam os sequestradores. — Claudio senta ao meu lado no sofá. O cheiro de colônia forte me enjoa. — Um dos nomes é o meu, inclusive. Na noite em que sua irmã morreu, ele disse que decidiu ir conversar com ela, pois denúncias como aquela poderiam custar caro para sua irmã. Afinal, são difamações. Naquele dia, ela o atacou e ele se defendeu dando um mata-leão nela.

— Só que passou do ponto — concluí aquela história absurda. Não consigo segurar um riso de incredulidade. — Esse filho da puta. E

acreditaram nisso?! Meu Deus, ele me disse que ela ligou pra ele e, por estar viajando, não conseguiu vê-la. Por isso foi no dia seguinte. Nada disso conta?

— Vai contar no seu depoimento, filha. — Uberta pega minha mão. — Mas não estamos falando do seu depoimento e, sim, do que ele está alegando sobre o que acontecendo na noite anterior. Ele tem provas, Claudio?

— Sim. Ele tem gravações de Odete falando. — Coloco a mão no rosto para abafar o grito. — Não sei como é possível, mas a perícia disse que é a voz da sua irmã. E isso só corrobora com a versão dele sobre a legítima defesa.

Levanto. Claudio me segue. Estende os braços com medo de que eu caia. Faço sinal para que ele se afaste. Preciso respirar. Passo a mão pelo rosto. Limpo o suor que teima em brotar de todos os lados. Não está quente. Não é uma cidade quente. E ainda assim estou suando. Vejo que ele olha para Uberta, ela está com a cabeça apoiada nos braços. Somos uma família prestes a ser cagada.

— E as crianças? — Claudio volta sua atenção para mim. Ele abre a boca, mas a fecha em seguida. — O que ele diz sobre as crianças? As filhas de Odete? Como podemos fazê-lo confessar onde colocou o corpo das filhas da minha irmã?

— Ele está irredutível quanto a isso.

— O que quer dizer? — Meu marido se aproxima. Está curvado. Será pelo excesso de trabalho? A preocupação que está tomando sua cabeça? Claudio parece menor do que antes. Inclusive seu ego. O precioso. — O que quer dizer com irredutível?

— Ele nega qualquer envolvimento com o desaparecimento das crianças e diz que nunca ousou tocar em uma delas. — Claudio respira fundo. Está tentando ter força para dizer aquilo em voz alta. — Daniel disse que estava viajando no dia em que as meninas sumiram. E, infelizmente, tem testemunhas.

Eu só podia desdenhar da justiça e da vontade divina em querer Daniel enjaulado.

Capítulo 27

“— O que é isso? — perguntei para Odete quando ela apareceu com uma caixinha de presente. Ela deu um sorriso fraco enquanto sentava na cadeira ao meu lado.

— Um presente — disse, tomando um gole do seu café. — Achei que deveríamos ter algo assim. Depois de tudo o que aconteceu, sinto que sou mais forte quando estou perto de você.

Dentro da caixa, o relicário branco em forma de coração. Um cisne estava lapidado na superfície. Nossa foto já estava dentro. Ela tinha deixado tudo pronto.

— Obrigada, é lindo. — Coloquei no pescoço. Vi quando tirou o dela de dentro da bolsa. Oposto do meu, o preto. — Você fez um também! Não sabia que acreditava em ligação de gêmeas. O elo que nos une, não se rompe jamais, esse tipo de coisa.

— Não acredito nisso — disse enquanto prendia o seu. — Acredito em você e no fato de que jamais desistiria de mim.

— Isso é bem esquisito — falei, terminando meu café. — Mas achei lindo.”



Ser testemunha é ganhar mais holofotes que o réu por pelo menos algum tempo. Sendo que esse tempo parece se tornar uma eternidade dilacerante. O banco frio recebe minhas nádegas com menos aspereza que a plateia. Encaro

Daniel, ele também está com as cicatrizes da nossa briga. Algumas tapadas por curativos. Outras expostas. Obras-primas em uma tela sebosa. Sinto asco. As paredes do meu estômago se contorcem ao ver aquela figura. E assim que ele abre um sorriso vitorioso, tudo o que eu consigo fazer é respondê-lo da mesma forma. Preciso ser forte. Fingir que a vitória está ali nas minhas mãos.

Os flashes disparam. Cochichos se espalham pelo tribunal. O juiz chama atenção. Ouço uma das cadeiras se afastar. Vejo o advogado se levantar. Terno passado. Cabelo trabalhado em gel. O tipo que defende bacana e caso que vai lhe dar reputação. Tudo o que Daniel é agora. Um prato apetitoso. Ele se aproxima. Coloca a mão no bolso e finge ler uma folha em suas mãos. Sei que não está lendo pela forma vazia com que olha para ela. Sou uma atriz. Trabalhei com isso. Sei ver um ator medíocre na minha frente.

— Senhora Odete, você diz que meu cliente lhe atacou, certo?

— Sim.

— Por que acha que um homem que lhe conhece desde a faculdade decidiu lhe atacar? — O advogado anda. Olha para o júri. Depois volta para mim. O mesmo ar despreocupado.

Petulante.

— Ele viu que eu descobri sobre seus crimes.

— Como foi que ele reagiu quando lhe encontrou?

— Ficou surpreso com o que viu na parede e em todas as caixas. —
Paro. Algumas pessoas cochicham. O juiz pede silêncio.

— Surpreso? Entendo. E ele chegou até você como?

— Eu o avisei por mensagem onde ia estar. — Mais conversas no fundo. O promotor fala com alguém do lado dele. Vejo Claudio de pé. Os dedos nos lábios. — Falei porque confiava nele!

— Confiava? Ou foi uma armadilha? Meu cliente chega na garagem por causa de uma mensagem sua. Ele não estava lhe perseguindo. Depois, palavras suas, fica surpreso com o que vê. — O advogado dá um sorriso venenoso e volta-se para o júri. — Surpreso não me parece a reação de alguém que sabe que é culpado e, que supostamente, tem certeza de que Odete, irmã da senhora Odila, teria algo contra ele. Motivo esse que a promotoria alega ser a razão do infeliz falecimento da jovem mãe.

— Infeliz falecimento? Ele a matou! Não foi acidente! — Levanto. Meu corpo inteiro formiga de ódio. — Esse filho da puta matou minha irmã. Como você pode defender esse desgraçado! Ele matou a Odete. Ele sequestrou meus sobrinhos. Daniel é quem devia estar sendo julgado, não

uma mulher morta!

A plateia explode em gritaria. Não consigo entender nada do que falam. Isso pouco me importa. Meus olhos estão em Daniel e no teatro que ele está fazendo, a forma dramática como se mostra ofendido. *Eu vou comer o fígado desse filho da puta.* Estou pronta para ir até ele, quando vejo Claudio fazer sinal do outro lado. Os flashes das câmeras disparam. Os seguranças estão prontos para impedir qualquer problema. E eu sei que, se não me controlar, essa pedra no sapato a ser retirada vai ser eu.

— Se controle no meu tribunal, senhora Odete. — Olho para o juiz. Ele me encara por debaixo dos seus óculos grossos. Me sento novamente. O público se acalma. — Continue com as perguntas, por favor.

— A senhora diz que ele lhe atacou primeiro, correto? — O advogado volta a se aproximar. Está sem o papel dessa vez. Ele ajeita o cabelo antes de continuar.

— Sim. — Ele dá um sorriso, tenho vontade de estripá-lo ali mesmo. Aperto minhas mãos uma na outra, sinto o suor tomar conta do meu rosto mesmo com o ar condicionado ligado. — Foi o que eu disse anteriormente, senhor. Daniel me atacou.

— Ele diz que a senhora é quem o atacou primeiro e creio que nesse caso não temos como saber, mas... — Ele faz sinal para alguém do outro lado. Uma gravação começa a ser rodada. É a da câmera de segurança do U-lock. *Minha armadilha se voltou contra mim.* — Podemos ver claramente que a senhora, mesmo depois de o meu cliente estar caído no chão e desacordado, golpeia-o sem misericórdia nenhuma. Senhores do júri, posso não ver o início, mas consigo saber exatamente quem queria ferir quem até a morte no final.

Tudo está desmoronando, Odete. Eu vejo cada uma dessas paredes caindo sobre a minha cabeça. E, infelizmente, todos os meus passos, ao invés de me levar para a frente, me levam para fora daqui. Estão me fazendo ceder no meio disso tudo.

Não importa quantas perguntas o promotor me fizesse, eu sei que as gravações que o júri viu são de uma mulher louca espancando um homem inconsciente, que não apresentava qualquer perigo. Alguém que o levou até ali conscientemente. *Que porra, Odete.*

O assassino me tornou a vilã da história.

Capítulo 28

Não consigo levantar do sofá desde que cheguei. Olho para a televisão. Desligada. Amanhã é o último dia do julgamento e já não temos cartas para usar contra Daniel. Ele conseguiu invalidar tudo. Virou o jogo abrindo nossa garganta para o público. Mantendo a expressão de injustiçado enquanto nosso sangue jorra no júri. Passo a mão pelo rosto. Ouço Claudio mexendo nas xícaras. Minha mãe foi em casa pegar roupas e ele se ofereceu para estar ali. Não vou negar que preferia estar acompanhada. O silêncio tem me feito pensar em coisas ruins.

— Acha que temos alguma chance? — Os relicários estão em cima da mesa de centro. Ambos rompidos.

— Prefiro pensar que sim. — Ele coloca a xícara de café na minha frente. Bebe a dele sem se importar de estar fumegando. — Me sinto culpado, na verdade. Quando saí de casa, só pensei em fugir daquele inferno. Ignorei o fato de que meu irmão continuaria lá, apanhando, sabe Deus o que mais.

— Você era uma criança também, Claudio. — Vejo que ele pressiona a xícara com força. — Seu pai não fez nada para tentar tirar o Daniel de lá?

— Ele tentou. Durante alguns anos, mas ela sempre era a favorita da justiça. Alguns meses antes do seu pai levar a notícia à imprensa e fazer a sociedade se mexer à força, o velho já tinha partido dessa para melhor. — Claudio dá de ombros. — Eu tinha dezoito, não conseguia me sustentar, quem dirá uma criança. Seu pai foi um homem bom. Adotou aquele traste.

Volto a olhar para o relicário. Meu pai tinha adotado e criado o rapaz que iria matar a filha e desaparecer com as netas. *A vida é uma merda*. Pego a peça negra que pertencia a Odete. O lacre rompido. A pista perdida.

— O que fazia com isso? Você não me contou. — Mostro a peça. Claudio deixa a xícara de lado e pega o relicário.

— Quando cheguei na casa da sua irmã, a caixa estava aberta no quarto e algumas coisas estavam espalhadas, mas somente isto foi violado. — Ele me devolve. — Chame do que quiser, mas achei que tinha algo nisso.

Uma pista do que levou a sua irmã a se matar, não sei. Sou policial há anos, quando boto os olhos em algo importante, isso se destaca.

— Você disse que já estava aberto... — Ele murmura em concordância. — Minha mãe nos viu enterrar. Eu te falei onde escondemos as lembranças e a terceira pessoa que sabia era Odete. Daniel não podia ter descoberto algo assim.

— O que quer dizer com isso? — pergunta. Me levanto, vou até o celular carregando na tomada. Tiro. Ligo para Uberta. A ligação toca mais vezes do que meu coração parece aguentar. Vejo Claudio me olhando curioso, então a voz de mamãe atende.

— Mãe, alguém esteve no seu jardim nos últimos dias? — Ela solta um suspiro de irritação.

— Do que está falando, Odila? — Ouço a chaleira elétrica fervendo água ao fundo. — Eu não vou demorar para chegar aí. Não pode esperar?

— Você sabe, a caixa de Odete, nós enterramos aí. Claudio disse que já estava aberta no quarto quando encontraram o corpo, mas duvido que Daniel soubesse dela. — Faço uma pausa para digerir tudo o que acabei de falar. É como se aquilo se tornasse algo mais concreto na minha mente. — Preciso saber se você viu alguém no seu jardim.

— A única pessoa que esteve aqui foi a própria Odete! — responde, impaciente. A chaleira desliga. Meu coração aperta. — Ela foi até o jardim, mas não me disse o que queria, apenas entrou e saiu. Você sabe como era sua irmã.

Desligo. Olho para Claudio, ele parece entender onde quero chegar. Está levantando para receber a minha resposta.

— Eu acho que Odete pegou a caixa por causa do relicário. — Passo os dedos pelo cabelo. Sinto os nós depois de tanto tempo sem pentear.

— O que isso quer dizer? — Ele balança a cabeça e reformula a frase. — O que ela queria com o relicário dela?

— A outra pista — digo. Uma conclusão tão palpável que sinto poder agarrá-la no ar. — Ela precisava da outra pista.

— Não faz sentido, Odila. Ela deixou a pista para você. Para que ela ia querer tirar de lá? Trocar? Mudou de ideia sobre isso? — Ando para o outro lado da sala. Sinto seus olhos acompanhando meus movimentos.

— Não! Ela estava com medo, Claudio. — Ele senta no sofá de novo. Aquelas palavras parecem fazer sentido para ele. — Medo que o Daniel descobrisse sobre a pista. Que ele pudesse encontrar essa.

— Mas por quê? — pergunta para si mesmo. — Por que essa seria mais importante que a outra do seu colar? E o que ela fez com a pista? Comeu?

— Talvez essa seja a prova crucial contra o Daniel. Odete jamais iria jogar sem garantias, eu a conheço! — Sento ao seu lado. Digo tudo nos olhos dele, pois sei que preciso que Claudio confie em mim. — Ela teria certeza de que derrubaria o seu irmão, então a segunda pista só pode levar ao fim da caça ao tesouro.

— Não a garagem?

— Isso! Não era a garagem. O fim está em outro lugar.

Capítulo 29

“— O que você quer ser quando crescer? — perguntou Odete. Ela estava lendo algo desinteressante. Parei de balançar a espada de madeira no ar e a encarei.

— Uma guerreira! — disse sem pensar. Ela negou com a cabeça.

— Não tem como ser isso, sua idiota. — Baixei a espada. — Isso é coisa de menino. Você só pode ser a princesa!

— Princesa? Mas eu nem gosto de saia. — Nós duas rimos.

— Odete. Odila. Venham comer — mamãe chamou. O cheiro de milho invadiu o quarto quando abri a porta. Descíamos a escada. Papai apareceu nesse momento. Estava fardado. Ele era do exército. — Onde você vai?

Não respondeu na minha lembrança. Mas sei que seus lábios se mexeram. Ele disse algo que fez minha mãe chorar. Ela se agarrou às pernas dele. Suportou pouco. Odete e eu ficamos olhando ele ir embora. Se encontrar com alguém do outro lado da rua.

— Mamãe. Onde papai foi? — perguntou Odete. Uberta não respondeu naquele dia, mas minha irmã nunca cansou de procurá-lo. Ela sempre quis saber o motivo do abandono.”



— Como vamos descobrir onde está essa pista se ela sumiu com ela? —
Pego o café. Tomo alguns goles. Está morno. Não sei ao certo como responder essa pergunta de Claudio. Volto a olhar para o colar. Se ela destruiu a pista que levava a esse lugar, como eu chegaria até lá?

— Você pegou o relicário quebrado. Ela rompeu e desapareceu com a pista. — Mordo o lábio. — Então a única forma de encontrar o que ela destruiu é procurando uma falha no que Odete fez.

Ouçõ Claudio rir com incredulidade. Ele se levanta. Leva a xícara dele à pia.

— Sua irmã fez uma caça ao tesouro minuciosa para que o Daniel não descobrisse. Acho que ela iria se precaver, sobretudo. — Ele me encara de lá, apoiado no mármore, a cabeça balançando em negativa. — Duvido que a gente encontre uma falha tão fácil. Teria de refazer os passos dela desde a criação disso.

— Não desde a criação. — Puxo a minha bolsa. Dentro, um panfleto do posto que estava cuidando do cisne ferido. — Mas seus últimos passos antes de morrer.

— Você acha que ela ainda estava juntando novas pistas nesse lugar? — Claudio se aproxima e vê o papel. — Um parque de aves? O que tem lá?

— Odete levou uma ave ferida para esse lugar antes de ser assassinada por Daniel. Foi um dos primeiros lugares que visitei. — Balanço o papel. — Acho que ela estava cuidando do local onde a pista levava. Mantendo o que incrimina Daniel seguro. Odete não tem espaço para criar um cisne, então esse lugar pode ser onde ela escondeu o fim da caça ao tesouro.

— E como você vai descobrir? Perguntar para a ave?

— Quase isso. — Coloco o panfleto de volta na bolsa. Pego meu celular. — Me empresta a chave do seu carro? Preciso que dê uma volta na quadra com o meu.

Ele abre a boca para questionar o motivo. Suspiro impaciente.

— Tem muito jornalista do lado de fora. Quero que eles te sigam quando verem meu carro saindo. — Faço sinal com a mão. Ele me entrega. — Vou com o seu por garantia.

Vejo o portão da garagem descer quando Claudio sai. Espero alguns minutos e vou. A ideia dá certo. Os jornalistas não estão do lado de fora, seguiram a isca. Pego a estrada em direção ao parque. Um sentimento

estranho me acompanha. Quando liguei para Michele e perguntei se ela estava atendendo, percebi estar segura de que essa tentativa desesperada daria certo. Bem diferente da primeira vez.

É a situação, acredito. Na primeira vez, minha tentativa era baseada no desespero em entender por que Odete se matou sem falar comigo. Sem se despedir. Agora, sigo na certeza de que estou indo atrás da prova que vai condenar seu assassino. Estou indo por ela. Não por mim.

Acelero. Passo pela parte industrial. Preciso chegar logo. Quero encontrar Michele. Os últimos passos da minha irmã são a única coisa que podem me levar à pista. Onde Odete cria o cisne é o local que ela guarda a prova contra Daniel. Colocar a mão nessa prova muda tudo.

Entro na estrada de chão. Viro à direita. A casa colonial e o lago já são visíveis. Estaciono. Michele aparece na porta como da última vez. Subo as escadas. Mal sinto o fôlego escapar quando termino os degraus. Entrego meu celular para ela com o bloco de notas aberto.

— Aquele cisne, você disse que era de Odete. — Michele empurra o cabelo para trás. O vento está agitado.

— Foi o que ela me falou. Odete ama cisnes e é uma espécie que sofre muito com as mudanças ambientais, por isso não achei estranho que ela estivesse se dedicando a criar alguns. — Aponto para o celular em suas mãos. — Não estou entendendo.

— Então coloca aqui onde encontro pessoas que criam essas aves na região. — Olho o bloco de notas em branco. — Escreva o nome de cidades próximas daqui. Fazendas que você sabe que criam esse tipo de ave.

— São muitas! — Ela solta uma risada fraca. Está achando que sou louca. *Não tenho muita escolha.* Michele volta a atenção para o celular. — Mais de cinquenta de certeza. Mesmo que eu lhe diga todos os lugares da região, vai levar tempo para achar tudo.

— Eu sei! Mas só tenho essa oportunidade. Se Odete veio até aqui com a ave ferida, é porque não era tão longe. — Minha voz é praticamente uma súplica. — Então talvez a uma hora de distância? Pode ser? Onde tem possibilidade de criar uma ave dessa? Precisa de lago, certo? Fazendas?

— Sim. Na verdade, eles habitam lagos, pântanos e banhados próximos ao mar. — Michele dá de ombros. — Odete devia ter um lago para conseguir manter um cisne, talvez até mais de um.

— Então vamos lá, escreva o nome dos locais que você conhece. — Vejo que ela coloca no documento os nomes. Conforme a lista aumenta, meu

tempo diminui proporcionalmente.

— São esses. Cidades pequenas. Fazendas grandes. Eu atendi algumas na região. Se tem alguma que não coloquei na lista, os criadores devem conhecer também. — Pego o celular com os nomes.

Em algum lugar ali está a prova que Odete escondeu. Sinto isso vibrar nos meus ossos.

Capítulo 30

“— Tem certeza? — perguntei. — As aves, elas podem te ajudar.

— Nesse momento, só eu posso me ajudar. — Ela me observou, os olhos azuis nublados por algo que não consegui entender. Sua boca se abriu. Fechou. Então abriu novamente. — Um dia você vai entender como isso é difícil.”



— Claudio, ainda não encontrei. Visitei umas doze fazendas, pelo menos. — Me apoio no capô do carro, a muleta presa ao meu braço. Meu estômago ronca. O restaurante do hotel na BR ainda está servindo o jantar mesmo sendo tão tarde. — Preciso de mais um tempo.

— Tem certeza de que é uma fazenda? — O telefone ao fundo toca. Ele provavelmente voltou para fazer plantão na delegacia.

— Só pode ser. — Olho para o céu. Está limpo. A mulher do tempo errou, de novo. *Não vai chover.* — Precisa de um lago ou um lugar com bastante água para esses bichos. Odete não seria dona de algo muito grande, então tem que ser um sítio, talvez.

— Certo. Não temos muito tempo. Acha que consegue até a hora do julgamento amanhã? — Suspiro. Manco até o carro. Pego minhas coisas.

— Sim. Tenho certeza, mas preciso comer agora. — Vou para dentro da recepção. — Ninguém vai me receber em casa a essa hora. Nos falamos

amanhã.

Bordigon em vermelho é uma construção quadrada de dois andares. O recepcionista dá um sorriso gentil assim que me vê. Peço o quarto e o que posso conseguir para jantar. Sento em uma das mesas do restaurante em anexo. Como não tem serviço de quarto, só conseguirei me alimentar ali. Encosto a muleta junto da bolsa. Olho para os lados, algumas pessoas estão acomodadas, focadas em seus pratos depositados sobre toalhas quadriculadas. Uma televisão está no mudo e com a legenda ligada. O cheiro de fritura e café é intensificado pelo calor que faz ali dentro. Retiro o casaco. Uma moça vem me atender, está com a caneta em mãos e um bloco de notas manchado de molho.

— O cardápio da casa hoje é bife acebolado, feijão e arroz branco. — Ela diz aquilo enquanto masca um chiclete já pálido.

— Pode ser. Tem suco? — pergunto, tentando evitar a visão irritante que é aquela goma de mascar rolando. — Laranja?

— Não trabalhamos com suco natural. Pode ser o de caixinha? — Concordo. Ela sequer anota no papel, apenas sai de perto da mesa e grita o pedido pela janela que dá na cozinha. *Só preciso jantar e sair cedo.* Pego o celular, faltam apenas algumas fazendas apontadas por Michele e isso me causa medo. Será que estou errada quanto à ave me levar até a última pista?

Fecho os olhos, abro na hora em que a televisão destaca o nome de Daniel. Percebo seu rosto, mas não é o de agora, preso. É de antes, muito antes. Quando ele era mais jovem, começando sua carreira. Aquilo me embrulha o estômago. A legenda passa e narra sua vida, seus feitos pela sociedade. A cobrança do poder público na gestão do lar dos idosos e investigação de abuso contra os mesmos, seu apoio incondicional em garantir todo tipo de manifestação pública, o atendimento à saúde pública. Ele é feito herói da comunidade. Uma matéria para defender o mito, apaziguar suas outras barbaridades, fingir que nada aconteceu.

Levanto da cadeira. Ouço o baque no chão. Algumas pessoas que estão jantando me encaram, a moça que traz meu suco para no meio do caminho. Quero que eles se explodam. Quero que essa televisão queime. Quero que o Daniel vá para o inferno!

Pego meu casaco que caiu com dificuldade, coloco a bolsa no ombro e a muleta me acompanha até a saída do restaurante. Não posso esperar nem um minuto. Dormir é um luxo que não pretendo ter até que o desgraçado esteja na cadeia. Abro a porta do carro e entro. Vejo a garçonete na porta,

curiosa com a maluca que saiu. Foda-se. Olho no mapa a fazenda mais próxima dali. Preciso ir até lá. Ligo o carro, acendo o farol e volto para a BR.

O caminho que o GPS indica é estreito e escuro. Faz alguns quilômetros que as casas deixaram de existir e apenas árvores tomam conta da margem. Algumas folhas batem contra os espelhos, a luz do carro mal ilumina o espaço à frente. A própria luz está escondida entre os grossos galhos que emergem das árvores. Aperto o volante. Sinto o suor escorrer pelo meu pescoço e descer. Tento esfregar o ombro, mas não adianta muito. Encaro a luz do celular, percebo o sinal fraco de internet. *Que merda*. Me arrependo de ter saído daquele jeito.

Meu corpo bate contra o volante quando o carro dá um solavanco. Acelero, mas o motor apenas se força, sem sair do lugar. Suspiro. Não posso acreditar que caí atolei.

— Que porra. — Soco o volante, a buzina ressoa pela estrada vazia. Pego meu celular, tento discar o número de Claudio, a ligação nem completa. O sinal é péssimo. Abro a porta e manco até as rodas para ver qual está presa. Encontro a de trás dentro de um buraco fundo. — Claro que essa estrada é uma merda. — Dou uma risada sarcástica. Estou presa em um filme de terror, não é possível.

Olho para os lados, a estrada se alonga em ambos. Meu celular continua incomunicável. O mapa aberto indica que a fazenda não está muito longe dali, mas pela falta de internet não consigo atualizar a rota.

Preciso continuar. Encontrar ajuda é a única solução. Abro o porta-luvas do carro, dentro tem uma arma reserva do Claudio. Olho para aquele troço metálico. *O que você está fazendo? Nem sabe atirar!* Pego a bolsa, deixo a arma dentro. Me apoio na muleta e respiro todo o ar que meus pulmões precisam para adquirir coragem. Quase nada vem.

— Ah, Odila, olha só no que você se meteu. — Fecho a porta do carro e sigo pela estrada. Ouço grilos por todos os cantos e um baixo latido de cachorro. Nunca gostei de cães, mas acho que prefiro ver um cuidando de uma casa do que seguir com a lanterna do celular iluminando o meio do nada pela noite à dentro. É difícil andar o caminho esburacado com a muleta. Parece que aquele lugar foi feito para complicar minha chegada. — Você consegue, Odila.

Uma espécie de luz trêmula ao longe me chama a atenção. Sinto a ansiedade tomar conta e acelero o passo. A perna enrijece. Reclama, mas apenas sigo o ritmo, ignoro. Quero muito chegar ao outro lado. Pedir ajuda

para sair daquele buraco. O som do animal de estimação também fica mais alto. Logo vejo uma ponte pequena, improvisada com tábuas de madeira cortando um rio. Não tem onde segurar, é apenas um caminho. Sigo um pé por vez. A muleta batendo me dá a firmeza que preciso, mas persiste a insegurança de que a queda causaria um belo estrago. Tento não olhar para baixo, a água se move lentamente. Um par de olhos me encara no meio dela. *Sapo*, suponho pelo ruído.

A ponte fica para trás, o gramado baixo resvala no sapato. Ali a brisa é diferente de quando estava dentro da estrada. É um campo aberto com uma casa pequena logo após a portinhola do cercado. O rio pelo qual passei desagua em um lago logo atrás. A pouca iluminação da casa e o luar que ali não se esconde e toca a água me permite ver alguns cisnes encolhidos. Com toda a certeza é o sítio que Michele apontou no mapa, um dos que eu precisaria visitar no fim.

Bato palma. Ouço o cachorro se sacudir em uma casinha lateral, mas ninguém responde de imediato. Abro a portinhola e entro. A entrada da casa tem arranjos florais em vasos de flores enfileirados perfeitamente numa escadinha branca. Estou próxima da porta quando reconheço uma das folhagens que desabrocharam. Álisso.

Ouço a porta. Paro e sinto que meu coração é capaz de fazer o mesmo. Não lembro mais quais são as perguntas que tinha em mente e o pedido de ajuda agora parece distante demais.

A porta se abre.

Meu coração dispara.

Uma criança pequena me recebe.

Os olhos amendoados. Cabelos loiros. A fisionomia de Odete.

— Tia? — pergunta a menina.

Capítulo 31

Minha sobrinha corre até meus braços. Ela aperta tão forte quanto seu corpo minúsculo conseguiria. Pego-a no colo. Não consigo proferir uma única palavra. Apenas admiro seu rosto. Feições minúsculas. Igual a uma fadinha. *Odete*. Ouço a porta da casa voltar a ser aberta. Meu coração por um momento espera que seja minha irmã. Por mais absurdo que isso possa ser. *Odete está morta. Mas não as suas filhas.*

Um homem velho sai empurrando a roda da cadeira em que está sentado. Vejo seu rosto enrugado aliviar ao me reconhecer. E, apesar de ele ter ido embora cedo, também sei exatamente quem é. *Odete* tinha encontrado nosso pai.

Coloco minha sobrinha no chão. Sou recebida pelas outras duas filhas maiores. Faz cinco anos. Elas cresceram tanto! Minha consciência parece estar em uma realidade paralela. Então o segredo da minha irmã era esse. A pista que ela destruiu levava até suas filhas. Seu bem mais precioso. O fim da caça ao tesouro.

— *Odete* disse que você viria — diz meu pai. Os olhos estão cheios de lágrimas. Não preciso lhe dizer. Ele sabe que algo aconteceu com a sua outra filha. — Crianças. Vamos arrumar os colchonetes na sala e deixar sua tia ficar com o quarto hoje?

Elas concordam e saem correndo. Suas vozes, mal conseguia lembrar do tom de cada uma antes, ouvi-las agora é como se jamais tivesse esquecido. *Nunca se passou cinco anos.*

— Eu... — Me aproximo de papai. Ele faz sinal para que o acompanhe. Sou levada para dentro da casa. Um lugar aconchegante, com foto das meninas por todos os lados. A infância da qual não fiz parte. Dois quartos. Entramos em um deles. A foto de *Odete* com as crianças está ao lado da cabeceira da cama. A mesma que tirei no lago.

— Esse é o quarto das crianças. A *Odete* dormia na sala quando vinha visitá-las. — Papai aponta para a cama. — Você, antes de me fazer todas as

perguntas, pode me contar o que aconteceu com a Odete?

— Não está vendo as notícias? — Ele nega com a cabeça e olha para a porta. Sento na cama. — Vocês estão isolados de comunicação?

— Eu não sei mexer no computador dela e Odete proibiu televisão quando viemos para cá. Então não sei. — Seus ombros se curvam como se um peso gigante caísse em cima deles. — Ela disse que se você viesse um dia sem ela é porque algo aconteceu, então...

— Só consegue especular. — Papai concorda com a cabeça. Suspiro. Olho para as minhas mãos no colo. Quantas vezes já falei que ela morreu em voz alta? *Não. É diferente agora.* — Odete foi assassinada.

— Não me diga que foi o.... — Ele não consegue terminar. A mão vai até a boca, o soluço que vem é um urro doloroso de dentro da sua alma.

Não lembro do meu pai chorando, também não sei ao certo se algum dia ele sofreu tanto quanto agora, até porque o modo como olha para suas mãos deixa claro o que aquela dor representa. A culpa de ter salvado um menino que viria a ser assassino de sua própria filha. Como se isso fosse possível de se prever.

— Eu destruí a vida da minha filha e das minhas netas porque salvei aquela criança! — Ouço suas palavras rasgadas saírem entre a saliva espessa, os dentes que se forçam no grito contido. Ele não quer chamar a atenção das crianças, mas a tormenta não é passageira e eu sei, pois sofri da mesma dor ao ver que amava um homem que destruiu toda nossa família.

— Não diga isso, a culpa não é sua. — Me aproximo. Coloco as mãos em seus joelhos. *Meu pai.* A última vez que o vi eu era apenas uma criança. Agora, ele parecia bem mais velho e isso doía. O tempo que se passou e é irrecuperável parece cavar um buraco no meu coração. Odete não me contou que o encontrou por qual razão? Me privou do mundo, do tempo. Ela escondeu tanto de mim. *Tirou tanto.* Viro o rosto. Não quero remoer aquilo. — Não é sua culpa. É só de Daniel.

Ele me olha. Suas mãos estão com manchas da velhice. Nem mesmo as cicatrizes conseguem ser tão visíveis quanto elas. Papai levanta meu queixo para que eu o encare.

— Não culpe sua irmã. — Suas palavras doem, pois eu fiz isso. Quando vi as crianças. Depois que percebi tudo o que não sei e não vivi. Me afasto. Enxugo algumas lágrimas que caem sem minha permissão.

— Vocês estão aqui há quanto tempo? — Evito olhar para papai. Não quero me sentir culpada por julgar. Por não perdoar de imediato todas as

mentiras. *Meu deus, ela fingiu um sequestro! Ela fez com que eu e a mamãe sofrêssemos!*

— Desde que Odete forjou o desaparecimento. — Sinto aquelas palavras descerem feito bola de concreto para meu estômago. É difícil digerir o quanto isso é cruel. — Ela alugou a casa e trouxe eu e as crianças para cá. Me fez prometer cuidar das meninas quando estivesse fora.

— Você simplesmente aceitou? — Ele balança a cabeça em negação. Uma pontada de alívio que não é nada se comparada à raiva que borbulha meu estômago.

— No começo, eu disse que precisávamos denunciar, então Odete me falou que se fizesse isso as meninas viveriam com a sociedade sabendo quem elas são e o que aconteceu. — Papai passou as mãos trêmulas pelo rosto. — Escondê-las era a única forma de impedir o ciclo de abuso que essas crianças sofreriam, Odila, fosse causado por jornalistas, fosse pela própria comunidade apoiadora ou não do Daniel. Ele é famoso e poderoso. Quantos artistas, jogadores de futebol, celebridades que matam e continuam com a fama intocada? Ela não queria isso.

— Espera. — Levanto a mão. — Está dizendo que Odete não queria que as crianças entregassem Daniel? A pista não me levava à prova contra ele? Tudo o que ela tinha estava realmente na garagem? Mas essa é a única forma de prender o Daniel!

— Eu sei, Odila! Eu sei. Disse isso para a sua irmã, mas Odete não sumiu com as crianças para trazê-las como um trunfo depois. — Agarro meu cabelo em desespero. *Eu estava errada, meu Deus!* — Ela escondeu para proteger as meninas. Para que não tivessem que ser todas expostas pelo que aconteceu.

— Eu estava enganada, meu Deus. Foi tudo em vão. Ele vai ser inocentado hoje. — O chão desaparece dos meus pés. Me agacho. Abraço os joelhos. — Meu Deus. Não é possível que ela achou que era suficiente!

— Odete não achou que era suficiente. Na verdade, ela tinha certeza de que não conseguiria derrubar Daniel. — Olho para meu pai. Seu rosto está sem corpo. Perdido entre o desespero e a submissão. — Por isso, um dia apareceu com uma bolada em dinheiro e comprou a casa. Me fez prometer morar aqui com as crianças e jamais revelar a verdade até que ele caísse. Até que as meninas estivessem seguras.

— Se estivessem — falo amargamente. — Ela bolou tudo isso, então. A segurança das meninas, a compra da casa. Odete não conseguiu derrubar

ele, mas manteria as crianças aqui. Por isso ela sumiu com a pista. Não era só para Daniel não encontrar, mas para que eu não levasse as crianças até ele. Que merda.

Dou um chute na cama. O metal range e se afasta um pouco da posição inicial.

— Odete me contou que estava tentando conseguir um furo de Daniel, para isso começou a se fazer de louca. Assim ele não suspeitaria que na verdade ela sabia de tudo. E estava só esperando ele baixar a guarda.

— Por isso os áudios dela acusando os outros. — Suspiro. Deixo a cabeça apoiar na parede. — No fim, os planos de Odete viraram contra ela.

Nem toda caça ao tesouro é perfeita.

Capítulo 32

“— Eu e Jean vamos nos separar — confidenciou Odete. Ela estava sentada, mexendo o seu café desde que pedimos. — Acha que as crianças vão aceitar?”

— Se for o melhor para os pais, sim. — Tomei o meu chá gelado enquanto observava a praia vazia do outro lado do calçadão. Era inverno. — São crianças espertas, vai ficar tudo bem, você vai ver.

— Não sei. Elas parecem tão incomodadas ultimamente. — Minha irmã soltou a colher. — Estão envergonhadas. Evitam contato. Sinto que algo está errado.”



Olho para as crianças cochilando nos colchonetes na sala. Papai disse que Odete não queria expô-las. É difícil decidir o contrário quando não se é mãe das crianças. Talvez minha irmã tenha razão. Aquela é a única forma de protegê-las. Deixar o vilão ganhar. Manter o desaparecimento correndo intacto. Uma avó sem saber do paradeiro. A população acreditando em inverdades.

Levanto. Sento na frente do computador. Ele disse que ela guardava coisas ali que não tinha na garagem. Abro as pastas. Acesso os vídeos. Ela gravou a conversa com as meninas. Todas relatando o que aconteceu. Depoimentos conclusivos. *Então você tinha as armas, Odete.* Sinto meu

estômago embrulhar. Fecho os olhos. Tento controlar a ânsia que me toma. É doentio. Horrível. Fecho o vídeo.

Paro por um tempo. Odete protegeu suas filhas. Quem sou eu para decidir algo diferente disso? Volto a mexer no mouse. Uma caixa de e-mail está aberta. Nenhuma mensagem na caixa de entrada. Nem enviada. A lixeira me chama a atenção. Entro.

Mensagens endereçadas a mim e que jamais deixaram a correspondência dela descansam em seu túmulo cibernético. Esquecidas.

Abro a última. Minhas mãos estão tremendo. Sinto as lágrimas brotarem antes mesmo de ler, pois a voz de Odete me invade com seu *Oi, mana!* Dói tanto. Respiro fundo. Limpo os olhos embaçados. Vejo a data. Ela tinha voltado ali depois do cisne. Quantas horas essa carta a separa da morte?

Oi, mana!

Você não vai acreditar. Eu estava com as crianças vendo os cisnes brincarem no lago quando um deles começou a voar estranho. Me aproximei só para garantir que estava tudo bem e dito e feito, ele estava ferido. Pulei na água. Ouvi as meninas berrarem um “Vai, mãe!”. Nossa, me senti a heroína de um quadrinho. Se você visse a quantidade de lama com a qual saí de lá, com toda a certeza não iria concordar com isso. É difícil criar cisnes sozinha, na fazenda você pode contar com ajuda de mais gente, só que aqui não dá. O bom é que a Michele me ajudou.

Foi estranho, porque, quando o levei na clínica e o vi sendo cuidado, comecei a chorar. O pobrezinho estava com a asa machucada, não era para tanto, mas eu chorei feito um bebê. Só depois entendi o motivo. O cisne me lembrou bastante de você.

Quando você se acidentou me senti presa. Incapaz. Vi você mergulhar na depressão, mas não pude lhe trazer alegria. Na verdade, não consegui lhe dar nada que não fosse a minha pior versão pessimista. Eu não podia, Odila. Todos precisavam ver que eu sentia muito pelas crianças. Principalmente Daniel. Sempre temi que ele suspeitasse do que fiz. Então me doeuever você lá, sofrendo. Levantando todos os dias, mas caindo durante as noites. Você era aquele cisne ferido e eu tive de entregar para outra pessoa cuidar, por não ser capaz de fazê-lo.

Dói. Ainda dói.

Sempre me pergunto se você vai me perdoar. Se a mamãe vai. Se, quando esse pesadelo terminar, as crianças vão entender o que significa voltar à sociedade. Como eu queria dar esperança para elas, Odila! Como eu queria ser capaz de levá-las para viver e não continuar nesse casulo. Mas eu sou mãe. Eu não consigo! Essa é a única coisa que sei fazer. Proteger elas. Será que, na verdade, eu sou covarde? Estou me enganando e fazendo o mesmo com elas? Eu não sei.

Só quero que minhas filhas tenham o seu final feliz.

*Para sempre,
Odete.*

— Eu vou garantir o final feliz delas, Odete. — Olho para o relógio. Faltam quatro horas para o julgamento. — Mas preciso acabar com uma

pessoa para conseguir isso.

Capítulo 33

Daniel está logo à frente. Não vejo seu rosto, apenas sua nuca e o cabelo raspado. Ele fala com o advogado, que não responde. O júri se mantém inquieto, o juiz focado nos papéis que tem à frente, o promotor levanta da cadeira. Quem assiste está vidrado, angustiado, pronto para saber o fim do julgamento. Tudo está em câmera lenta, mas sei que é minha cabeça apenas, demorando para processar que, no telão colocado às pressas, as filhas de Odete irão depor, auxiliadas por uma psicóloga, ao lado dos avós.

Meu coração parece que vai explodir. *Estou fazendo o certo?*, me pergunto tantas vezes que a afirmação se tornou uma mensagem gravada na cabeça. Preciso deixar o *sim* ali. Dito a mim mesma, garantindo que essa vai ser a única forma de proteger minhas sobrinhas, mantendo-as salvas do monstro que é Daniel.

— Tem certeza de que quer estar aqui? — Ouço a voz de Claudio. Encaro seu rosto manchado pela falta de sono. Reconheço como sendo meu marido, mas agora, depois dos dias que vivi, qualquer sentimento que eu tinha por ele desapareceu. Vejo o delegado de polícia me ajudando no caso, não mais aquele com quem casei. — Pode ser difícil ouvir o que elas têm a dizer.

— Estou pronta. — Daniel vira o rosto, vejo seus olhos me encarando. Aquele sorriso malicioso. O nó no estômago é tão forte que sinto o vômito travar na garganta. — Estou pronta para destruir esse desgraçado.

O telão acende. A imagem das meninas aparece borrada pela qualidade da internet colocada às pressas lá no sítio. William está ao lado de uma mulher desconhecida, provavelmente a psicóloga infantil. *Odete*. Baixo os olhos. Não consigo olhar mais e agora entendo o que ela queria dizer. O cochichar é audível. O movimento das pessoas nos bancos também se torna mais claro. A imagem das meninas está exposta. Eu havia destruído o último desejo da minha irmã e agora sequer consigo aceitar minha escolha e encará-la.

— Muito bem... — A voz do promotor faz a pergunta que é apenas um zumbido no meu ouvido. A cadeira à frente tem um corte profundo, provavelmente algo que já veio da árvore que foi arrancada. Range quando a pessoa se mexe. Fecho a mão, quando uma das meninas responde. O punho cerrado. A respiração lenta.

A pessoa ao lado passou um perfume enjoativo, provavelmente infestou a sala inteira. Não tem como sentir outra coisa que não aquele odor de mousse de morango. Sinto que vou vomitar. Coloco uma das mãos no estômago. Alguém tosse, mas não apenas isso, é com catarro do fundo da garganta.

— E o que ele lhe dizia? — continua o homem. A mão de Claudio me toca. Ele pergunta algo, alguém lhe manda calar a boca. Não consigo responder. Ficar quieta é o melhor, me concentrar em qualquer merda é tudo o que posso fazer para controlar o sentimento que me corrói por dentro.

Odete. O que eu fiz, Odete? E se ele não for condenado? E se depois de anos o soltarem e ainda tratarem ele como celebridade? Odete! Sinto meus olhos arderem como se tivessem esfregado pimenta neles. Quero chorar, gritar, mas não consigo. Volto a sentir o nó dos dedos de Claudio nos meus. Não ouço mais a voz do promotor. Nem a voz do juiz. Tudo está embaçado demais. Pontos escuros aparecem e desaparecem.

Eu vou matá-lo, Odete.

— Odila? — Claudio me balança. Reajo ao seu toque com um susto. Me afasto instintivamente. Vejo algumas pessoas saindo da sala. O juiz não está mais lá, o telão voltou a ficar branco. Daniel também não está ali. — Você está bem?

— O que aconteceu? — pergunto, puxando sua camisa. — Ele foi inocentado? O que aconteceu, Claudio?

— Calma! Calma! Não, Odila. O júri está deliberando. — Ouço aquelas palavras com um certo alívio pisado pela ansiedade de que não acabou. Nada acabou. — Tem certeza de que não quer ir para casa? Você ficou pálida, Odila. Parecia que ia ter um treco.

— Eu estou bem! Falta pouco agora. — Me apoio no encosto da cadeira. Observo a sala vazia. — Logo vai acabar.

— Odila? Senhora Odila? — Olho para o lado quando meu nome é pronunciado. Vejo a corja de repórteres subindo um no outro para me entrevistar. Estão com suas câmeras, microfones, olhos sedentos por notícia. Claudio se levanta na hora, ergue os braços para me proteger deles. — Como

se sente destruindo a carreira de um homem amado pela sociedade?

— Vocês não deviam estar aqui! — diz Claudio, mas suas palavras são fracas demais em meio a eles.

— Odila, não acha que suas sobrinhas provocaram o promotor Daniel? Um homem reconhecido por seus méritos em sociedade e com todo o dinheiro que possuí seria um prato cheio para uma mãe solteira e desempregada de três filhas, não? — continuam.

— Sua irmã não foi casada com um drogado, senhora Odila? Ela também era usuária de drogas? As meninas não foram usadas pela mãe para conseguir dinheiro, Odila?

Me levanto. Ando até eles, Claudio não interfere, abre espaço para que eu passe. Seus microfones estão todos em mim, os flashes das máquinas disparam o tempo inteiro. Olho para cada rosto, demoro o suficiente para deixá-los desconcertados, para marcá-los, para que lembrem de mim sempre.

— Antes de fazerem esse tipo de pergunta para mim, façam a si mesmos e percebam se gostariam de responder considerando que são suas filhas, sobrinhas, irmãs e netas que estão no julgamento. — Passo por eles abrindo espaço com minha muleta. O silêncio de alguns não é definido apenas pela minha resposta, até porque nem todos os seres humanos possuem a capacidade de identificação. Prova disso está nos que fingem que não precisam se preocupar e seguem a rede de notícias sensacionalistas. Quando a notícia virar gente e não números, talvez essa questão mude.

O retorno do júri demora duas horas para acontecer. Claudio é quem me avisa, mas quando chegamos os bancos estão lotados e a sala parece uma discoteca de tanta gente falando e se cumprimentando ao mesmo tempo. Silêncio só existe quando o juiz chega e é entregue a decisão.

Estar de pé me dá uma força a mais, pois sinto que a muleta tem muito mais capacidade de me apoiar do que o próprio banco. Talvez por tudo o que passei acompanhada de um objeto, o sentimento de firmeza só venha daquilo. Engulo a saliva, é um tijolo descendo pela garganta seca. O juiz lê o que está à sua frente e ajeita os óculos antes de lavrar a sentença.

— Peço a todos os presentes que fiquem de pé para a leitura da sentença. — Observo todos se levantarem, o calor sobe pelo meu corpo, limpo o suor na testa. — Considerando as provas apresentadas neste tribunal, a culpabilidade gravíssima, conduta altamente reprovável e absoluta insensibilidade com a vida humana, sentencio o réu Daniel Rothbart a vinte anos de prisão por Crime de Estupro de menor de idade e Homicídio

qualificado.

Ouvir aquelas palavras do juiz fazem meu pulmão se encher de ar.

Nós conseguimos, Odete. Nós finalmente conseguimos.

A vitória que parecia tão longe, finalmente posso tocá-la.

Capítulo 34

Oi, mana!

Trouxe todas as minhas coisas dentro da mala, embolado, com sapatos no meio de camisa e calcinha dentro de bolso de calça. Tudo para sair rápido do apartamento. Eu e Claudio conversamos depois do julgamento, isso aconteceria cedo ou tarde, não seria fácil, mas também não dava para continuar empurrando com a barriga. Ele queria manter tudo, nosso casamento poderia ser salvo se esquecêssemos e recomeçássemos. Como se fosse simples. Apagar com a borracha uma vida escrita à caneta.

Eu não te amo. Antes disso tudo, já não te amava. Isso é motivo o suficiente para um fim. Claudio não ouviu muito mais depois disso. Ele aceitou, mas talvez me amasse o suficiente para sofrer por uma despedida. Espero que ele seja feliz, que encontre alguém que o faça bem, o que infelizmente não aconteceria para nós.

Uberta está morando aqui também, você consegue imaginar mais duas pessoas nessa casa minúscula? Eu não. Na verdade, estamos dormindo na sala e isso não pode durar muito tempo, preciso construir um quarto na parte de trás. Ou melhor, dois! Vou enlouquecer com essa velha no mesmo lugar que eu.

Mamãe e papai estão se dando bem. Se é que essa palavra combina com o relacionamento dos dois. Ela ficou bem chocada com tudo o que aconteceu e, claro, rancorosa por você ter escondido essas coisas dela, mas, bom, isso vai passar cedo ou tarde. Provavelmente, tarde.

Nós também contamos às meninas sobre você. A psicóloga tem acompanhado elas semanalmente e, não vou mentir, é difícil. A mais nova sempre acorda chorando à noite e já perguntou algumas vezes quando você volta. É um questionamento que me faço também, só para garantir um pouco de esperança, sabe? De que um dia posso te reencontrar. Acho que não faz tão mal pensar assim. Não sei.

Ah, hoje vou a um lugar especial. Tenho que buscar alguém que ficou para trás nesse tempo. Vou lhe contar como está no próximo e-mail. Até lá.

*Para sempre,
Odila.*

Desligo a tela do computador. Vejo que Uberta está preparando uns lanches na pia. As meninas brincam do lado de fora, acompanhadas pelo olhar atento do cão-vigia, como elas o chamam. Papai também está lá fora, entretido faz algumas horas com um livro. Odete puxou por ele, com toda a certeza.

— Me ajuda aqui, Odila — pede Uberta, o rosnado delicado de sua voz me faz pensar que tudo o que eu menos queria era ser parecida com ela. Quando me viro, o rosto marcado de rugas e a expressão rigorosa garante que sim, sou igual a minha mãe, mesmo sendo gêmea de Odete. Afinal, qual o sentido? — Que foi? Vai sair?

— Sim, na verdade preciso pegar uma coisa. Guarda um lanche para mim? — Ela dá um resmungo pouco satisfeito e volta a cortar os tomates.

Pego o casaco da cadeira e a muleta, saio pela porta. Tive de devolver o carro de Claudio com alguns problemas, o lado bom é que ele não reclamou e o melhor ainda é que o meu está inteiro. Atravesso a ponte, abro a porta e respiro todo o ar de limpeza que está no estofado. Não quero o mal do meu ex-marido, mas, depois de tudo o que aconteceu, dos anos que passamos juntos, não nego que dá uma certa gratificação por esses acontecimentos.

Coloco na rádio. Demorou alguns dias até que o jornal esquecesse de Daniel e fosse seguro ouvir. Queria que a minha cabeça também conseguisse ser proativa e a sombra que foi aquele homem desaparecesse. Contudo, isso não acontece. Ele sempre está lá, no canto escuro do quarto, no meio das árvores, no meu inconsciente, sussurrando que um dia vai voltar.

Então o medo me toma e a noite é longa demais.

Me pergunto se, em casos assim, a paz é alcançada.

Viro na estrada de chão que leva ao posto de Michele. Já consigo ver o lago e a casa colonial. As janelas estão abertas com o tecido das cortinas balançando com o vento. Algumas aves saem voando quando o carro passa próximo. Estaciono. A mulher sai na porta para me receber. Está com um sorriso, diferente da última vez.

— Olha só quem está aqui! No que posso te ajudar, Odila? Não vai me dizer que gostou de caçar cisne? — Dá risada. Eu contei tudo o que aconteceu em uma ligação. Sobre as filhas de Odete, o esconderijo, Daniel. Michele se tornou uma estranha amiga, algo que eu não tinha há muitos anos.

— Agradeço, mas chega de caçar aves por aí. — Manco até o começo das escadas, a mão tampando o sol forte que acerta meus olhos. — Na verdade, vim buscar aquele cisne ferido.

Não sei quantos pedaços nós deixamos no mundo, nem o que levamos dele. Contudo, acredito que aquela ave seja um fragmento de Odete. Um pedaço de sua alma que se resguardou no que ela mais amava: os cisnes. Assim, poderia me mostrar o caminho. Poderia nos levar de volta para casa.

Fim.

Sobre a autora



Francine Cândido, nascida nos anos 90, sonhava em fazer parte da Turma do Bairro e morar em uma casa na árvore. Acabou descobrindo que a escrita podia lhe proporcionar todos os materiais para construir algo sólido e significativo, tanto na sua vida quanto na de outras pessoas. Hoje, é mãe de um bebê meme lindo e sabe que dormir é item de luxo. Escreveu [*Encontro na Cafeteria*](#) e [*Céu, Azul Céu*](#), ambos disponíveis na Amazon. Em 2020, assinou dois contratos com a Editora Fora da Caixa.

Onde encontrá-la:

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Twitter](#)

FEMME FATALE

A antologia “Femme Fatale” reúne doze autoras nacionais para releitura de grandes heroínas de contos de fadas como protagonistas fortes e independentes.

Outros contos da antologia:



